

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LISANDRA LOPES SILVA DOS SANTOS**

**TEMPOS COMPOSTOS DO MODO SUBJUNTIVO NA**  
**AQUISIÇÃO DE ESPANHOL COMO SEGUNDA LÍNGUA**  
**POR APRENDIZES BRASILEIROS SOB A PERSPECTIVA**  
**GERATIVA**

Guarulhos

2019

**LISANDRA LOPES SILVA DOS SANTOS**

**TEMPOS COMPOSTOS DO MODO SUBJUNTIVO NA  
AQUISIÇÃO DE ESPANHOL COMO SEGUNDA LÍNGUA  
POR APRENDIZES BRASILEIROS SOB A PERSPECTIVA  
GERATIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcello Marcelino

Guarulhos

2019

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

#### **Ficha catalográfica elaborada pelo autor**

Santos, Lisandra Lopes Silva.

Tempos Compostos do Modo Subjuntivo na Aquisição de Espanhol como Segunda Língua por Aprendizizes Brasileiros sob a Perspectiva Gerativa / Lisandra Lopes Silva dos Santos. - 2019.

158 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas, 2019.

Orientador: Marcello Marcelino

Título em inglês: The Compound Tenses of Subjunctive Mood in Second Language Acquisition of Spanish by Brazilian Learners under the Generative Perspective.

1. Aquisição de espanhol como segunda língua. 2. Teoria Gerativa. 3. Morfossintaxe. 4. Interface sintaxe-semântica. I. Marcelino, Marcello. II. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas. III. Tempos Compostos do Modo Subjuntivo na Aquisição de Espanhol como Segunda Língua por Aprendizizes Brasileiros sob a Perspectiva Gerativa.

**LISANDRA LOPES SILVA DOS SANTOS**  
**TEMPOS COMPOSTOS DO MODO SUBJUNTIVO NA AQUISIÇÃO DE**  
**ESPAÑHOL COMO SEGUNDA LÍNGUA POR APRENDIZES BRASILEIROS SOB A**  
**PERSPECTIVA GERATIVA**

Trabalho de conclusão de Dissertação  
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Letras da Universidade Federal de São Paulo  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Mestre em Letras.

Aprovação: 25/03/2019

---

Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Marcello Marcelino  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Maria Cibele González Pellizzari Alonso  
FECAP

---

Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Rafael Dias Minussi  
Universidade Federal de São Paulo

Aos meus pais, que não têm casa própria, nem carro porque minha  
educação sempre foi a prioridade da casa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcello Marcelino, por aceitar orientar minha pesquisa, pelas aulas e experiências trocadas. Não tenho palavras para agradecer a compreensão, o acolhimento, a orientação e sua constante alegria, além da leveza e humildade com as quais você conduziu este processo. Você é inspiração para seus orientandos e alunos.

Aos meus pais, que sempre colocaram minha educação como prioridade, por todo apoio.

Aos meus amigos, que entenderam os momentos de ausência, principalmente ao Igor, por ser meu irmão de alma e sempre estar presente e à Cris, pela ajuda com os testes e a companhia de sempre. A ambos por nunca terem perdido a paciência para me escutar. Agradeço também ao Diogo pela ajuda com os testes.

Ao Caio, por ter apoiado cada passo meu. Seu amor, incentivo, carinho e sua disposição para me escutar e me aconselhar foram fundamentais. Sem dúvidas, eu não poderia ter um companheiro mais compreensível e amável.

Aos meus amigos de pesquisa em L2, Stefanie Martin e Felipe Azevedo, pelas nossas discussões, pesquisas e pelos conhecimentos que compartilhamos, além dos momentos de descontração, e à minha colega de área Patrícia Veloso, pelas conversas descontraídas, trocas e indicações de bibliografia.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unifesp, principalmente os que listo a seguir: Prof. Dr. Sandro Luis Silva, Prof. Dr. Rafael Dias Minussi, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Indaiá de Santana Bassani, que também foram meus professores na graduação, e ao Prof. Dr. Orlando Vian Jr., pelas excelentes aulas. Agradeço ainda ao Prof. Dr. Janderson Lemos de Souza, por quem tenho grande admiração desde a graduação, pelos comentários em congressos e por tirar minhas dúvidas sobre semântica.

A todos que responderam meu teste e tornaram possíveis os resultados deste trabalho.

À banca, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cibele González P. Alonso e Prof. Dr. Rafael Dias Minussi, por terem aceitado o convite e pelas contribuições.

Às professoras do Departamento de Espanhol da Unifesp pela ajuda com os testes, além do carinho de sempre, em especial à Prof.<sup>a</sup> Etel, que me deu à luz na vida acadêmica.

A todos que, de certa forma, contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo investigar dificuldades na aquisição de espanhol (E) por aprendizes brasileiros em relação ao uso dos tempos compostos do modo subjuntivo (MS) nas orações subordinadas substantivas. Durante esse processo de aquisição, sentenças agramaticais utilizando o modo indicativo (MI) e tempos simples do MS são construídas por aprendizes brasileiros na expressão de significados que se dão apenas por meio dos tempos compostos do MS em E. Essas dificuldades, assim como as sentenças agramaticais produzidas devido a elas, podem indicar a relação entre o input ao qual o aprendiz é exposto e o desenvolvimento da segunda língua (L2). Os objetos de investigação deste trabalho são o *pretérito perfecto de subjuntivo* e o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* nas orações substantivas. Tendo ciência de que as representações das propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas podem dar-se de formas distintas na língua nativa (L1) e na L2, são levantadas as seguintes perguntas:

A. As incompatibilidades entre o português brasileiro (PB) e o E encontram-se nos traços morfossintáticos e semânticos de tempo, aspecto e modo das orações subordinadas substantivas que se manifestam distintamente nas duas línguas?

B. As sentenças agramaticais produzidas devem-se à reordenação dos traços no processo de aquisição de segunda língua (AL2)?

Dessa maneira, parto da hipótese gerativa de que nascemos dotados da faculdade da linguagem, vinculada ao conceito de Gramática Universal (GU) (CHOMSKY, 1981; 1986). A esse conceito, relaciono os estudos sobre AL2 (WHITE, 1989; 2003a; 2003b), sobre o MS (PALMER, 2001) e como o modo é adquirido na aquisição de E como L2 (GUDMESTAD, 2006, MONTRUL, 2004). Ainda, estabeleço a relação entre o processo de AL2 e a hipótese da reordenação dos traços (LARDIERE, 2008; 2009; 2012, STRINGER, 2012) e descrevo os traços morfossintáticos e semânticos envolvidos na seleção do MS em PB e em E. Como metodologia, foram aplicados testes de produção provocada com exercícios que requeiram, não explicitamente, o uso dos tempos compostos, retirados de livros de espanhol língua estrangeira (ELE), respondidos por estudantes universitários de Letras/Espanhol, professores de ELE e um grupo controle formado por falantes nativos de espanhol de diferentes nacionalidades, bem como a observação do Corpus de Aprendizes (CoMAprend), ambos analisados qualitativamente. Durante a análise e discussão dos resultados, observou-se que, apesar de o PB e o E terem em seu quadro verbal os dois tempos compostos do MS referidos, as línguas não coincidem em todos os usos dos tempos. Do mesmo modo, foi possível perceber que no processo de AL2 os aprendizes não transportam todas as estruturas da L1 para a língua-alvo, mas sim passam pelo processo de reordenação dos traços. Nesse sentido, esta dissertação corrobora os estudos de AL2 ao concluir que as sentenças subordinadas substantivas agramaticais produzidas pelos aprendizes de E como L2 se devem à reordenação dos traços morfossintáticos e semânticos que envolvem a seleção dos tempos compostos do MS.

Palavras-chave: aquisição de espanhol como segunda língua; teoria gerativa; morfossintaxe; interface sintaxe-semântica.

## RESUMEN

Esta tesis de maestría tiene como objetivo investigar las dificultades en la adquisición del español (E) por aprendices brasileños en relación al uso de los tiempos compuestos del modo subjuntivo (MS) en las oraciones subordinadas sustantivas. Durante el referido proceso, los aprendices brasileños construyen sentencias agramaticales utilizando el modo indicativo (MI) y tiempos simples del MS para expresar significados que se dan solamente por medio de los tiempos compuestos del MS en E. Esas dificultades, así como las sentencias agramaticales producidas debido a ellas, pueden indicar la relación entre el *input* al cual el aprendiz está expuesto y el desarrollo de la segunda lengua (L2). Los objetos de investigación de este trabajo son el pretérito perfecto de subjuntivo y el pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo en las oraciones subordinadas sustantivas. Teniendo ciencia de que las representaciones sintácticas, semánticas y morfológicas se pueden dar de distintas formas en la L1 y la L2, se levantan las siguientes preguntas:

A. ¿Las incompatibilidades entre el portugués brasileño (PB) y el E se encuentran en los rasgos morfosintácticos y semánticos de tiempo, aspecto y modo de las oraciones subordinadas sustantivas que se manifiestan distintamente en las dos lenguas?

B. ¿Las sentencias agramaticales producidas se deben a la reordenación de los rasgos en el proceso de adquisición de segunda lengua?

De esa manera, parto de la hipótesis generativa de que nacimos dotados de la facultad del lenguaje, vinculada al concepto de Gramática Universal (GU) (CHOMSKY, 1981; 1986). A ese concepto, relaciono los estudios sobre AL2 (WHITE, 1989; 2003a; 2003b), sobre el MS (PALMER, 2001) y cómo se adquiere el modo en la adquisición del E como L2 (GUDMESTAD, 2006, MONTRUL, 2004). Todavía, establezco la relación entre el proceso de AL2 y la hipótesis de la reordenación de los rasgos (LARDIERE, 2008; 2009; 2012, STRINGER, 2012) y describo los rasgos morfosintácticos involucrados en la selección del MS en PB y en E. Como metodología, se aplicaron testes de producción provocada con ejercicios que requieran, no explícitamente, el uso de los tiempos compuestos, retirados de libros de español lengua extranjera (ELE), respondidos por estudiantes universitarios de Letras/Español, profesores de ELE y un grupo control formado por nativos de diferentes nacionalidades, así como la observación del *Corpus de Aprendizes* (CoMAprend), ambos analizados cualitativamente. Durante el análisis y discusión de resultados, se observó que, pese a que el PB y el E tengan en su cuadro verbal los dos tiempos compuestos del MS referidos, las lenguas no coinciden en todos los usos de los tiempos. Del mismo modo, fue posible percibir que en el proceso de AL2 los aprendices no trasportan todas las estructuras de la L1 a la lengua meta, sino que pasan por el proceso de reordenación de los rasgos. En ese sentido, esta tesis corrobora los estudios de AL2 al concluir que las sentencias subordinadas sustantivas agramaticales producidas por los aprendices de E como L2 se deben a la reordenación de los rasgos morfosintácticos y semánticos que envuelven la selección de los tiempos compuestos del MS.

Palabras-clave: adquisición de español como segunda lengua; teoría generativa; morfosintaxis; interfaz sintaxis-semántica



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tempos do modo subjuntivo em PB.....	22
Quadro 2: Tempos do MS em Espanhol.....	23
Quadro 3: Exemplo de teste aplicado por Blake (1983).....	38
Quadro 4: Combinação linguística de traços em contextos de subjuntivo.....	41
Quadro 5: Tempos do MS em Espanhol.....	43
Quadro 6: Correspondência dos tempos do indicativo e do subjuntivo.....	45
Quadro 7: Representação da expressão dos traços de [ $\pm$ ant(erioridade)] no âmbito do presente.....	57
Quadro 8: Representação da expressão dos traços de [ $\pm$ ant(erioridade)] no âmbito do passado.....	58
Quadro 9: Situações imperfectiva e perfectiva.....	65
Quadro 10: Situação imperfectiva e perfectiva com o MS.....	66
Quadro 11. Tempos compostos do modo subjuntivo em PB.....	69

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da hierarquia sintática do sintagma complementizador (CP) Extraído de Montrul (2004, p. 91).....	31
Figura 2: Representação dos lugares em que os traços de aspecto lexical e gramatical são checados. Extraído de Montrul (2004, p. 99). ....	32
Figura 3: Verbos utilizados na oração principal das orações subordinadas substantivas. Extraído de Santos (2014). ....	78
Figura 4: Distribuição do uso do indicativo conforme a faixa etária em São Paulo e São Luís. Extraído de Santos (2004).....	80
Figura 5: Tendências de emprego do Indicativo em São Paulo e em São Luís. Extraído de Santos (2014).....	81
Figura 6: Organização do Léxico. Extraído de Gallego, 2011, p. 17.....	83
Figura 7: Representação da relação estabelecida pelo Item de Vocabulário.....	85
Figura. 8: Arquitetura da gramática. Extraída e adaptada de Halle e Marantz (1993).....	86
Figura 9: Arquitetura da Gramática proposta pela MD. Extraído de Bassani e Minussi (2017).....	86
Figura 10: Estrutura básica do Português. Extraído de Bassani e Lunguinho (2011).....	87
Figura 11: Estrutura morfológica do verbo em Português. Extraído de Bassani e Lunguinho (2011).....	87
Figura 12: Combinação de traços linguísticos nos contextos de uso dos tempos compostos do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas.....	98

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados sobre a seleção do MS encontrados por Gudmestad (2006).....	40
Tabela 2 - Expressões e verbos que induzem o uso do MS em E e os traços que carregam.....	50
Tabela 3 - Verbos e expressões que induzem ao uso do MS em PB e os traços que carregam.....	72
Tabela 4 - Tempos do MS com morfemas em destaque.....	73
Tabela 5 - Número de testes por grupo.....	91
Tabela 6 - Produções do corpus COMET.....	95
Tabela 7 - Exemplo de interpretação da tabela contendo os dados.....	99
Tabela 8 - Dados sobre os informantes do teste.....	100
Tabela 9 - Exercício 1 do G1.....	101
Tabela 10 - Exercício 2 do G1.....	104
Tabela 11 - Exercício 4 do G1.....	106
Tabela 12 - Exercício 5 do G1.....	108
Tabela 13 - Exercício 6 do G1.....	110
Tabela 14 - Exercício 7 do G1.....	111
Tabela 15 - Exercício 1 do G2.....	114
Tabela 16 - Exercício 2 do G2.....	116
Tabela 17 - Exercício 4 do G2.....	119
Tabela 18 - Exercício 5 do G2.....	121
Tabela 19 - Exercício 6 do G2.....	124
Tabela 20 - Exercício 1 do G3.....	126
Tabela 21 - Exercício 2 do G3.....	128
Tabela 22 - Exercício 4 do G3.....	130
Tabela 23 - Exercício 5 do G3.....	131
Tabela 24 - Exercício 6 do G3.....	132
Tabela 25 - Exercício 7 do G3.....	134
Tabela 26 - Exercício 1 do GC.....	136
Tabela 27 - Exercício 2 do GC.....	137
Tabela 28 - Exercício 3 do GC.....	139
Tabela 29 - Exercício 4 do GC.....	139

Tabela 30 - Exercício 5 do GC.....	140
Tabela 31 - Exercício 6 do GC.....	141

## LISTA DE SIGLAS

AL2	Aquisição de segunda língua
GU	Gramática universal
E	Espanhol
ELE	Ensino de espanhol como língua estrangeira
FF	Forma fonológica
FL	Forma lógica
L1	Língua nativa
L2	Segunda língua
MD	Morfologia Distribuída
MS	Modo subjuntivo
MI	Modo indicativo
PB	Português brasileiro
S	Tempo de fala
EV	Evento
AUX	Auxiliar
ANT	Anterior
SG	Singular
PL	Plural
PRES	Presente
IND	Indicativo
SBJV	Subjuntivo
PRET	Pretérito
PRET.PERF	Pretérito perfeito
FUT.PRET	Futuro do pretérito
FUT	Futuro
PERF	Perfeito
IMPERF	Imperfeito
MAIS.QUE.PERF	Mais que perfeito
COMP	Composto
PTCP	Particípio
GER	Gerúndio

INF

Infinitivo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
1.1 Quadro teórico .....	17
1.2 Hipótese .....	22
1.3 Objetivos.....	26
1.4 Justificativa .....	26
1.5 Estrutura da dissertação .....	27
<b>2 O PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>30</b>
2.1 O tempo, o aspecto e o modo na aquisição de Espanhol .....	30
2.3 Os tempos compostos do MS em E .....	42
2.3.1 Gili Gaya, 1980.....	45
2.1.1 Real Academia Española (RAE), 2009.....	49
2.3.3 Alarcos Llorach, 1994 .....	55
2.3.4 Cartagena, 1999 .....	57
<b>3 AS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS.....</b>	<b>60</b>
3.1 Os tempos compostos do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em E.....	62
3.2 O modo subjuntivo em português brasileiro.....	69
3.2.1 Cunha e Cintra, 2013 .....	70
3.2.3 Bechara, 2004.....	72
3.2.4 Perini, 2005.....	73
3.3 A morfologia do indicativo na expressão do subjuntivo .....	75
3.3.1 Castro, 2005. ....	76
3.3.2 Santos, 2014.....	77
3.4 Reordenação dos traços ( <i>feature reassembly</i> ) .....	82
3.5 Morfologia Distribuída.....	84
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>89</b>

<b>4.1 Testes e a identificação do problema .....</b>	<b>90</b>
<b>4.1.1 Características dos informantes e divisão dos grupos.....</b>	<b>91</b>
<b>4.1.2 Tipo de teste realizado.....</b>	<b>92</b>
<b>4.1.3 Procedimento de aplicação do teste .....</b>	<b>93</b>
<b>4.1.4 Procedimento de análise qualitativa dos dados obtidos .....</b>	<b>93</b>
<b>4.3 Análise dos traços segundo a MD.....</b>	<b>96</b>
<b>4.4 Apresentação qualitativa dos dados.....</b>	<b>96</b>
<b>5 ANÁLISE .....</b>	<b>98</b>
<b>5.1 Os testes .....</b>	<b>99</b>
<b>5.1.1 Grupo 01.....</b>	<b>101</b>
<b>5.1.2 Grupo 02.....</b>	<b>114</b>
<b>5.1.3 Grupo 03.....</b>	<b>126</b>
<b>5.1.4 Grupo Controle.....</b>	<b>135</b>
<b>5.2 Síntese da análise dos dados dos testes .....</b>	<b>143</b>
<b>5.3 Os dados do CoMAprend .....</b>	<b>144</b>
<b>5.4 Considerações finais .....</b>	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>155</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta Dissertação de Mestrado está voltada à investigação sobre o processo de aquisição de espanhol (E) como segunda língua (L2) por aprendizes brasileiros no que tange à reordenação do conjunto de traços que formam os itens lexicais expressos por meio dos tempos compostos do modo subjuntivo (MS) em E em uso, que são o *pretérito perfecto de subjuntivo*<sup>1</sup> e o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, nas orações subordinadas substantivas.

A variedade do E à qual farei referência no decorrer deste trabalho pode ser denominada como *español estándar*, ou seja, não se fará referência à variedade do E específico de uma região ou país. Isso se deve a que, diferentemente da língua portuguesa, a língua espanhola é bem mais homogênea, principalmente na sintaxe e na morfologia nos níveis mais cultos, de acordo com Moreno Fernández (2000). O autor a define, ainda, como uma *coíné*<sup>2</sup>: possui uma homogeneidade linguística apreciável que faz com que seja possível a intercompreensão entre os falantes procedentes de países muito distantes entre si. Ainda, em relação ao fenômeno estudado, não há relatos de uso de tempos do MI no lugar do MS em orações subordinadas substantivas por falantes nativos de espanhol nos contextos em que há na oração principal um gatilho lexical que requeira o uso do MS.<sup>3</sup> Também não foi encontrada nenhuma variação nesse sentido nos testes aplicados ao grupo controle deste trabalho.

A pesquisa justifica-se pelo fato de que os brasileiros possuem dificuldades com os usos do subjuntivo em E. Ainda que o modo exista nos dois idiomas, os usos de seus tempos verbais, descritos no Capítulo 2 para E e no Capítulo 3 para português brasileiro (PB), diferenciam-se em alguns aspectos. Uma das hipóteses deste trabalho sustenta-se em uma dessas diferenças: o fenômeno sociolinguístico do uso do indicativo no lugar do subjuntivo no PB, descrito também no Capítulo 3. A outra hipótese coloca o processo de reordenação dos traços como uma possível justificativa da produção de sentenças

---

<sup>1</sup> Neste trabalho usar-se-á o itálico para palavras em língua espanhola e o negrito para destacar trechos em língua portuguesa.

<sup>2</sup> Língua comum falada e escrita pelos gregos nos países do Mediterrâneo oriental, nos períodos helenístico e romano. Por extensão, denomina-se *coíné* qualquer língua ou dialeto comum constituído segundo esse modelo e utilizado como padrão numa vasta área.

<sup>3</sup> Moreira (2014) realizou um estudo sobre orações declarativas independentes com expressões dubitativas no E falando na Cidade do México. A partir desse estudo, o autor conclui que nessa região há expressões de dúvida que favorecem o indicativo, como *a lo mejor* (talvez) e *seguramente* (certamente). Já expressões como *probablemente* (provavelmente) e *quizás* (quem sabe) favorecem o subjuntivo.

agramaticais pelos aprendizes durante o processo de AL2. Sugere-se, ainda, que as dificuldades no uso dos tempos compostos do MS em E nas orações subordinadas substantivas possam lançar luz ao que ocorre no processo de aquisição de E como L2 e às relações existentes entre esse processo e a exposição do aprendiz ao *input*.

Por conseguinte, esta pesquisa lida com características morfossintáticas e semânticas do E, propondo que essas particularidades, somadas às características da língua portuguesa falada no Brasil, constituem fonte de possíveis dificuldades para aprendizes brasileiros no processo de aquisição do espanhol como L2 e utiliza, para descrevê-las, a teoria gerativa sobre AL2.

### 1.1 Quadro teórico

A aquisição de segunda língua (AL2) é um processo parcialmente diferente do desenvolvimento da primeira língua (L1), mas que guarda diferenças importantes. Tal afirmação justifica-se, segundo Lightbown e Spada (2006), pelo fato de que, neste último, há um alto grau de similaridade entre todas as crianças do mundo no estágio inicial, tais como a ordem de aquisição de morfemas gramaticais, os estágios de expressão da função de negação e de como fazer perguntas. Na AL2 também há estágios similares entre os aprendizes, no entanto, o processo é influenciável por outros aspectos, tais como qual L1 o falante tem e qual(is) L2 está adquirindo. Além disso, aparentemente o aprendiz de L2 não parece atingir o estágio estabilizado de forma uniforme, já que o ‘resultado final’ apresenta tremenda variabilidade. Por exemplo, falantes de alemão ou dinamarquês como L1 demonstram aprender o possessivo ‘s do inglês primeiro, já que essas línguas também possuem um morfema de possessivo, em comparação com falantes de E ou francês como L1, línguas que apresentam o possessivo de maneira diferenciada (LIGHTBOWN e SPADA, *ibid.*, p. 82-83).

Os estudos de aquisição de L2 baseiam-se nos fenômenos descritos em aquisição de L1, uma vez que uma das grandes questões é investigar até que ponto o processo é semelhante, e em que aspectos é diferente.

Há diversas perspectivas que hipotetizam como a criança desenvolve sua L1, dentre elas, as hipóteses behaviorista, inatista, interacionista e conexionista<sup>4</sup>. Elas

---

<sup>4</sup> Para uma breve introdução sobre as teorias de ensino, aprendizagem e aquisição de L2 ver Lightbown e Spada (2006). Para um aprofundamento, dentro do quadro da linguística gerativa, ver Slabakova (2016).

diferenciam-se entre si em relação ao papel do ambiente, à capacidade inata de um módulo separado da mente para desenvolver a linguagem, à importância da interação e da imitação no processo.

A hipótese que adoto neste trabalho é a inatista, que está vinculada à teoria gerativa. A teoria tem como base o seguinte questionamento: como a criança sabe muito mais do que ouve, ou seja, como sua produção vai além do que lhe é fornecido como *input*? Essa questão foi proposta por Chomsky (1959) e é conhecida como Problema de Platão, Argumento da Pobreza de Estímulo ou, ainda, Problema Lógico da Aquisição de Linguagem.

A resposta está na capacidade inata, exclusiva da espécie humana, de um módulo especializado da mente para desenvolver a linguagem. De acordo com a teoria gerativa, a característica central da linguagem é que podemos gerar um conjunto infinito de sentenças a partir de um conjunto finito de regras que estipula o que é gramatical dentro de uma língua.

Segundo White (2003b), que retoma o Argumento da Pobreza de Estímulo, a Gramática Universal (GU), dispositivo da linguagem inerente à espécie humana, é a explicação de como os aprendizes sabem não só o que lhes é dado como *input*, mas também como certas estruturas não são possíveis, ou seja, “o *input* (os dados linguísticos primários – PLD, na sigla em inglês) subdetermina o *output* (a gramática).” (WHITE, 2003b, p. 20)<sup>5</sup>. A GU contém os princípios universais e é responsável pela marcação dos parâmetros da língua a que a criança está exposta no desenvolvimento da L1 e pela remarcação dos parâmetros na AL2.

Para a realização desse processo, de acordo com Haegeman (1994, p. 15), é necessária a exposição ao conteúdo linguístico - *input* - para que, ao ter a experiência linguística, seja possível que a criança construa a gramática interna da sua língua, marcando, desta maneira, os parâmetros da língua nativa.

À GU, para a autora, são atribuídas duas propriedades:

- A GU contém princípios e noções absolutamente universais que não variam entre as línguas;

---

<sup>5</sup> Tradução minha do trecho original: “the input (the PLD) underdetermines the output (the grammar).”.

- Há propriedades específicas das línguas, que variam de uma língua para outra e não são completamente determinadas pela GU. Uma série de escolhas é disponibilizada pela GU para essas propriedades.

Os princípios, explicitados no primeiro item, portanto, são universais e os parâmetros, apontados no segundo item, são específicos de cada língua. A opção disponível para marcar esses parâmetros também é determinada pela GU. Para essa teoria, nisso consiste adquirir o conhecimento linguístico (HAEGEMAN, *ibid.*, p. 15).

Para a teoria gerativa, se não houver uma capacidade inata, característica da espécie humana, a aquisição linguística não ocorrerá. A teoria de aquisição descrita neste trabalho trata dos estágios iniciais de aquisição da linguagem, como ela se desenvolve, e como demonstra ser uma característica da espécie humana. Se a linguagem não fosse um bem genético, característico da espécie, não se desenvolveria.

A teoria gerativa para a AL2 baseia-se nos que foi postulado para a L1. É necessário, porém, pontuar que, no caso da L2, o indivíduo já adquiriu essencialmente uma língua, logo, possui uma matriz linguística, é maduro cognitivamente e possui conhecimento metalinguístico. Essas habilidades, por um lado, possibilitam que os aprendizes mais velhos resolvam problemas e, por outro lado, podem interferir no processo. No entanto, as condições de aprendizagem, tais como as poucas horas de exposição à L2, a orientação de permanecer calados até que estejam prontos para falar, o *feedback* estar presente unicamente na sala de aula e o discurso adaptado para facilitar a compreensão, também intervêm na aquisição (LIGHTBOWN e SPADA, *ibid.*, p. 36-39).

Essas diferenças entre o processo de aquisição de L1 e de L2 também se manifestam a nível cognitivo. Segundo Marcelino (2017), o processo de AL2 não é estritamente consciente, tampouco possui um estágio de conclusão, podendo ser a todo momento remoldada e aprimorada. Para o autor, o desenvolvimento da Interlíngua de um aprendiz de L2 apresenta também as seguintes características:

a forma do conhecimento da L2 raramente coincide, em sua totalidade, com o input recebido, mas parece, sim, ter uma forma que resulta da interação do sistema cognitivo com os dados, e, claro, influência da L1. O resultado desse processo é uma forma de L2, ou um estágio de desenvolvimento da Interlíngua, que oferece a possibilidade de ainda ser alterada, moldada, reestruturada e aprimorada. Importante lembrar que o *input* aprendido em sala de aula deverá também constituir as regras norteadoras que são utilizadas nas avaliações em sala de aula e para preparação de textos escritos e exposições orais em situações formais (MARCELINO, 2017, p. 7).

Novamente, se não houver uma capacidade inata, característica da espécie humana, a aquisição linguística não ocorrerá. Postula-se, então, a teoria de aquisição,

conforme descrita neste trabalho: ela trata dos estágios iniciais de aquisição da linguagem, como ela se desenvolve, e como demonstra ser uma característica da espécie humana, sendo, portanto, a vertente linguística de aquisição que oferece melhor tratamento do problema investigado neste trabalho.

Retomando o argumento sobre a pobreza de estímulo, proposto por Chomsky (1959), relacionando-o à capacidade inata da espécie humana de desenvolver e adquirir uma ou mais línguas, White (2003a) pontua que a gramática dos aprendizes de L2 também vai além do *input* ao qual foram expostos, o que indica que a GU cumpre um papel crucial no processo. As hipóteses de acesso a essa propriedade inata, que se diferenciam em determinados aspectos, explicam como o aprendiz tem o conhecimento do que não lhe é ensinado.

As hipóteses apresentam diferenças em relação ao estágio inicial (ou de onde parte o aprendiz de L2), a forma como se dá o acesso à GU (se de forma parcial, total ou se não há acesso) e o estágio final (se o aprendiz atinge em L2 a competência de um falante nativo ou se para em um estágio estável da gramática da interlíngua).

Segundo a hipótese da transferência total/acesso parcial, a gramática da L1 é utilizada para analisar o *input* em L2, portanto o acesso à GU se dá via L1. De acordo com essa visão, as gramáticas da interlíngua não mostram novas remarcações de parâmetros (CLAHSEN; HONG, 1995; CLAHSEN; MUYSKEN, 1989 apud WHITE, *ibid.*, p. 134) e há a possibilidade da ocorrência de *wild grammars*, ou, formas gramaticais aparentemente não pertencentes a nenhuma língua natural, no entanto, isso permanece como uma hipótese. O estágio inicial da aquisição da L2 consiste no estágio estável da gramática da L1. Além disso, no estágio final não se alcança a competência do falante nativo (WHITE, *ibid.*, p. 134-135).

A hipótese da não transferência/acesso total, como expresso no nome, assume que há o acesso direto à GU e, por conseguinte, remarcação de parâmetros, segundo White (*ibid.*, p. 135-136). A própria GU constitui o estágio inicial da aquisição e pode ser acessada em todos os estágios da interlíngua. Como estágio final tem-se o alcance da competência do falante nativo.

De acordo com White (*ibid.*), a hipótese da transferência total/acesso total adota o estágio estável da gramática da L1 como o estágio inicial da aquisição. O *input* em L2 motiva as mudanças e, a depender da L1, há a reestruturação ou não do parâmetro. A GU está disponível por todo processo, que teria como resultado o estágio estável da gramática

da interlíngua. De acordo com essa perspectiva, a aquisição completa da língua-alvo permanece uma possibilidade.

Sob a visão da hipótese da transferência parcial/aceso total, afirma-se que parte da L1 é encontrada no estágio inicial da L2, somada à GU, que faz as opções e remarca os parâmetros, da L1 para a L2. Pode-se subdividi-la em duas hipóteses: a que postula que as categorias funcionais - os sintagmas complementizador, flexional e determinante (CP, IP e DP, respectivamente) - não são transferidas da L1 para a L2, somente as lexicais - os sintagmas verbal (VP) e nominal (DP) (VAINIKKA; YOUNG-SCHOLTEN, 1994, 1996a, 1996b apud WHITE, *ibid.*, p. 138) e a que afirma que ambas as categorias são encontradas no estágio inicial (EUBANK, 1994a, 1994b, apud WHITE, *idem*). Como estágio final, a L2 é adquirida com sucesso. (WHITE, *ibid.*)

Ainda, de acordo com a hipótese da transferência parcial/aceso parcial, segundo White (*ibid.*), partes da GU e partes da L1 compõem o estágio inicial da aquisição. Alguns princípios da GU estão disponíveis durante todo o processo, no qual se podem observar ocorrências localizadas de *wild grammars*. Também é observável que os parâmetros associados a traços funcionais permanecem não especificados para valores fortes/fracos no curso da L2. (EUBANK, 1994a, 1994b, apud WHITE, *ibid.*) Como estágio final, não se alcança a competência do falante nativo.

Nesta pesquisa, levo em consideração que o acesso à GU não se encerra completamente, pois, segundo demonstram os dados, os aprendizes são capazes de produzir sentenças que não têm como base total a L1 no estágio inicial, o que poderia ser considerado indício de que a GU está operante no processo de AL2 de forma parcial. Outrossim, considero que a transferência se dá de forma parcial, posto que, de acordo com os testes, algumas estruturas agramaticais em E, porém possíveis em PB, são produzidas em todos os níveis de proficiência. Assim sendo, a perspectiva adotada neste trabalho é a de que o acesso no processo de AL2 se dá de forma parcial e a transferência também é parcial.

Após a realização de pesquisas em bibliotecas de teses e dissertações de diferentes universidades do Brasil, pude apreender que há uma carência de estudos sobre o processo de aquisição do E como L2 sob a perspectiva gerativa no país. Dado esse fato, este estudo consiste em observar o processo de aquisição do E como L2, tendo como problema de pesquisa a interface da representação morfossintática e semântica dos tempos compostos do subjuntivo por falantes nativos de PB, levando em consideração as aplicações das teorias que seguem a perspectiva inatista e suas implicações nos estudos de aquisição de

L2, bem como as características das duas línguas. Sendo assim, esta pesquisa propõe-se a investigar:

a) a ordenação sintática dos traços morfológicos e semânticos que se manifestam em E pelos tempos compostos do MS na interlíngua de aprendizes brasileiros;

b) as dificuldades que esses aprendizes apresentam em reordenar esses traços no processo de aquisição, dada as particularidades de sua língua nativa, o PB, investigando, assim, as possíveis causas das sentenças agramaticais.

Para tanto, as hipóteses que norteiam esta investigação estão relacionadas a seguir.

## 1.2 Hipótese

O quadro verbal do PB no MS é composto pelos tempos simples do presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo e pelos tempos compostos do pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro composto, segundo Bechara (2004), como é possível observar no quadro 1.

Quadro 1 - Tempos do modo subjuntivo em PB

TEMPOS SIMPLES DO MS EM PB		
<b>presente do subjuntivo</b>	<b>pretérito imperfeito</b>	<b>futuro</b>
Tenha	Tivesse	Tiver
tenhas	Tivesses	Tiveres
tenha	Tivesse	Tiver
tenhamos	Tivéssemos	Tivermos
tenhais	Tivésseis	Tiverdes
tenham	Tivessem	Tiverem
TEMPOS COMPOSTOS DO MS EM PB		
<b>pret. perfeito</b>	<b>pret. mais-que-perfeito</b>	<b>futuro perfeito</b>
tenha/haja amado	Tivesse/houvesse amado	Tiver/houver amado
tenhas/hajas amado	Tivesses/houvesse amado	Tiveres/houveres amado
tenha/haja amado	Tivesse/houvesse amado	Tiver/houver amado
tenhamos/hajamos amado	Tivéssemos/houvéssemos amado	Tivermos/houvermos amado
tenhais/hajais amado	Tivésseis/houvésseis amado	Tiverdes/houverdes amado
tenham/hajam amado	Tivessem/houvessem amado	Tiverem/houverem amado

Fonte: Bechara (2004, p. 255-257)

Assim como em PB, o quadro verbal do MS do E também é composto por tempos simples e compostos, sendo eles o *presente de subjuntivo*, *pretérito imperfecto de*

*subjuntivo* e *futuro de subjuntivo* os simples e o *pretérito perfecto*, *pretérito pluscuamperfecto* e *futuro perfecto* os compostos. No entanto, é consenso entre os linguistas que os tempos futuros (*futuro de subjuntivo* e *futuro perfecto de subjuntivo*) não são utilizados no E atualmente, tendo seu uso restrito à literatura, ditados populares, fórmulas prontas e meio jurídico. No quadro 2, os seis tempos verbais estão presentes.

Quadro 2 - Tempos do MS em Espanhol

TEMPOS SIMPLES DO MS EM E		
<b>Presente</b>	<b>pret. imperfecto / pretérito</b>	<b>futuro simple / futuro</b>
Ame	amara <i>o</i> amase	Amare
ames	amaras <i>o</i> amases	amares
ame	amara <i>o</i> amase	amare
amemos	amáramos <i>o</i> amásemos	amáremos
améis	amarais <i>o</i> amaseis	amareis
amen	amaran <i>o</i> amasen	amaren
TEMPOS COMPOSTOS DO MS EM E		
<b>pret. perfecto compuesto</b>	<b>pret. pluscuamperfecto</b>	<b>futuro compuesto</b>
haya amado	hubiera <i>o</i> hubiese amado	hubiere amado
hayas amado	hubieras <i>o</i> hubieses amado	hubieres amado
haya amado	hubiera <i>o</i> hubiese amado	hubiere amado
hayamos amado	hubiéramos <i>o</i> hubiésemos amado	hubiéremos amado
hayáis amado	hubierais <i>o</i> hubieseis amado	hubiereis amado
hayan amado	hubieran <i>o</i> hubiesen amado	hubieren amado

Fonte: RAE (2005)

Tanto em PB como em E o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito do MS são tempos compostos do MS em uso, já que o futuro perfeito é utilizado apenas em PB. Portanto, já que o problema de pesquisa não consiste em uma estrutura ausente em L1 que se apresenta em L2 ou vice-versa, este trabalho pretende desenvolver a hipótese de que as dificuldades na aquisição de E como L2 localizam-se na interface existente entre a sintaxe, a morfologia e a semântica e consistem em ordenar os traços semânticos ou morfossintáticos que ambos os tempos carregam na L2, que podem diferir-se da L1.

Ou seja, apesar de o pretérito perfeito e o pretérito-mais-que-perfeito do subjuntivo serem concomitantes nas duas línguas, não se pode transportar todas as estruturas e significados da L1 para a L2, posto que há, entre elas, diferenças nos traços



morfossintáticos e semânticos que aparecem na reordenação desses traços durante do processo de AL2. Esse processo de reordenação e os traços nela envolvidos aparentam ser a chave das dificuldades que os aprendizes brasileiros de E apresentam ao construir orações subordinadas substantivas que requeiram exclusivamente o uso dos tempos compostos do MS, devido à presença de um gatilho lexical, tal como um advérbio ou uma expressão de tempo que remete à anterioridade, como *ya* (já) ou uma data que seja anterior ao momento da enunciação da oração principal.

Neste trabalho, os tempos compostos do MS têm sua forma e uso nas orações subordinadas expostos sob as perspectivas normativa (ALARCOS LLORACH, 1994; CUNHA e CINTRA, 2013; RAE, 2009; GILI GAYA, 1980, BECHARA, 2004) e descritiva (CARTAGENA, 1999; GÓMEZ TORREGO, 2005; PERINI, 2005).

Ainda que os tempos coexistam nas duas línguas, de acordo com Perini (2005), há uma tendência do PB a eliminar o subjuntivo, afirmação que se relaciona com a hipótese adotada por este trabalho de que o indicativo vem sendo usado no lugar do subjuntivo, exposta adiante. Ainda que o termo eliminar, usado pelo autor, soe radical, Castro (2005) e Santos (2014) apontam em seus estudos dados que demonstram que falantes nativos de PB usam alternadamente o indicativo e o subjuntivo em contextos nos quais se requiere exclusivamente o uso do MS. Santos (idem) ainda conclui que os mais jovens alternam mais, usando mais o Modo Indicativo (MI) no lugar do MS, o que sugere que uma mudança no PB está em curso.

Reforçando a ideia de que adquirir uma língua estrangeira não se resume a transportar estruturas presentes na L1 para a L2, adotamos a hipótese da reordenação dos traços, do inglês *feature reassembly* (LARDIERE, 2008; 2009; 2012; STRINGER, 2012), hipótese guiada pela GU, como possível razão da dificuldade apresentada pelos aprendizes brasileiros de E na expressão dos significados que os usos dos tempos verbais representam na L2.

Essa hipótese está baseada na afirmação de que, na AL2, o aprendiz deve identificar, selecionar e redistribuir os traços, entre os itens lexicais da L2 (LARDIERE, 2012). Retomando Marcelino (2017), para a teoria gerativa de aquisição, o processo de AL2 não é totalmente consciente, assim como o processo de identificação, seleção e redistribuição dos traços, operado pela GU, inconscientemente. Isso justamente serve como evidência de que a GU está ativa no processo de desenvolvimento da L2, mesmo que de forma diferente da L1.

Por um lado, sob uma visão lexicalista, os traços são universais, providos pela GU e agrupados em itens lexicais, sendo a maneira como são agrupados que diferencia uma língua da outra, como pontua Gallego (2011) em seu esquema, que consta na seção 3.4 deste trabalho. Por outro lado, sob uma visão não-lexicalista, como a da Morfologia Distribuída (MD), os traços estão agrupados em nós terminais/morfemas abstratos e, após as operações da sintaxe (concatenar e mover, do inglês *merge* e *move*), são enviados para as interfaces com a Forma Lógica/Forma Fonológica (LF/PF), onde recebem conteúdo fonológico.

A hipótese deste trabalho está relacionada a essa reordenação no processo de aquisição do E como L2 por parte de aprendizes brasileiros, que possuem o PB como língua nativa.

Nesse sentido, esta pesquisa, ao lidar com línguas de configuração muito semelhante, discute que as diferenças sintáticas, semânticas e morfológicas são expressas por meio da ordenação dos traços em ambas as línguas e que as dificuldades na aquisição residem justamente na reordenação dos traços requerida quando se necessita expressar os significados que os tempos verbais carregam. Em relação a isso, leva-se em conta que, como afirmado por Perini (2005) e apontado em dados por Castro (2005) e Santos (2014), o subjuntivo tende a não ser usado em PB em alguns contextos e considera-se que, durante o processo de AL2 há acesso parcial à GU e transferência parcial da L1, o que dá característica própria às gramáticas dos aprendizes.

Para dar conta da descrição de quais traços se manifestam por meio dos tempos verbais discutidos neste trabalho, utilizamos a hipótese da MD (HALLE e MARANTZ, 1993; 1994; EMBICK e NOYER, 2004; BASSANI e LUNGUINHO, 2011) que, por pontuar que possuímos um único componente gerativo de palavras - a sintaxe - que utiliza os traços armazenados na lista 1, melhor guiará essa etapa do processo de análise. A teoria tem como estrutura básica o item de vocabulário (IV), que são instruções que unem o conteúdo gramatical, ou seja, os morfemas abstratos presentes nos nós terminais sintáticos, ao conteúdo fonológico.

Ainda investigando as possíveis causas das dificuldades dos brasileiros em relação aos tempos compostos do MS em E, tomamos como possível explicação para algumas produções agramaticais dos aprendizes estudos como os de Castro (2005) e Santos (2014), os quais sugerem que está ocorrendo uma mudança sutil no PB em relação ao uso do indicativo e do subjuntivo, sendo o primeiro modo usado também em contextos nos quais se admitiria o uso do segundo, o que nos leva também à hipótese de que o aprendiz

brasileiro faz uso do indicativo em E com valor de subjuntivo em suas produções por transferência.

### 1.3 Objetivos

Tendo as hipóteses estabelecidas, este trabalho se propõe, dentro da perspectiva gerativista de aquisição de L2, a investigar:

- a) Quais traços morfológicos, sintáticos e semânticos se manifestam por meio do *pretérito perfecto de subjuntivo* e *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, tempos compostos do MS em E, e por meio do pretérito perfeito do subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, tempos compostos do MS em PB, e se esses são equivalentes em ambas as línguas;
- b) Se os mesmos traços são expressos também por meio do MI em PB e exclusivamente pelo MS em E;
- c) As dificuldades dos aprendizes brasileiros em relação à reordenação desses traços no processo de aquisição de L2;

Como os materiais de ensino de E apresentam esses dados, ou seja, como é disponibilizado o *input*, e se há um desencontro entre o que é proposto nesses materiais e a estrutura do E.

### 1.4 Justificativa

Os objetivos pontuados em 1.3. tiveram sua origem após algumas reflexões minhas. Os tempos verbais que são objetos deste estudo chamam minha atenção por diversos motivos. Durante os quase cinco anos de experiência como professora de E como língua estrangeira – e os quase quinze como aprendiz da língua, pude perceber que diversos fatores apresentam dificuldades para o falante nativo de PB no processo de aquisição do E como L2. Três desses fatores são: o MS, o aspecto perfeito e o uso de apenas o verbo *haber* como auxiliar, em contraste com o PB, no qual podemos utilizar não só o verbo *haber* como o *ter*. Ademais, o MS é tema de recorrentes publicações no âmbito de ensino de ELE, dadas as suas particularidades, como, por exemplo, as publicações de Campillo e Plácido (2004), Sánchez Rondón (2004) e Martínez Vázquez (2013). Entretanto, esses estudos não são sobre aquisição de E como L2 e poucas informações trazem em relação às propriedades semânticas e morfossintáticas dos tempos

do subjuntivo, tendo o foco maior em criar propostas de ensino para serem utilizadas em sala de aula, assim como maneiras para que o professor torne a explicação sobre o modo mais clara.

Ainda, no geral, há poucos estudos sobre o MS em E e sua relação com aprendizes brasileiros. Moraes (2014), em sua tese, menciona alguns estudos sobre o tema, tais como o de Graña-Fernández (2009), que, apesar de ter caráter contrastivo, tem como foco o ensino de ELE e não utiliza a perspectiva gerativa, e o de Costa (2004), que também trabalha o contraste entre as duas línguas, porém tem como objeto de estudo o presente do modo em questão. Pude perceber, portanto, após buscas em bibliotecas de teses e dissertações, que os estudos gerativistas sobre a aquisição dos tempos compostos do MS em E por falantes de PB no país são escassos.

Estudos que comparam PB e E são pertinentes. Sabe-se que devido à *cercanía* (KULIKOWSKI e GONZÁLEZ, 1999) entre as duas línguas, são produzidos alguns estigmas no processo de aquisição do E, que logo são desmitificados. Segundo as autoras, essa proximidade faz parecer que todos se entendem sem dificuldades, transparência enganosa que causa diversos erros e empobrece a leitura, a compreensão, a interpretação e a produção dos aprendizes. (KULIKOWSKI e GONZÁLEZ, *ibid.*, p. 15).

Tal transparência enganosa, nos termos das autoras, leva-me a questionar o porquê de produções de sentenças agramaticais por parte de aprendizes brasileiros, já que, transparentemente, os tempos verbais são coexistentes no PB e no E. Pontuar, portanto, as diferenças morfosintáticas e semânticas entre as duas línguas faz-se necessário para que seja possível explicar as razões das dificuldades dos aprendizes brasileiros no processo de aquisição do E como L2.

### **1.5 Estrutura da dissertação**

Para que isso seja possível, esta dissertação está estruturada da seguinte maneira: no Capítulo 2, descreverei o problema/objeto de estudo, conforme é abordado em gramáticas tradicionais e de consulta do E e em livros de ensino voltados para aprendizes brasileiros, exclusivamente. Há no mercado editorial uma interessante gama de livros voltados exclusivamente para o contexto brasileiro de ensino. Este trabalho, como já afirmado, não trata do ensino do E, no entanto, a principal fonte de *input* consiste nos materiais para esse fim. Desse modo, eles serão observados também como fonte de informações sobre o que é dado como *input* ao aprendiz e se esse *input* é compatível com

o que dizem as gramáticas descritivas e normativas do E, principalmente em relação às **orações subordinadas substantivas**, descritas no mesmo capítulo sob a perspectiva de gramáticas normativas e descritivas do E. Também no Capítulo 2 constam estudos sobre a aquisição do MS pelos falantes nativos de E, ou seja, o MS na L1 e as pesquisas realizadas sobre o subjuntivo no processo de aquisição de espanhol como L2.

No Capítulo 3, relacionados à descrição gramatical do objeto de estudo, estarão a teoria sobre a *consecutio temporum*, ou a concordância de tempos, que envolve as orações subordinadas substantivas e o uso dos tempos compostos do subjuntivo nas orações do mesmo tipo. Nesse capítulo, também foram descritas as características do MS em PB, com ênfase nos tempos compostos desse modo e foram apresentados dados e pesquisas sobre a possível mudança em curso pela qual está passando o PB, que admite o uso do MI em contextos de MS, estudada por Castro (2005) e Santos (2014). Essa revisão bibliográfica tem como objetivo investigar se os traços que se manifestam por meio dos tempos compostos do subjuntivo em E se manifestam por meio desses mesmos tempos em PB.

No Capítulo 4, está descrita a metodologia. Foram aplicados testes de produção, com exercícios sobre o uso dos tempos compostos do subjuntivo, que foram retirados de gramáticas voltadas a aprendizes brasileiros, a fim de se identificar possíveis dificuldades desses aprendizes no processo de aquisição na interface morfossintática e semântica. Esses testes foram aplicados a alunos de graduação Letras/E de uma universidade brasileira e a egressos da mesma instituição, a professores de ELE e a falantes nativos da língua. Como resultado, grande parte das sentenças apresentaram o uso de tempos passados do indicativo, principalmente o *pretérito perfecto*, e tempos simples do MS, que carregam o traço [- anterioridade]. Em contrapartida, os tempos compostos carregam o traço [+ anterioridade]. Destes tempos simples, estão em destaque o uso *presente de subjuntivo* e o *pretérito imperfecto de subjuntivo*, o que pode indicar que há um descompasso entre a seleção do tempo, modo e aspecto no processo de aquisição.

No Capítulo 5 apresento a análise. Por basear-me na hipótese de que esse descompasso se encontra na reordenação dos traços semânticos e morfossintáticos, a metodologia utilizada neste trabalho é a análise qualitativa do conjunto de traços que compõem os itens de vocabulário que formam o conjunto de tempos compostos do subjuntivo no PB e no E, baseada na teoria da Morfologia Distribuída. Ainda no mesmo capítulo, para verificar se a hipótese obtida por meio dos testes se consiste em uma das dificuldades dos aprendizes brasileiros, analiso as redações do corpus CoMAprend

(Corpus de Aprendizes) do COMET (Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução) – USP, nas quais foram encontradas as mesmas dificuldades, ainda que em um pequeno número de amostras. A partir da análise, construo as considerações finais.

## 2 O PROBLEMA DE PESQUISA

Pontuadas as perguntas de pesquisa e o recorte teórico deste trabalho, faz-se necessário descrever o fenômeno estudado e a teoria que embasa a análise, descrita no Capítulo 4 desta dissertação.

Para que seja possível identificar as diferenças nas distribuições dos traços entre o PB e o E, é preciso descrever a estrutura das duas línguas. Neste capítulo, apresento primeiramente o papel do tempo, aspecto e modo e como se manifestam no E e no PB; o recorte deste trabalho, as orações subordinadas substantivas; como as gramáticas espanholas descrevem o *pretérito perfecto de subjuntivo* e o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* e seus usos; a concordância entre os tempos verbais (*consecutio temporum*) nos períodos compostos por subordinação e como essa concordância se relaciona com o uso dos tempos compostos do MS.

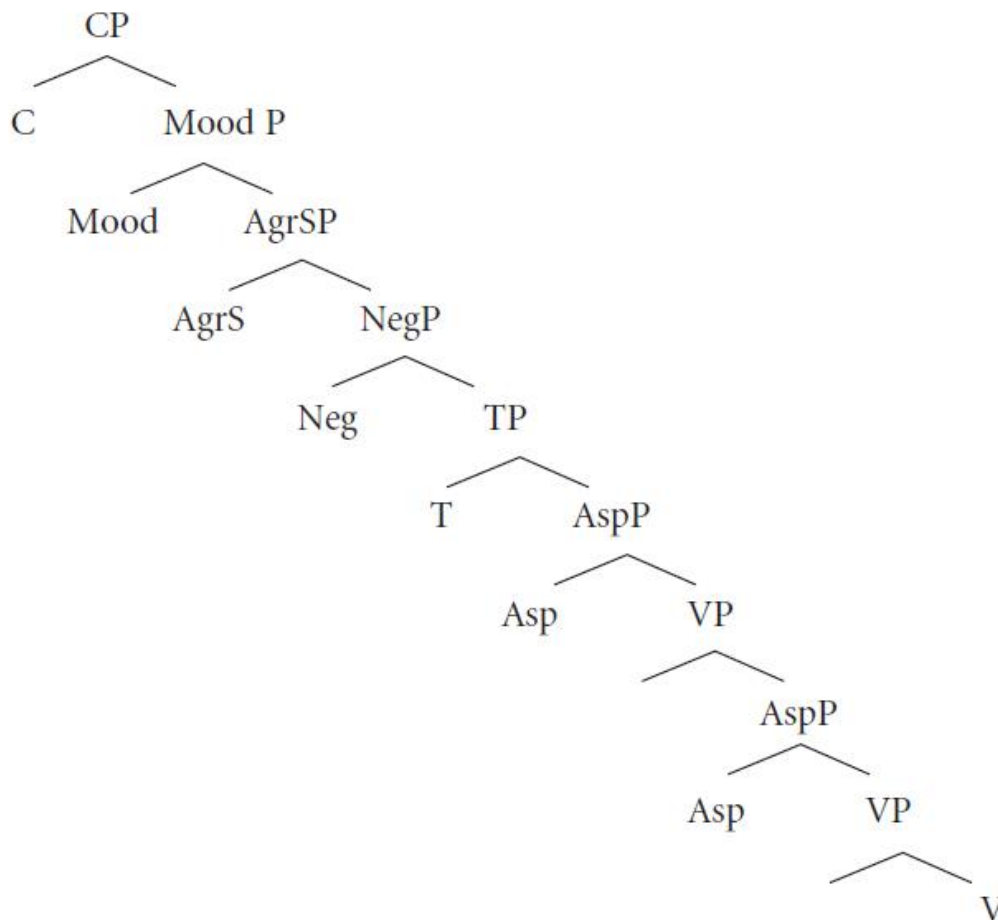
Ademais, passando à descrição dos mesmos tempos do PB, pontuo sob a perspectiva normativa, de Cunha e Cintra (2013) e descritiva, de Perini (2005) como se dá o uso das estruturas na língua nativa dos aprendizes. Investigando a afirmação de Perini (ibid.) sobre o desaparecimento do subjuntivo no PB, trago duas pesquisas do campo da sociolinguística, de Castro (2005) e Santos (2014) que confirmam a proposição do teórico, sinalizando uma tendência ao prevailecimento do indicativo sobre o subjuntivo e colaboram com a hipótese estabelecida no Capítulo 1.

Para que seja possível investigar se a hipótese mencionada se confirma dentro do recorte teórico-metodológico, passo à descrição da reordenação dos traços e de como se investiga dentro da teoria como se organizam os traços, por meio da teoria da Morfologia Distribuída.

### 2.1 O tempo, o aspecto e o modo na aquisição de Espanhol

Montrul (2004) pontua que o sistema TAM (tempo, aspecto e modo) do E está organizado em tempos (presente, passado, futuro e condicional), aspectos (perfectivos e imperfectivos no passado) e modos (indicativo, subjuntivo e imperativo), nas formas finitas, tal como funciona o PB. Na representação arbórea, a hierarquia existente entre eles, de acordo com Rizzi (1994, 1997 apud MONTRUL, idem, p. 91) é a seguinte:

Figura 1 - Representação da hierarquia sintática do sintagma complementizador (CP)



Fonte: Montrul (2004, p. 91)

O sintagma complementizador (CP), uma categoria funcional, refere-se à oração encaixada, ou, como é nomeada neste trabalho, a oração subordinada. O MS é definido pela gramática como o modo da subordinação, posto que, exceto casos como orações optativas, sempre aparece na oração subordinada.

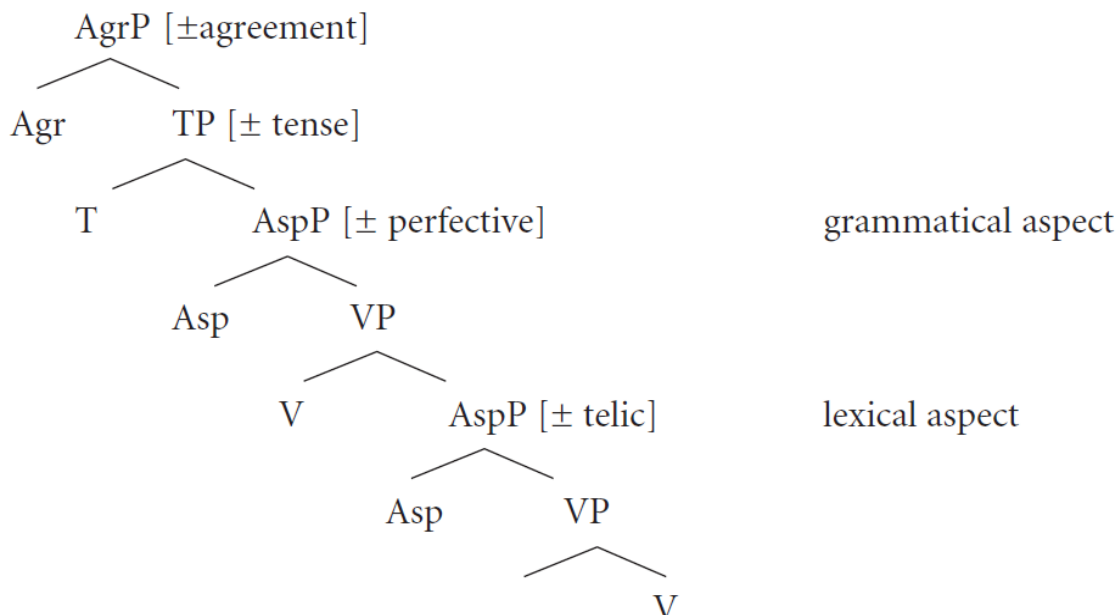
O nó MoodP refere-se à seleção do modo. Subordinado a ele, tem-se o nó AgrSP, de concordância, responsável por checar a concordância de sujeito e os traços de pessoa e número. Abaixo, na hierarquia, aparece o NegP, sintagma de negação, que se apresenta nas sentenças negativas.

Em seguida, encontra-se o TP, sintagma de tempo, responsável por checar os traços de tempo, tais como [+pretérito], seguido do primeiro nó AspP, o sintagma aspectual, no qual aspectos gramaticais são checados, como o traço [+perfectivo].



Abaixo, tem-se o VP, o sintagma verbal, uma categoria lexical cujo núcleo é o verbo, e o segundo nó AspP, no qual o aspecto lexical, tal como traço de [ $\pm$ telicidade], é checado. A figura 2 destaca a diferença entre os dois nós AspP.

Figura 2 - Representação dos lugares em que os traços de aspecto lexical e gramatical são checados



Fonte: Montrul (2004, p. 99).

Os dois aspectos são distintos, pois o aspecto gramatical, mais acima na representação arbórea, tem uma manifestação morfológica mais efetiva. Por relacionar-se com o tempo, esse aspecto é caracterizado em algumas línguas, como o PB e o E, pela morfologia flexional. É possível ver essa relação hierárquica na figura 2, já que o primeiro nó AspP está subordinado ao TP. Segundo Wachowicz e Foltran (2006), as operações morfológicas da flexão verbal estão relacionadas ao limite (ou não) da situação, à ação completada, dada pelo aspecto perfectivo, ou, se não completada, dada pelo imperfectivo.

Os verbos que são objetos desta investigação carregam o traço [+perfectivo], tanto o *pretérito perfecto de subjuntivo* quanto o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, portanto, ambos os tempos denotam ações já acabadas. Além deste traço, eles também carregam o traço [+anterioridade], o que os diferencia dos tempos simples.

Em relação ao aspecto lexical, também denominado *aktionsart*, Wachowicz e Foltran (2006) ressaltam que esse aspecto diz respeito a propriedades lexicais que ou são caracterizadas por uma morfologia derivacional ou não são lexicalmente caracterizadas. Nele localiza-se a oposição télico/atélico.

O conjunto de verbos que carregam o traço [+télico] contempla ações que possuem um estágio final, tal como chegar e perder a caneta. Esses eventos são também caracterizados como *achievements* por serem pontuais, ou seja, predicam de momentos únicos, já que não há um processo para perder a caneta nem para chegar a um ponto. Por conseguinte, essas ações ocorrem num único ponto (WACHOWICZ e FOLTRAN, *idem*, p. 213). Segundo as autoras, também carregam o traço [+télico] eventos como construir a casa e pintar o quadro. Esses são caracterizados como *accomplishments*, pois possuem um ponto final determinado, como a construção completa da casa e a finalização do quadro.

Em contrapartida, ainda de acordo com o que pontuam Wachowicz e Foltran (*ibid.*), o conjunto de verbos que carregam o traço [-télico] não possuem um estágio final. Eles são divididos em estados, como os verbos amar, saber, ser, estar e possuir e atividades, tais como os verbos empurrar o carrinho, correr e nadar.

A oposição télico/atélico, no entanto, não é considerada relevante nesta investigação, pois, tal como pontuam Wachowicz e Foltran (2006), no PB tanto verbos [+télicos] quanto verbos [-télicos] podem carregar o traço [+perfectivo]. O mesmo pode-se afirmar para o E.

O aspecto lexical é codificado por uma categorial funcional AspP abaixo do VP, enquanto o aspecto gramatical aparece no outro AspP, gerado entre o VP e o TP, como pode ser observado na imagem 2. No AspP mais alto, abaixo do TP, o traço [ $\pm$  perfectivo] é checado pela morfologia aberta de tempo/aspecto. E no AspP mais baixo os traços semânticos, como [ $\pm$  telicidade] são checados, de acordo com Montrul (*op. cit.*).

Esse dado é importante, posto que as categorias funcionais contêm informações morfológicas, sintáticas e semânticas e os traços semânticos formais se relacionam diretamente com os valores morfofonológicos. Em E, diferentemente do inglês, a concordância verbal é um traço forte [+forte] e os verbos sobem de V para Asp, de Asp para T e depois para AgrS e C, pois nessa língua T e AgrS possuem traços fortes (MONTRUL, *ibid.*, p. 91-92). O mesmo ocorre em PB.

Montrul (2004), citando Reichenbach (1947), afirma que tempo é uma categoria dêitica que se refere à localização de um evento no eixo temporal, como estabelecido pelo tempo da enunciação.

De acordo com Enç (1987), o tempo da enunciação e o evento estão subordinados ao princípio da Regência (CHOMSKY, 1981, 1986) por condições de ancoragem. O tempo, numa subordinação, está no CP e o evento no TP.

O aspecto, para Comrie (1976), está relacionado a diferentes formas de representação da constituição temporal interna de uma situação, como se um evento tem um ponto final ou não. No entanto, de acordo com o autor, o aspecto perfeito é um pouco diferente dos aspectos no geral, pois ele não nos diz nada em relação à situação em si, senão relata alguma condição relacionada a uma situação precedente.

Há línguas, como inglês e o espanhol, nas quais um tempo de aspecto perfeito atua de forma particular. Esse tempo, que é um dos tempos de aspecto perfeito, é denominado em espanhol *pretérito perfecto compuesto* e em inglês *present perfect*. O perfeito, nesse caso, indica a relevância da continuidade do presente de uma situação passada, como se observa em (1a) no MI, em contraste a (1b), que apresenta o *pretérito perfecto simple* (também nomeado *pretérito indefinido*).

Já o mais-que-perfeito (*pluscuamperfecto* em espanhol) expressa uma relação entre o estado passado e uma situação ainda mais anterior, como se vê em (1b) no MI e em (1c) no MS. O futuro perfeito, que em espanhol não é mais utilizado no MS, apenas no indicativo e foi substituído pelo *pretérito perfecto de subjuntivo* nesse modo, expressa a relação entre um estado futuro e uma situação anterior a esse estado, como exemplificado em (1d) no MI e em (1e) no MS, embora não se tenha nenhuma outra especificação do tempo absoluto em que ocorreu a ação anterior, que pode ser presente, passado ou futuro.

(1) a. Ana ha ido a Madrid.

Ana 3SG-AUX-PRET.PERF.COMP. ir-PTCP a Madrid.

‘Ana foi a Madrid.’

b. Ana fue a Madrid.

Ana ir-3SG-PRET.PERF-IND a Madrid.

‘Ana foi a Madrid.’

c. Ana había llegado a casa antes de su madre.

Ana 3SG-AUX-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND chegar-PTCP a casa antes de sua mãe.

‘Ana tinha chegado em casa antes da mãe dela.’



A modalidade é, para Palmer (2001), inerente ao status da proposição que descreve o evento. O MS está ligado a noções de não asserção, tais como, o falante duvida da veracidade do fato (2a), a proposição não é realizada (2b) e a proposição é pressuposta (2c) (LUNN, 1995 apud PALMER, *ibid.*, p. 3), como pode ser observado em (2):

- (2) a. Dudo                                      que sea                                      buena idea. (PALMER, 2001)  
       Duvidar-1SG-PRES-IND que ser-3SG-PRES-SUBJ boa     ideia.  
       ‘Duvido de que seja boa ideia.’
- b. Necesito                                      que me devuelvas                                      este libro. (PALMER, 2001)  
       Necessitar-1SG-PRES-IND que me devolver-2SG-PRES-SUBJ este livro.  
       ‘Necessito que você me devolva este livro.’
- c. Me alegra                                      que sepas                                      la verdad. (PALMER, 2001)  
       Me alegrar-3SG-PRES-IND que saber-2SG-PRES-SUBJ a verdade.  
       ‘Fico feliz que você saiba a verdade.’

Para Palmer (*ibid.*), a escolha pelo subjuntivo não depende apenas de algo ser *realis* ou *irrealis*, ou até mesmo factual ou não factual, mas que seja uma proposição não assertiva. Ainda, nas orações subordinadas, os verbos *creer* (achar, no sentido de acreditar) e *parecer* (parecer, no sentido de *ter a impressão de*) em orações negativas, *sospechar* (suspeitar) e *suponer* (supor) podem ser seguidos de subjuntivo se o que se coloca é mais hipotético. Verbos como *sentir* (sentir), *sorprenderse* (surpreender-se), *molestarse* (incomodar-se) e *alegrarse* (alegrar-se) também. Como com verbos de dúvida também se utiliza o subjuntivo sem que a oração principal necessariamente esteja na forma negativa, depreende-se que se há dúvida, usa-se o subjuntivo.

Ademais dos usos requeridos, verbos como *negar* também requerem o subjuntivo, como se pode observar em (3) (PALMER, *ibid.*, p. 119).

- (3) Niego                                      que haya                                      venido. (PALMER, *ibid.*)  
       Negar-1SG-PRES-IND que AUX-3SG -PRET.PERF.SUBJ vir-PTCP  
       ‘Nego que tenha vindo.’



‘É verdade que ele sabe.’

e. Veo                      que lo sabe. (BLAKE, 1983)

Ver-1SG-PRES-IND que o saber-3SG-PRES-IND.

‘Vejo que ele sabe.’

Para Blake (ibid., p. 22), a escolha pelo MS nas orações subordinadas substantivas parece ser extremamente sensível à intenção subjetiva do falante. Isso significa que o *output*, o que o falante diz, é a expressão dessa intenção subjetiva, ou seja, as atitudes dele parecem determinar quando a proposição contém no seu complemento matrizes fortemente dubitativas, fracamente dubitativas, fortemente assertivas e fracamente assertivas. Em contextos dubitativos e fracamente assertivos, há a escolha pelo MS.

Como metodologia, o autor utilizou testes compostos por uma história introdutória, a situação, que incitava um contexto no qual o uso do subjuntivo seria necessário, tal como uma dúvida ou um desejo, um estímulo que reforçasse ao contexto gatilho para o uso do MS e uma sentença com o espaço destinado ao verbo da oração subordinada em branco, como exemplificado no quadro (3).

Quadro 3 - Exemplo de teste aplicado por Blake (1983).

Situação: Mãe e filho estão na cozinha. O filho tenta alcançar alguns doces que estão em cima da geladeira que parecem estar fora de seu alcance.

Estímulo: “Você vai alcançar os doces?” A mãe duvida.

Complete: A mãe duvida de que o menino \_\_\_\_\_.

Fonte: Adaptado de Blake (1983).

A partir de seu estudo, Blake (ibid.) pôde pontuar que a seleção do modo, para as crianças falantes nativas de E, aparenta ter seu início aos 5 anos, idade na qual houve, de acordo com o estudo, uma escolha correta estatisticamente significativa para as orações adverbiais e para os comandos, com base nos testes aplicados e análise percentual dos erros na seleção do modo conforme as faixas etárias. Nos casos de orações governadas por predicados de dúvida ou atitudinais, apenas aos 10 anos os resultados foram significativos. O autor tem como justificativa o posicionamento, baseado em Karmiloff-Smith (1979 apud BLAKE, ibid.) de que dos 5 aos 8 anos existe um período de transição,

no qual aos 5 anos há uma mudança de fase no desenvolvimento da linguagem, assim como aos 8, período no qual a criança atinge um nível mais abstrato de compreensão.

Esse estudo contribui para este trabalho, que investiga a AL2, pois, tal qual encontrado para a L1, a utilização do MS para a construção de sentenças gramaticais em E aparenta aparecer nos níveis intermediário e avançado nas produções dos aprendizes de E como L2.

O que já está, em partes, estabelecido para o E como L1 padece de falta estudo para o E como L2 na linguística gerativa. Montrul (2004) afirma que muito pouco sobre o subjuntivo se sabe no bilinguismo simultâneo. Alguns estudos sociolinguísticos foram desenvolvidos, como os de Silva-Corvalán (1991; 1994; 2003 apud MONTRUL, *ibid.*, p. 144).

Silva-Corvalán (2003 apud MONTRUL, *ibid.*) realizou um estudo com 7 crianças bilíngues inglês-espanhol de 5 anos e 1 mês a 5 anos e 11 meses, cujas famílias variavam em relação à frequência do uso do E em casa. Nele, obteve poucas amostras de uso do subjuntivo, ainda que o contexto do teste forçasse esse uso e que o grupo de adultos nativos utilizado como controle fizesse o uso do subjuntivo. O *pretérito pluscuamperfecto*, objeto deste estudo, foi utilizado apenas uma vez e por somente uma criança, cujos pais falavam todo tempo em E em casa, uma das variáveis do teste. Já o *pretérito perfecto* não apareceu na fala dessas crianças.

Tendo como sujeitos nativos falantes de inglês, Gudmestad (2006) realizou uma pesquisa com base na teoria gerativa de AL2 para investigar os traços envolvidos na seleção do modo.

A autora trabalhou com as orações substantivas, objeto de estudo desta pesquisa. No entanto, seu foco não era um ou mais tempos do MS específicos, mas sim a seleção do MS como um todo. Suas perguntas de pesquisa envolviam os seguintes fatores: a frequência da seleção do subjuntivo por aprendizes nos níveis intermediário e avançado; os traços linguísticos que predizem seleção do MS e, quando considerados juntos, quais fatores predizem essa seleção; e, caso os traços linguísticos tenham influência sobre a seleção do MS, se os dois níveis de proficiência são influenciados pelos mesmos traços na escolha do MS.

O primeiro grupo de participantes da pesquisa é composto por 17 aprendizes de nível intermediário, o segundo, o grupo de nível avançado, por 20 sujeitos e há também o grupo controle formado por 6 falantes nativos.



O teste que os participantes responderam consistia em escolher a sentença que melhor completasse a história previamente dada. As opções eram: completar com uma sentença com um verbo no MI na oração subordinada, completar com uma sentença com um verbo no MS na oração subordinada ou apontar que as duas opções são possíveis.

Como resultado dos testes, Gudmestad (idem) encontrou que os aprendizes de nível avançado selecionaram mais o subjuntivo que os aprendizes de nível intermediário. De acordo com a autora, o fator principal para a seleção do MS foi o traço morfológico [+irregular] para os falantes intermediários e o traço [+irregular], expressões de futuro, que carregam o traço [+futuro], e expressões que carregam o traço [+desejo]<sup>6</sup> são significativas para a seleção do MS por falantes de nível avançado. Ou seja, a presença de um desses traços na oração principal tem maior ou menor influência na escolha do aprendiz por optar pelo uso do MS, havendo entre eles uma hierarquia.

Os dados encontrados pela autora estão disponíveis na tabela 1. Nela, observa-se a porcentagem de seleção do MS pelos aprendizes de nível intermediário e avançado. O número de sentenças com MS se apresenta antes da barra, seguido do número total de sentenças e da porcentagem.

Por não considerar relevante os traços [+futuro], [+desejo] e [+emoção] para os aprendizes de nível intermediário, a autora não apresentou em seu estudo os dados estatísticos para esse grupo em relação a esses traços, o que deixa uma lacuna para os que também estudam a produção dos aprendizes intermediários, como é o caso deste trabalho, pois não há como comparar dados e confrontar se os aprendizes de espanhol como L2 se comportam igual ou diferentemente em relação à seleção do MS a depender de sua L1.

Tabela 1 - Resultados sobre a seleção do MS encontrados por Gudmestad (2006).

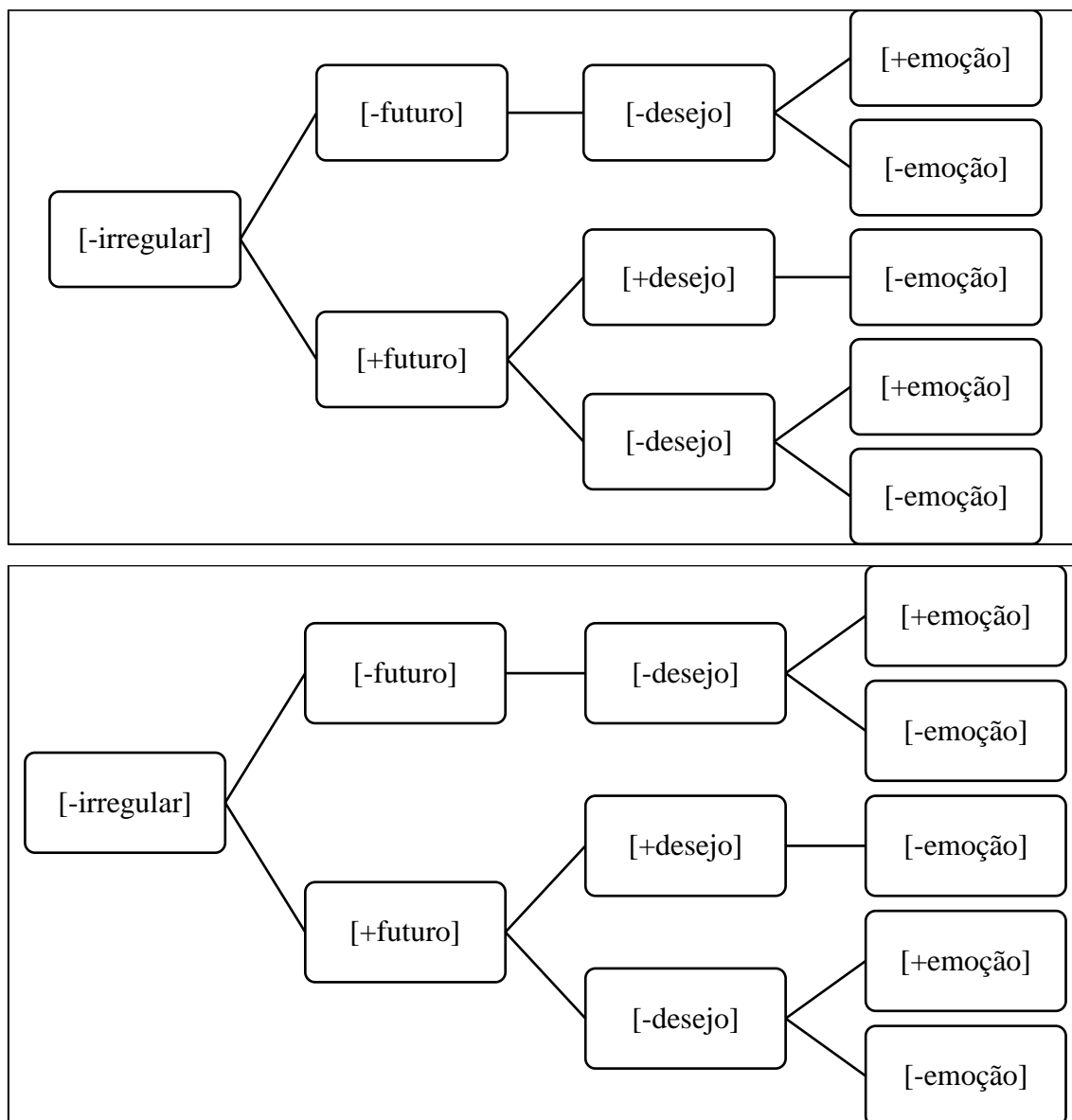
<b>Tipo de verbo</b>	<b>Seleção do MS por aprendiz intermediário</b>	<b>Seleção do MS por aprendiz avançado</b>
[+irregular]	113/170 – 66,5%	167/200 – 83,5%
[-irregular]	89/170 – 52,4%	144/200 – 72%
[+futuro]		200/240 – 83,3%
[-futuro]		111/160 – 69,4%
[+desejo]		77/80 – 96,3%
[-desejo]		234/320 – 73,1%
[+emoção]		114/160 – 71,3%
[-emoção]		197/240 – 82,1%

Fonte: Gudmestad (2006)

<sup>6</sup> Desejo em Gudmestad (2006) refere-se aos traços [+comando], como o encontrado no verbo exigir e mandar, e [+volição], encontrado em querer e desejar, por exemplo.

A autora pontua, portanto, que traços morfológicos e semânticos predizem a seleção do MS. A hierarquia entre eles foi representada no esquema quadro 4.

Quadro 4 - Combinação linguística de traços em contextos de subjuntivo



Fonte: Gudmestad (2006, p. 182).

O esquema representa o que Gudmestad (2006) encontrou como resultado dos testes de seu estudo. A classificação coloca os traços morfológicos como maiores previsores do uso do MS na oração subordinada, sendo hierarquicamente mais forte o traço morfológico  $[\pm\text{irregular}]$ , pois é o que mais prediz esse uso tanto para os intermediários quanto para os avançados, seguido do também traço morfológico  $[\pm\text{futuro}]$ . Os traços semânticos também estão hierarquizados, sendo o traço  $[\pm\text{desejo}]$  o

que mais influencia na escolha pelo MS na oração subordinada e o traço [ $\pm$ emoção] o que menos prediz essa escolha.

No entanto, Gudmestad (idem) não engloba em seu estudo contextos em que na oração principal há uma expressão que carrega o traço [+negação]. Sendo assim, não há dados que indiquem se os aprendizes de nível intermediário e avançado escolhem o MS nesse contexto com diferenças estatisticamente significativas ou não. Devido a isso, não se pode concluir se os aprendizes de nível avançado conseguem adquirir essa propriedade do E.

Esses dados, somados aos estudos de Blake (1983) e Silva-Corvalán (2003) corroboram o presente estudo já que evidenciam que há uma certa dificuldade envolvendo o subjuntivo na L2 e na L1, uma vez que se eles não despontam como primeiras estruturas a serem adquiridas pelos nativos e em L2 o aparecimento tardio tende a se manter.

Essa informação é evidenciada pela conclusão de Gudmestad (2006), que afirma que os aprendizes de nível avançado tendem a selecionar de maneira gramatical mais o MS que os aprendizes de nível intermediário e, portanto, quanto mais os aprendizes avançam na aquisição, mais aprimoram a habilidade de selecionar o MS nos contextos que possibilitam essa seleção. Em 2.3., descrevo como os tempos compostos do MS se comportam em E nas orações subordinadas substantivas e quais os tipos de verbo que possibilitam sua seleção.

### 2.3 Os tempos compostos do MS em E

Os tempos compostos do MS em E nas sentenças substantivas constituem o objeto de estudo desta dissertação. Nos livros voltados para a aquisição no contexto brasileiro, ou seja, para falantes nativos de PB que não estão em contexto de imersão, seu conteúdo é apresentado muito brevemente, ou, ainda nem aparece<sup>7</sup>. Parte significativa dos materiais produzidos ou escolhidos pelas escolas de idioma para o ensino de brasileiros possuem um foco maior nas diferenças entre as duas línguas, tais como o contraste entre *pretérito indefinido* e *pretérito perfecto* e o uso do *presente de indicativo* no E nas orações condicionais no presente, já que o futuro do subjuntivo não é utilizado mais na língua espanhola (a exceção de textos jurídicos e literários ou formas prontas da língua).

---

<sup>7</sup> A coleção *En Contacto* (LUIS MELONE, Henrique. *En contacto*. São Paulo: Editora CNA, 2014.), utilizada pelo CNA (Cultural Norte Americano) não apresenta formalmente os tempos compostos do subjuntivo nem seus usos em nenhum de seus 4 volumes, sendo o último pertencente ao nível B1.

A análise que fiz sugere que, em relação aos tempos compostos do MS, como se tratam de estruturas presentes em ambas as línguas, tem-se um foco maior nos usos que são diferenciados, tais como nas orações condicionais irreais e nas orações temporais com *cuando*, estando as orações subordinadas substantivas numa posição mais periférica ou que mereça menos enfoque. Ou seja, geralmente, esses tempos têm suas explicações atreladas a outros tipos de oração, além das substantivas, tais como as condicionais, as temporais e as concessivas.

Para a análise, foram utilizadas, de maneira geral, as seguintes obras: *Gramática y práctica de español para brasileños* (FANJUL, 2011); *Síntesis: Curso de Lengua Española: Ensino Médio*, vol. 3 (MARTIN, 2010); *Gramática contrastiva del español para brasileños* (MORENO e FERNÁNDEZ, 2011); *Enlaces: Español para jóvenes brasileños*, vol. 3. (OSMAN et. alii, 2011) e *Gente Hoy* (PERIS e BAULENAS, 2015) e a coleção *En Contacto* (LUIS MELONE, 2014). As obras foram escolhidas por estarem nos níveis B1/B2, de acordo com o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas, níveis cujo conteúdo apresenta os tempos compostos do MS. Exceto o manual *Gente Hoy*, utilizado internacionalmente, as obras foram feitas para falantes nativos de PB estudando espanhol no Brasil.

Tanto o *pretérito perfecto de subjuntivo* quanto o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* são formados pelo auxiliar *haber* + particípio. O que os diferencia é que no *pretérito perfecto* o auxiliar está conjugado em *presente de subjuntivo* e no *pretérito pluscuamperfecto* o auxiliar está no *pretérito imperfecto de subjuntivo*. O quadro verbal completo do subjuntivo em E pode ser observado no quadro 5:

Quadro 5 - Tempos do MS em Espanhol

MODO SUBJUNTIVO – TEMPOS SIMPLES		
Presente	pret. imperfecto / pretérito	futuro simple / futuro
Ame ames ame amemos améis amen	amara o amase amaras o amases amara o amase amáramos o amásemos amarais o amaseis amaran o amasen	Amare amares amare amáremos amareis amaren
MODO SUBJUNTIVO - TEMPOS COMPOSTOS		
pret. perfecto compuesto	pret. pluscuamperfecto	futuro compuesto
haya amado hayas amado haya amado hayamos amado hayáis amado hayán amado	hubiera o hubiese amado hubieras o hubieses amado hubiera o hubiese amado hubiéramos o hubiésemos amado hubierais o hubieseis amado hubieran o hubiesen amado	hubiere amado hubieres amado hubiere amado hubiéremos amado hubiereis amado hubieren amado

Fonte: RAE (2005).

Atento novamente ao desaparecimento do uso dos tempos futuros do subjuntivo do E, tanto o simples quanto o composto, que constam no quadro com fins informativos somente. Segundo Gómez Torrego (2005), essas formas são arcaicas, utilizadas somente em ditados ou na linguagem jurídico-administrativa. No caso do *futuro simple*, o mesmo valor é expresso com o *presente de subjuntivo* e no caso do *futuro perfecto de subjuntivo*, com o *pretérito pluscuamperfecto* desse modo (GÓMEZ TORREGO, 2005, p. 155).

Em relação ao uso dos tempos nas orações substantivas, as obras apresentam variação sutil na forma de sua apresentação. De forma mais geral, o *pretérito perfecto de subjuntivo* tem seu uso atrelado à expressão de desejo, sentimentos, opiniões negativas, valoração no passado e às orações temporais com *cuando* ao se expressar fatos que estão terminados no futuro, tendo seu foco voltado para este último uso. Em uma das obras, apenas as orações temporais aparecem como indutoras do modo e tempo verbal. Ainda, somente uma obra frisa, e em seu final, num apêndice gramatical como algo excepcional, que o E não possui o infinitivo flexionado composto e sua expressão se dá com o tempo do subjuntivo mencionado.

Já o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* tem um espaço bem mais reduzido e sua explicação mais variada entre as obras. Nos livros didáticos, ele é tratado exclusivamente como usado nas orações condicionais irreais. Já nas gramáticas voltadas para brasileiros, seu uso nas subordinadas substantivas é colocado como *outros usos* em uma obra, para falar de acontecimentos expressos no passado e, na outra, que o tempo expressa anterioridade em relação a outro momento do passado.

O espaço reduzido aos tempos verbais no material didático, ou seja, a pouca exposição ao *input*, atrelado às diferenças entre as línguas, parecem indicar a origem da dificuldade dos aprendizes brasileiros no processo de aquisição. Nesta seção, descrevo como esses tempos são tratados pelas obras dedicadas à descrição do E para que seja possível, no transcurso deste capítulo, pontuar as principais características da estrutura da língua espanhola no que concerne aos tempos compostos do subjuntivo.

De acordo com a gramática normativa de Gómez Torrego (2005), salvo nos casos de modalidade potencial de desiderativa, o subjuntivo em E sempre aparece dentro da subordinação. Para o autor, o que mais se destaca em suas formas verbais são os conceitos de anterioridade, simultaneidade ou posteridade em relação à ação do verbo principal. No entanto, em enunciados condicionais e concessivos, o *pretérito pluscuamperfecto* indica irrealidade (GÓMEZ TORREGO, *ibid.* p. 154).

Cartagena (1999, p. 2969), tal qual Gómez Torrego (2005), também afirma que há dois tempos compostos do subjuntivo em E: o *pretérito perfecto* e o *pretérito pluscuamperfecto*, descartando, portanto, a vigência dos tempos futuros. Para o autor, alternância entre as formas *hubiese* e *hubiera* do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* se trata de uma variação livre, podendo ocorrer, inclusive, em um mesmo registro estilístico. No entanto, há divergências entre alguns autores: Togeby (1953, *apud* CARTAGENA, *ibid.*, p. 2970) aponta que a segunda forma é mais utilizada em todos os países hispanofalantes e Gili Gaya (1980) não considera a variação inteiramente livre, como exposto no decorrer do capítulo.

A seguir, são apresentadas perspectivas sobre os tempos compostos do subjuntivo, que apresentam distinções singulares entre si.

### 2.3.1 Gili Gaya, 1980

Para Gili Gaya (*ibid.*, p. 176), as formas dos tempos compostos do subjuntivo equivalem às seguintes formas do indicativo:

Quadro 6 - Correspondência dos tempos do indicativo e do subjuntivo

TEMPOS DE ASPECTO <i>PERFECTO</i> DO MS		TEMPOS DE ASPECTO <i>PERFECTO</i> DO MODO INDICATIVO
<i>Haya</i> <i>cantado</i> 1SG-AUX-PRET.PERF-SBJV cantar-PTCP 'Tenha cantado'	Equival a	<i>He</i> <i>cantado</i> 1SG-AUX-PRET.PERF-IND cantar-PTCP 'Cantei'  <i>Habré</i> <i>cantado</i> 1SG-AUX-FUT.PERF.-IND cantar-PTCP 'Terei cantado'
<i>Hubiera/hubiese</i> <i>cantado</i> 1SG-AUX-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV cantar-PTCP 'Tivesse cantado'	Equival a	<i>Había</i> <i>cantado</i> 1SG-AUX-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND cantar-PTCP 'Tinha cantado'  <i>Habría</i> <i>cantado</i> 1SG-AUX-FUT.PRET.-IND cantar-PTCP 'Teria cantado'

Fonte: Baseado em Gili Gaya (1980).

Portanto, cada tempo composto do MS equivale a dois tempos compostos do MI. Nos períodos compostos por subordinação, cujas orações principais são formadas por verbos tais como *querer*, *dudar* (duvidar), *creer* (achar) em sentenças negativas, outros verbos e expressões não-assertivas, é requerido o uso do MS. Já nas orações com verbos ou expressões assertivas, requer-se o MI. Nos exemplos em (5), retirados de Gili Gaya (*ibid.*), é possível observar como a semântica do verbo da oração principal define se o

verbo utilizado na oração subordinada estará em MI ou MS, assim como a relação de equivalência expressa no quadro 6.

(5) a. Veo que Ana ha cantado mal.

Ver-1SG-PRES-IND que Ana AUX-3SG-PRET.PERF.COMP-IND. cantar-PTCP mal.

‘Vejo que a Ana cantou mal.’

b. No creo que Ana haya cantado mal.

Não achar-1SG-PRES-IND que Ana AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV cantar-PTCP mal.

‘Não acho que a Ana cantou mal.’ ou ‘Não acho que a Ana tenha cantado mal.’

c. Simón dijo que Ana había cantado mal.

Simón dizer-PRET.PERF-IND que Ana AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND cantar-PTCP mal.

‘Simón disse que a Ana tinha cantado mal.’

d. Simón dudó que Ana hubiese cantado.

Simón duvidar-PRET.PERF.SPL-IND que Ana AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV cantar-PTCP.

‘Simón duvidou de que a Ana tivesse cantado.’

e. Simón comentó que Ana habría cantado otra

Simón comentar-PRET.PERF.SPL-IND que Ana AUX-3SG-FUT.PRET.-IND cantar-PTCP outra canción.

canção

‘Simón comentou que Ana teria cantado outra canção.’

f. Simón no quería que Ana hubiese cantado.

Simón não querer-3SG-PRET.IMPERF-IND que Ana AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND cantar-PTCP.

‘Simón não queria que Ana tivesse cantado.’

Os exemplos em (5) mostram a relação entre a semântica do verbo da oração principal e o uso do MI ou do MS. Por um lado, em (5a), a oração principal traz um verbo

de percepção (ver), que requer o uso do MI na oração subordinada, assim como as sentenças (5c) e (5e) que trazem verbos *dicendi* (dizer e comentar). Por outro lado, em (5b) há uma sentença negativa (não achar), em (5d) há um verbo de dúvida (duvidar) e em (5f) um verbo de desejo, que requerem o uso do MS na oração subordinada.

Em relação à morfologia dos tempos compostos do MS, apesar de serem colocadas como intercambiáveis entre si, de acordo com o autor, as formas *hubiera* e *hubiese* diferem-se devido à origem latina. A primeira forma vem do mais que perfeito do indicativo latino (amaveram) e a segunda do mais que perfeito do subjuntivo (amavissem). Ao fundirem-se *hubiera* e *hubiese* no *imperfecto de subjuntivo*, o significado de ambas as formas ficaram identificados.

No entanto, ainda de acordo com Gili Gaya (ibid.), a forma em -ra conservou alguns empregos do indicativo originário, evidentes em registros literários primitivos, por exemplo, uso este que se torna praticamente esporádico até o século XVII, ainda que, até hoje, alguns autores de literatura de vez em quando utilizem esse tipo de construção para dar um tom rebuscado a seus textos. Na atualidade, essas marcas podem ser encontradas no emprego da forma nas orações principais das orações condicionais equivalente ao futuro hipotético, ou futuro do pretérito, *diría*, como em (7). As gramáticas, segundo o autor, estabelecem como regra que -ra equivale a -se nas orações subordinadas e a -ría nas orações principais. No entanto, embora não apresente dados, o autor afirma que se usa cada vez menos, a forma -ra em detrimento da forma -ría, como em (6), sendo a forma mais usual atualmente expressa em (7):

(6) Si fuera/fuese conveniente, te lo dijera. (GILI GAYA, 1980)

Se ser-3SG-PRET.IMPERF.SBJV conveniente, te o dizer-1SG-PRET.IMPERF.SBJV

‘\*Se fosse conveniente te dissesse.’

‘Se fosse conveniente, te diria.’

(7) Si fuera/fuese conveniente, te lo diría. (GILI GAYA, 1980)

Se ser-3SG-PRET.IMPERF.SBJV conveniente, te o dizer-1SG-FUT.PRET.

‘Se fosse conveniente, te diria.’

Observando novamente (6) e (7), depreende-se que o PB não aceita o verbo conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo, na oração subordinada, tal como é gramatical em E, o que configura um dos usos do MS que se difere entre as duas línguas.



Com exceção dos casos mencionados, Gili Gaya (ibid.) afirma que as formas *-ra* e *-se* são intercambiáveis entre si, contanto que sejam subjuntivas, ainda que em alguns lugares haja a predominância de uma sobre a outra, como na Espanha, onde predomina a forma *-se* na fala cotidiana e *-ra* na forma escrita e mais culta, e na Colômbia, onde *-ra* é mais utilizada no cotidiano.

O autor, baseado nos estudos de Cuervo (1870 apud BELLO, 1870, em nota 94 para a gramática de Andrés Bello, 1870), a terminação *-se* predomina verdadeiramente (porém não exclusivamente) como subjuntiva depois de verbos que regem esse modo, enquanto a forma *-ra* contém rastros de sua origem no indicativo, ainda mais se é rastreado seu uso na história do idioma, que tem como resultados o encontro de menos valores de subjuntivo quanto mais se retrocede (GILI GAYA, ibid., p. 180).

Para Gili Gaya (1980), o *pretérito perfecto de subjuntivo* expressa um significado temporal pretérito ou futuro e, ainda, uma ação perfeita. Como exposto, corresponde aos tempos do indicativo *pretérito perfecto* e *futuro perfecto*.

Retomando Bello (op. cit.), o autor afirma que seu uso pode ser alternado com o *presente de subjuntivo*, como em (8a), em contraste a (8b), e com o *pretérito imperfecto de subjuntivo*, como em (9a), em contraste a (9b).

(8) a. Estamos                    aguardando    a que se levante                    el bloqueo.

Estar-1PL-PRES-IND aguardar-GER a que se levantar-PRES-SBJV o bloqueo.

‘Estamos aguardando que levanten o bloqueio.’

b. Estamos                    aguardando    a que se haya                    levantado el bloqueo

Estar-1PL-PRES-IND aguardar-GER a que se AUX-PRET-PERF-SBJV levantar-PTCP o bloqueio

‘Estamos aguardando que tenham<sup>8</sup> levantado o bloqueio.’

(9) a. Es                    dudoso    que Marco Antonio fuera/fuese                    un hombre

Ser-3SG-PRES-IND dudoso que Marco Antonio ser-3SG-PRET-IMPERF-SBJV un hombre  
tan disoluto y abandonado.

tão disoluto y abandonado.

‘É dudoso que Marco Antonio fosse um homem tão dissoluto e abandonado.’

---

<sup>8</sup> Assumo neste trabalho que há no PB uma preferência para o verbo auxiliar *ter* em detrimento do *haver*.

b. Es dudoso que Marco Antonio haya sido un Ser-3SG-PRES.IND dudoso que Marco Antonio AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV ser-PTCP um hombre tan disoluto y abandonado.  
um homem tão disoluto y abandonado.

‘É dudoso que Marco Antonio tenha sido um homem tão dissoluto e abandonado.’

A escolha entre a forma simples e a composta se dá, segundo o autor, pelo interesse em enunciar a perfeição do ato, caracterizada como neutralização de aspectos, dado que o sentido temporal é o mesmo.

Já o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, para o autor, indica no subjuntivo as mesmas circunstâncias que os tempos *pluscuamperfecto* e *condicional compuesto* no indicativo (GILI GAYA, *ibid.*, p. 182).

Adotando essa afirmação, ele discorre sobre o uso do tempo verbal nas orações condicionais, que, por motivos de recorte de objeto de pesquisa, não serão abordadas neste trabalho. Nenhuma informação sobre os outros usos, além das condicionais, é dada no curto espaço dedicado ao tempo verbal, o que prejudica a descrição do comportamento do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* nas orações subordinadas substantivas.

Essa falta de *input* e de instrução formal sobre os usos do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* é herdada pelos livros didáticos de ensino de ELE. Tanto as gramáticas como os livros didáticos carecem da exploração dos usos dos tempos compostos do MS em orações subordinadas substantivas, dado que, apesar de elas terem uma frequência de uso mais baixa em relação às orações com o MI, são estruturas da língua e, como visto na análise deste trabalho, a falta de *input* sobre essas estruturas é refletida na produção dos aprendizes de E como L2.

### 2.1.1 Real Academia Española (RAE), 2009

A *Nueva Gramática de la Lengua Española* (RAE, 2009), gramática normativa elaborada pela *Real Academia Española* (RAE), traz as noções semânticas que impõem o uso do MS na oração subordinada substantiva. De acordo com a obra, elas englobam verbos e expressões que indicam:

- Vontade, intenção e influência, como os verbos *procurar*, *urgir* e as expressões *la solicitud* (a solicitação) e *ser partidario*;

- Oposição, como o verbo *oponerse* (opor-se);
- Causa, como os verbos *provocar* e as expressões *hacer que* (fazer com que) e *tener la culpa de que* (ter a culpa de que);
- Consecução, como o verbo *conseguir*;
- Inclinação, como o verbo *conducir* (conduzir) e a expressão *haber tendencia a* (ter tendência a);
- Afecção, como os verbos *lamentar*, *doler* (doer) e as expressões *tener miedo* (ter medo), *dar pena* (dar dó), *tener esperanza* (ter esperança) e similares;
- Valoração, como as expressões *tener suerte* (ter sorte), *ser una locura* (ser uma loucura) e *verse bien* (parecer bom);
- Frequência ou infrequência, como as expressões *ser comum* e *ser raro*.

Para a RAE (ibid.), também a negação é indutora do MS nas orações subordinadas substantivas com os verbos de percepção (ou pensamento), tal como *pensar* (pensar) e *oir* (ouvir), os de crença, como *creer* (crer ou achar), verbos *dicendi*, como *decir* (dizer).

Organizo na tabela 1 esses verbos e expressões de acordo com os traços identificados por Gudmestad (2006) que estão envolvidos da seleção do MS e acrescentando ao estudo os traços [+negação] e [+causação]. De acordo com essa classificação, agrupo-os da seguinte forma:

Expressões que denotam	Traços que carregam
Vontade, intenção e influência	[+desejo] <sup>9</sup>
Oposição e advérbios de negação	[+negação]
Causa e consecução	[+causação]
Inclinação, afecção, valoração, frequência e infrequência	[+emoção] e [+valoração]

Tabela 2: Expressões e verbos que induzem ao uso do MS em E e os traços que carregam.

A representação na gramática normativa para os tempos verbais referidos, segundo a gramática da Real Academia Española (RAE, 2009) é dada da seguinte forma: *haya* + *participio* pode ser o tempo do subjuntivo correspondente aos indicativos *ha*

<sup>9</sup> Utilizo desejo seguindo Gudmestad (2006) que engloba nesta classificação os traços [+comando] e [+volição].



são denominados contextos de alternância, como em (12a), na qual há o uso do *pretérito perfecto de subjuntivo* e em (12b), na qual é utilizada o *futuro perfecto*:

(12) a. Confío                    en que para entonces hayan                    solucionado    las  
 Confiar-1SG-PRES-IND em que para então    3SG-AUX-PRET.PERF-SJBV solucionar-PTCP as  
 dificultades. (RAE, 2009)  
 dificultades.

‘Confio que até lá eles tenham solucionado todas as dificuldades.’

b. Confío                    en que para entonces habrán                    solucionado  
 Confiar-1SG-PRES-IND em que para então 3SG-AUX-FUT.PERF-IND solucionar-PTCP  
 todas las dificultades. (RAE, 2009)  
 todas as dificuldades

‘Confio que até lá eles terão solucionado todas as dificuldades.’

Os dois exemplos contidos em (12) possuem a mesma interpretação prospectiva, posto que as dificuldades estarão solucionadas no futuro, dado pela expressão *entonces*. Devido à interpretação de que a conclusão do evento está direcionada ao futuro, o uso de ambos os tempos verbais é gramatical, portanto esse contexto é denominado **contexto de alternância**<sup>10</sup>. Nas duas orações o evento solucionar o problema terá sido completado no futuro. Ambos os tempos verbais carregam os traços [+perfectivo], pois a ação está terminada. A diferença se dá pelo traço [+subjuntivo] que carrega o verbo em (12a) e o traço [+indicativo] que o verbo carrega em (12b), o que, neste caso de alternância, não altera o significado da sentença.

O contexto de alternância se contrapõe ao **contexto de substituição**<sup>11</sup>, no qual não é permitida a alternância, posto que o tempo do subjuntivo possui interpretação retrospectiva (RAE, idem, p. 1803), ou seja, o evento está relacionado ao passado, como os exemplos expressos em (13).

(13) a. En caso de que no    {haya/                    \*habrá}                    regresado. (RAE, 2009)

No caso de que não {AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV/\*AUX-3SG-FUT.PERF.-IND} regresar-PTCP

<sup>10</sup> Grifo meu

<sup>11</sup> Grifo meu.

‘No caso de que ele não {tenha/\*terá} voltado.’

b. Cuando {hayamos/ \*habremos} triunfado levantaremos  
 Quando{AUX-1PL-PRET.PERF-SBJV/\*AUX-1PL-FUT.PERF.-IND} triunfar-PTCP levantar-1PL-FUT-  
 IND  
 el templo [...] (RAE, 2009)  
 o templo [...]  
 ‘Quando {tivermos triunfado/\*teremos triunfado} levantaremos o templo [...]’

É importante ressaltar que a classificação para determinar se um contexto é de alternância ou de substituição é a interpretação da relação temporal entre o evento e o tempo da oração principal. Se é interpretado que o evento será concluído futuramente, pode haver a alternância. Se o evento tem sua conclusão estritamente ligada ao passado, não é possível alternar e o contexto dado é o de substituição. Em (13a), contexto de substituição, sua volta está concluída no âmbito do passado em relação ao momento determinado. O mesmo ocorre em (13b), no qual o triunfo estará concluído antes de que se levante o templo.

Do mesmo modo que o *pretérito perfecto de subjuntivo* equivale a dois tempos do MI, o outro tempo verbal, objeto desta pesquisa e denominado *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, equivale aos tempos do indicativo *pretérito pluscuamperfecto* e *condicional compuesto*.

A gramática da RAE (ibid.) afirma também que os usos do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* dividem-se também em dois grupos: o que alterna com o *condicional compuesto*, como em (14a) e o que não alterna, exemplificado em (14b):

(14) a. Me {habría/hubiera} gustado trabajar allí.

Me {habría/ hubiera} gustado trabajar

Me {AUX-1SG-FUT.PRET.COMP.-IND/AUX-1SG-PRET.MAIS.QUE.PERF.SBJV}gostar-PTCP trabalhar  
 ali.

ali.

‘Eu {teria/\*tivesse} gostado de trabalhar ali.’



### 2.3.3 Alarcos Llorach, 1994

Alarcos Llorach (1994), tal como Gili Gaya (op. cit.), considera que as formas verbais compostas correspondem a outras simples, como nos pares do MS *cantes / hayas cantado; cantaras / hubieras cantado; cantases / hubieses cantado*, expressando, as segundas, anterioridade temporal em relação às primeiras.

Para o autor, a escolha pelo modo e o tempo verbal depende da atitude do falante em relação aos fatos que comunica (p.235). Portanto, o uso dos tempos compostos do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas subjetivas representa a escolha do falante por expressar anterioridade, como nos exemplos em (16), retirados de Alarcos Llorach (1994):

(16) a. Lástima que lo *haya* *leído* en este invierno febrero.

Lástima que o AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV ler-PTCP em este invernal fevereiro.

‘(Que) lástima que ele tenha lido neste fevereiro invernal.’

b. Le alegró *que hubiera* *atraído* lectores.

Lhe alegrar-3SG-PRET.PERF-IND que AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV atrair-PTCP leitores.

‘Ficou feliz que tivesse atraído leitores.’

Em (16a) a anterioridade se dá em relação ao evento “ler”, já concluído durante o mês de fevereiro invernal, portanto, de aspecto perfectivo. Em (16b), o evento “atrair leitores” também já foi concluído anteriormente. Em PB, a sentença (16b) seria agramatical se construída com o verbo no pretérito mais que perfeito do MS (tivesse atraído), sendo necessário colocá-lo no mesmo tempo verbal do MI (tinha atraído).

As duas formas do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* **hubiese** e **hubiera** são tratadas como equivalentes pelo autor, podendo ser alternadas sem nenhuma alteração de sentido nos exemplos em (17), também extraídos de Alarcos Llorach (ibid), pois (17a) se trata de uma oração condicional e (17b) de uma oração relativa. No entanto, se fosse uma oração subordinada substantiva na qual houvesse um indutor do MS, essa alternância não seria permitida.

(17) a. Si no hubiera *ido*, *sería* *feo*.



Se não AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF.-SBJV ir-PTCP, ser-3SG-FUT.PRET.-IND feio.

‘Se não tivesse ido, teria sido feio.’

b. Abandonó a un tío suyo que le *hubiese metido* en un pueblo.

Abandonó a un tío suyo que le hubiese

Abandonar-3SG-PRET.PERF-IND a um tio seu que lhe AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV metido en un pueblo.

meter-PTCP em um povoado.

‘Abandonou um tio dele que lhe enfiou em um povoado.’

O sentido do morfema de anterioridade, encontrado nos auxiliares *haya* (-**ya**) e *hubiera/hubiese* (-**ra/-se**) acompanhados do particípio do verbo principal, comum aos dois tempos verbais mencionados neste trabalho, tem caráter conflituoso para Llorach (ibid.), já que se supõe que penetra as esferas de perspectiva de pretérito, posto que denota anterioridade, como o nome sugere.

O sentido do morfema de anterioridade parece penetrar a esfera do que denotam as esferas de perspectiva de pretérito, pelo menos em certas ocasiões. Ocorrem, portanto, conflitos no uso das formas verbais que contêm um ou dois morfemas dessas classes. O ponto de vista do falante determina a perspectiva de presente ou de pretérito: ele utiliza a primeira quando o que se comunica se considera dentro do círculo de circunstâncias atuais (físicas ou mentais) e utiliza-se da segunda para transmitir os fatos que se mantêm afastados daquelas. Em compensação, com o morfema de anterioridade é manifestado simplesmente quando a noção referida pela raiz verbal se situa previamente ao que denotam as perspectivas (ALARCOS LLORACH, ibid., p. 165)<sup>13</sup>.

Allarcos Llorach (1994), portanto, considera que o morfema de anterioridade tem caráter dúbio, pois pode ser usado tanto para a perspectiva de presente quanto para a perspectiva de pretérito. O autor, no entanto, não cita quais morfemas são esses.

Sobre o traço [ $\pm$ anterioridade] e como se manifestam por meio dos tempos compostos do subjuntivo, Cartagena (op. cit.) expõe outra visão, cujos pontos relevantes capitalizo na próxima seção.

---

<sup>13</sup> Tradução minha.

### 2.3.4 Cartagena, 1999

Cartagena (1999) caracteriza os tempos do MS pelo traço [ $\pm$  ant(erioridade)] e chega a concluir que os tempos simples são [- ant], expressam coincidência ou futuridade, e os compostos [+ ant], ou seja, expressam anterioridade em relação ao ponto de referência constituído pelo verbo da oração principal. Nesse último caso, se a oração principal se refere ao âmbito do presente, é selecionado o *pretérito perfecto compuesto*, já se a oração principal se refere ao âmbito do passado, o *pretérito pluscuamperfecto*. (CARTAGENA, *ibid.*, p. 2971-2972). Esses traços, que serão retomados futuramente na análise, estão demonstrados nos quadros (7) e (8):

Quadro 7 - Representação da expressão dos traços de [ $\pm$  ant(erioridade)] no âmbito do presente.

<i>Oração principal referida ao âmbito do presente</i>			
(A) Deseo	que me digas	la verdad. [-ant]	
Desejar-1SG-PRES-IND que me dizer-2SG-PRES-SBJV a verdade.			
‘Quero que você me diga a verdade.’			
(B) Deseo	que me <b>hayas</b>	<b>dicho</b> la verdad. [+ant]	
Desejar-1SG-PRES-IND que me AUX-2SG-PRET.PERF-SBJV dizer-PTCP a verdade.			
‘Quero que você tenha me dito a verdade.’			
(C) Es	una lástima que no continúes	tus estudios. [-ant]	
Ser-3SG-PRES-IND uma lástima que não continuar-2SG-PRES-SBJV teus estudos.			
‘É uma pena que você não continue seus estudos.’			
‘É uma pena você não continuar seus estudos.’			
(D) Es	una lástima que no <b>hayas</b>	<b>continuado</b> tus estudios. [+ant]	
Ser-3SG-PRES-IND uma lástima que não AUX-2SG-PRET.PERF-SBJV continuar-PTCP teus estudos.			
‘É uma pena que você não tenha continuado seus estudos.’			

Fonte: Extraído e adaptado de Cartagena (1999).

Todas as orações principais do Quadro 7 apresentam um verbo ou expressão no presente do indicativo que denota desejo (A) e (B) ou emoção (C) e (D). O que diferencia as sentenças é a relação entre os tempos e o traço [ $\pm$ anterioridade]

Em (A), o evento “dizer a verdade” tem interpretação no momento presente, portanto na oração há o uso do tempo simples *presente de subjuntivo*, que carrega o traço [-ant]. Em (B), o desejo é o de que ela já houvesse sido dita, sendo usado para expressá-lo o tempo composto *pretérito perfecto de subjuntivo*, que carrega o traço [+ant].

Em (C), o lamento é em relação ao evento “continuar os estudos” não ter realização no futuro, expresso com o uso do *presente de subjuntivo* e em (D), que ele não tenha sido realizado no passado e, portanto, há o uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*.

No quadro 8, é possível ver as mesmas relações, porém com as orações principais referindo-se ao âmbito do passado.

Quadro 8 - Representação da expressão dos traços de [ $\pm$  ant(erioridade)] no âmbito do passado.

<i>Oração principal referida ao âmbito do passado</i>		
(E) Deseaba	que me dijeras	la verdad. [-ant]
Desejar-1SG-PRET.IMPERF-IND que me dizer-2SG-PRET.IMPERF-SBJV a verdade. 'Querida que você me dissesse a verdade.'		
(F) Deseaba	que me <b>hubieras dicho</b>	la verdad. [+ant]
Desejar-1SG-PRET.IMPERF-IND que me dizer-2SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV a verdade. 'Querida que você tivesse me dito a verdade.'		
(G) Fue	una lástima que no continuaras	tus estudios. [-ant]
Ser-3SG-PRET.PERF.-IND uma lástima que não continuar-2SG-PRET.IMPERF-SBJV teus estudos. 'Foi uma pena que você não continuou seus estudos.'		
(H) Fue	una lástima que no <b>hubieras</b>	<b>continuado</b> tus estudios. [+ant]
Ser-3SG-PRET.PERF.-IND uma lástima que não AUX-2SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV continuar-PTCP teus estudos. 'Foi uma pena que você não tenha continuado seus estudos.' 'Foi uma pena você não ter continuado seus estudos'		

Fonte: Extraído e adaptado de Cartagena (1999).

O Quadro 8, contendo as orações de (E) a (H) apresenta da mesma maneira a diferença entre o uso dos tempos simples e compostos, com a diferença de que as orações principais se referem ao âmbito do passado.

Em (E), esperava-se que o evento desejar e o evento “dizer a verdade” tivessem ocorrido concomitantemente no passado, portanto, há o uso do *pretérito imperfecto de subjuntivo*, um tempo simples e, portanto, que carrega o traço [-ant]. Em (F), esperava-se

que o evento “dizer a verdade”, expresso com o uso do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, que carrega o traço [+ant], ocorresse anteriormente ao desejo.

A mesma relação ocorre em (G) e (H): enquanto na primeira era esperado que o evento “continuar seus estudos” fosse concomitante ao desejo, e, por conseguinte, há o uso *pretérito imperfecto de subjuntivo*, na segunda, esperava-se que os estudos tivessem sido continuados anteriormente à expressão do desejo no passado. Assim sendo, foi utilizado o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, que é um dos tempos compostos.

Cartagena não traz nenhuma informação sobre quais seriam os verbos e expressões que induzem ao uso do MS. Entretanto, a separação entre os contextos [+ant] e [-ant] representam um marco neste trabalho, pois é possível delimitar que o *pretérito perfecto de subjuntivo* e o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, objetos desta pesquisa, carregam os traços [+subjuntivo] [+perfectivo] e [+ant] e são utilizados nas orações subordinadas substantivas quando na oração principal há uma expressão ou verbo que induz ao uso do MS.





- (24) Me alegro                                de que usted      haya                                hecho      el examen.  
Me alegrar-1SG-PRES-IND de que o senhor AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV fazer-PTCP o exame.  
'Fico feliz que o senhor tenha feito o exame.'
- (25) \*Me alegro                                de usted    haber                                hecho      el examen.  
\*Me alegrar-1SG-PRES-IND de senhor haver-3SG-INF fazer-PTCP o exame.  
'Fico feliz de o senhor ter feito o exame.'

Em PB, tanto (24) quanto (25) são aceitáveis, o que não ocorre em E, pois, o infinitivo flexionado é uma estrutura ausente nessa língua. Sendo assim, em contextos nos quais em PB utilizados o infinitivo flexionado composto (infinitivo flexionado como auxiliar mais o particípio do verbo principal), em E deve ser utilizado o *pretérito perfecto de subjuntivo*, tal qual exposto em (24).

### 3.1 Os tempos compostos do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em E

Como visto anteriormente, o *pretérito perfecto de subjuntivo* e o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* podem aparecer nos diversos tipos de orações subordinadas substantivas.

Sobre o uso dos tempos do MS, nesse tipo de oração, Gili Gaya (1970) adverte que, com verbos volitivos qualquer tempo do MS que seja posterior, ou seja, carrega o traço [-ant], ao tempo da oração principal pode ser utilizado. Isso se deve ao significado desse tipo de verbo, que é anterior a seu complemento. De acordo com Gili Gaya (ibid., p. 292), o ato de mandar, proibir ou exigir não pode se referir a ações já acabados no momento da ordem, mandato ou exigência, como ilustram os exemplos em (26a) e (26b).

Essa classificação, no entanto, não se estende a todos os verbos volitivos, pois, como mostra o exemplo (26c), com o verbo *querer* é possível utilizar um verbo no *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, que carrega o traço [+ant].

- (26) a. Mandaron que estudie.  
Mandar-3PL-PRET.PERF-IND que estudiar-3SG-PRES-SBJV.





já que o verbo deve estar em um tempo posterior à ação enunciada pelo verbo principal (GILI GAYA, *ibid.*, p. 293), impondo, assim, uma relação de concordância de tempos.

Se uma forma verbal na oração principal situa o evento que denota na linha temporal como **anterior**, **simultâneo** ou **posterior** em relação ao tempo do evento, que é interpretado no TP, diz-se que entre as duas orações existe concordância temporal.

Para Carrasco Gutiérrez (2000), a concordância de tempos, mencionada por Gili Gaya (1970), é um fenômeno gramatical ligado à subordinação, posto que uma forma verbal concorda com a outra se a da oração principal orienta suas relações temporais em relação à oração subordinada e não necessariamente em relação ao tempo da enunciação, interpretado no CP, como estabelecido por Montrul (2004), na figura 1. Portanto, essa relação de dependência na interpretação temporal de uma forma verbal em relação a outra é o reflexo da dependência sintática existente entre elas. Além da dependência sintática, a autora afirma que a semântica também orienta a relação de concordância temporal. Portanto, concordância temporal é um fenômeno gramatical relacionado à dependência de uma das formas verbais em relação a outra na hora de orientar suas relações temporais.

Os conceitos destacados em negrito serão de suma importância para o entendimento dos usos dos tempos compostos do subjuntivo nas orações substantivas. Boa parte do material utilizado para o ensino de E como L2, e portanto o *input* ao qual o aluno é exposto durante o processo de aquisição em contexto de instrução, tem como foco o uso dos tempos atrelados a orações de outros tipos, como as temporais, concessivas e condicionais (principalmente quando nos referimos ao *pluscuamperfecto de subjuntivo*). Esses materiais não separam as relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade entre os verbos das orações e entender como se dão essas relações nas orações substantivas pode ser a chave para a compreensão das incompatibilidades sintático-semânticas entre o PB e o E e, por conseguinte, os motivos pelos quais os alunos produzem sentenças agramaticais na interlíngua. Em relação a isso, podemos estabelecer que, resumindo o que trazem as gramáticas, se a oração principal traz um verbo na esfera do presente que induz ao uso do MS, a oração subordinada deve conter o *pretérito perfecto de subjuntivo* e se a oração principal traz um verbo pertencente à esfera do passado, o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*.

Além do significado temporal, o significado aspectual também coordena a relação de concordância. Os aspectos, de acordo com Carrasco Gutiérrez (2000), são divididos em *Imperfectivo*, *Perfectivo* ou *Aorístico*, de *Perfecto* e *Prospectivo*. Os tempos descritos neste trabalho possuem significado aspectual *Perfectivo* ou *Aorístico* e *Perfecto*.

Os tempos de aspecto *Perfectivo* ou *Aorístico* situam-se na linha temporal por todo o evento denotado, ao contrário do imperfectivo. Pela condição de *perfectivo*, a anterioridade tem que ser em relação a todo o evento, do início ao fim, como se pode comparar no quadro 9 entre as situações 1 e 2.

Quadro 9 - Situações imperfectiva e perfectiva

Situação 1: A: - Você viu o João ontem?

B: - Não, ele **estava** trabalhando em Lisboa. – Imperfectivo

Situação 2: A: - Você viu o João ontem?

B: - Não, ele **esteve** trabalhando em Lisboa. - Perfectivo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na situação 1, é possível afirmar que o João estava em Lisboa ontem, mas não se sabe quanto tempo durou sua estadia: se ele ficou somente o dia anterior ou se ainda está lá, pois o aspecto imperfectivo faz referência apenas a uma parte do evento e não indica que ele está terminado. Por conseguinte, de acordo com Carrasco Gutiérrez (ibid), por o aspecto ser imperfectivo, o evento **estar em Lisboa** pode prosseguir além do tempo da enunciação.

Diferentemente da situação 1, na situação 2, o evento delimita-se a todo o evento, do início ao fim e apresenta-se como acabado. João esteve somente ontem em Lisboa trabalhando, não está mais lá. Para Carrasco Gutiérrez (ibid), há uma relação de coincidência entre os tempos das orações com o aspecto *Perfectivo* ou *Aorístico* e, quando os tempos coincidem, os limites do evento entram em consideração. No caso da situação 2, o limite do evento estar em Lisboa é o dia de ontem. Hoje, João não está mais lá, posto que esteve somente ontem e o evento foi concluído. Apresentar o evento concluído é apresentá-lo como delimitado (CARRASCO GUTIÉRREZ, ibid., p. 21-22).

Por outro lado, ainda de acordo com a autora, o aspecto *Perfecto* permite fazer afirmações sobre a conclusão da ação, consequência do evento e, por conseguinte, posterior. Pode-se ter a certeza de que o evento está terminado, devido à perfectividade. Esse aspecto é expresso pelas formas compostas do verbo *haber*, encontradas no indicativo (com os pretéritos *perfecto* e *pluscuamperfecto* de indicativo) e no subjuntivo (com os pretéritos *perfecto* e *pluscuamperfecto* de subjuntivo), que também podem ter conteúdo *Perfectivo*, como mencionado. O quadro 10 ilustra essa relação no subjuntivo, onde é possível observar que a expressão **ontem** determina que o evento está terminado.



‘O companheiro de Juan negou que tenham feito uma oferta melhor a ele.’

Em (28a) e (28b), o tempo da oração principal pertence à esfera do presente. Já em (28c), o tempo da oração principal é um *pretérito perfecto compuesto*. A negação em (28a), a ação de tirar a carteira de motorista em (28b) e a oferta feita em (28c) ocorreram **anteriormente** à surpresa, à afirmação de que o evento era falso e à negação. Claramente, a negação já foi feita, a carteira já foi tirada e a oferta já foi feita.

(29) a. Supongo                      que haya                      sido                      aprobado.

Supor-1SG-PRES-IND que AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV ser-PTCP aprovar-PTCP.

‘Suponho que ele tenha sido aprovado’

b. Celebraban                      que Juan ya *hubiera*                      *ganado*                      la plaza.

Celebrar-3PL-PRET.IMPERF.-IND que Juan já AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV ganhar-PTCP a vaga.

‘Comemoravam que Juan já tivesse ganhado a vaga.’

‘Comemoravam o Juan já ter ganhado a vaga.’

Em (29a), o tempo da oração principal pertence à esfera do presente. A suposição é concomitante ao processo de aprovação, entretanto, como não se tem certeza ele foi aprovado ou não, no momento da fala, utiliza-se o subjuntivo. Em (29b), o tempo pertence à esfera do passado e a celebração concomitante ao evento **ganhar a vaga**. Algo já foi feito e a vaga já foi conseguida, portanto, os tempos utilizados na oração subordinada são [+perfectivo]. No entanto, essas ações ocorreram simultaneamente à ação do verbo da oração principal.

(30) a. Insiste en que *hayamos resuelto* todas nuestras diferencias para la votación.

Insiste                      en que *hayamos*                      *resuelto*                      todas nuestras

Insistir-3SG-PRES-IND em que AUX-1PL-PRET.PERF.-SBJV resolver-PTCP todas nossas diferenças para la votación.

diferenças para a votação.

‘Insiste em que tenhamos resolvido todas as nossas diferenças para a votação.’

b. Ha pedido a todos que *hubieran acabado* para cuando él volviese.

Ha                                  pedido          a todos que *hubieran*

AUX-3SG-PRET.PERF.COMP-IND pedir-PTCP a todos que AUX-3PL-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV  
*acabado*      para cuando él volviese.

acabar-PTCP para quando ele voltar-3SG-PRES-SBJV.

‘Pedi a todos que tivessem acabado quando ele voltasse.’

Novamente, em (30a) o tempo da oração principal pertence à esfera do presente. Há a insistência para que, futuramente, quando o for o tempo da votação, as diferenças tenham sido resolvidas. Por isso a relação é de posterioridade. E em (30b), o verbo da oração subordinada está no *pretérito perfecto compuesto*. Há o pedido para que, futuramente, quando ele voltasse, algo estivesse acabado. Novamente, as ações das orações subordinadas estão concluídas, mas em relação ao pedido ou evento da oração principal, elas possuem uma interpretação posterior.

No entanto, em todos os exemplos, o verbo da oração subordinada segue carregando o traço [+ ant], pois denota anterioridade ao evento dentro da própria oração subordinada<sup>14</sup>.

Carrasco Gutiérrez quer apontar com esta análise que dentro das orações subordinadas substantivas, é possível ter diferentes interpretações de relações temporais entre os eventos denotados pela oração principal e pela oração subordinada. É indiscutível que esses eventos estão terminados, posto que os tempos utilizados carregam o traço [+perfectivo]. No entanto, eles podem ter sido terminados anteriormente ao evento da oração principal, como em (28), concomitantemente ao evento, como em (29) ou posteriormente ao evento, como em (30).

O que se pauta aqui é que os usos dos tempos compostos do MS nas orações subordinadas estão atrelados aos seguintes fatores:

- I. Expressar um significado relacionado ao subjuntivo (tratar-se de um evento não-factual, irreal ou não-assertivo).
- II. Expressam um evento terminado, tanto anterior, simultânea, ou posteriormente ao evento denotado pela oração principal.

<sup>14</sup> O Prof. Dr. Janderson Lemos de Souza pontuou-me que os tempos compostos do MS carregam sempre o traço [+ant], pois o que se deve analisar é a anterioridade ao evento denotado na oração subordinada e não em relação ao evento da oração principal, já que, se assim fosse, ter-se-ia um tempo verbal para cada relação (de anterioridade, simultaneidade e posterioridade). Comunicação pessoal.

- III. Se o verbo da oração principal pertence à esfera do presente, utiliza-se o *pretérito perfecto de subjuntivo*, já se o verbo da oração principal pertence à esfera do passado ou se trata de um *pretérito perfecto compuesto*, utiliza-se o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, tal como pontua Cartagena (1999), nos quadros 6 e 7.

Eis em III um ponto conflitante entre PB e E: como visto nas traduções dos exemplos, em alguns usos o PB não aceita o mais-que-perfeito do subjuntivo, tornando a oração mais aceitável o uso do pretérito perfeito do subjuntivo ou do mais-que-perfeito do indicativo. A tendência da predominância do indicativo sobre o subjuntivo em PB está pontuada na seção seguinte.

### 3.2 O modo subjuntivo em português brasileiro

Passando à língua nativa dos aprendizes investigados neste trabalho, o PB, tem-se, segundo a obra de referência em gramática normativa de Cunha e Cintra, que “o subjuntivo é por excelência o modo da oração subordinada.” (CUNHA e CINTRA, 2013, p. 482). A partir dessa afirmação, relacionada à teoria descrita, passo à descrição do uso dos tempos compostos do MS nas orações subordinadas substantivas em PB, seguindo primeiramente uma abordagem normativa, de Cunha e Cintra (2013), seguida da abordagem descritiva, de Perini (2005).

Os tempos compostos do MS estão dispostos no quadro 11. Assumo neste trabalho que o verbo *ter* é o verbo auxiliar em PB, no entanto, como na descrição também consta o verbo *haver*, ambos os auxiliares estão representados.

Quadro 11 - Tempos compostos do modo subjuntivo em PB

TEMPOS COMPOSTOS DO MS EM PB		
pret. perfeito	pret. mais-que-perfeito	futuro perfeito
tenha/haja amado	Tivesse/houvesse amado	Tiver/houver amado
tenhas/hajas amado	Tivesses/houvesse amado	Tiveres/houveres amado
tenha/haja amado	Tivesse/houvesse amado	Tiver/houver amado
tenhamos/hajamos amado	Tivéssemos/houvéssemos amado	Tivermos/houvermos amado
tenhais/hajais amado	Tivésseis/houvésseis amado	Tiverdes/houverdes amado
tenham/hajam amado	Tivessem/houvessem amado	Tiverem/houverem amado

Fonte: Perini (2005).

A perspectiva normativa de Cunha e Cintra (2013) alterna os exemplos com os dois auxiliares, como descrito na seção 3.2.1.

### 3.2.1 Cunha e Cintra, 2013

Em PB, partindo de uma visão normativa, há três tempos verbais compostos nesse modo: o pretérito perfeito do subjuntivo, o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do subjuntivo composto.

O primeiro, de acordo com Cunha e Cintra (ibid. p. 488), pode exprimir um fato passado, supostamente concluído (31a), ou futuro (31b), terminado em relação a outro fato futuro, como exemplificado abaixo, segundo os autores:

- (31) a. Espero que não a **tenha ofendido**.  
 b. Espero que João **tenha feito** o exame quando eu voltar.

O segundo, também conforme Cunha & Cintra (ibid. p. 489), pode indicar ou uma ação anterior a outra ação passada (32a), ou uma ação irreal no passado (32b), tal como ilustrado em (32) de acordo com os autores.

- (32) a. Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem perdido**.  
 b. Se a vitória os **houvesse coroado** com os seus favores, não lhes faltaria o aplauso do mundo e a solicitude dos grandes advogados.

Já o último “indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do MS)” (CUNHA & CINTRA, ibid., p. 490), como pode ser visto no exemplo (33), também extraído de Cunha e Cintra (ibid.).

- (33) – D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o **houver lido** até aqui, abandone o resto.

### 3.2.2 Brandão, 1963

Para Brandão (1963, p. 394), o MS exprime as noções de incerteza, possibilidade, dúvida, futuridade, vontade, desejo, esperança, temor, suposição e concessão. Para o autor, a presença de um dos verbos listados na tabela 3 na oração principal é gatilho para o uso do MS na oração subordinada.

Nesta tabela, relaciono o agrupamento sugerido por Brandão, à esquerda, e os traços semânticos carregados pelos verbos, no espírito de Gudmestad (2006). Na coluna da direita, tem-se o agrupamento sugerido por Brandão (idem) e na coluna da esquerda pontuo os traços semânticos que esses verbos carregam.

Tabela 3 - Verbos e expressões que induzem ao uso do MS em PB e os traços que carregam.

<b>Verbo da oração principal</b>	<b>Traço que carrega</b>
a) Pedir, rogar, suplicar, deprecar, instar, requerer, solicitar;	[+desejo]
b) mandar, ordenar, prescrever, determinar, intimar, decretar, deliberar, votar, proibir, vedar, impedir, obstar;	[+desejo]
c) permitir, consentir, sofrer, conceder;	[+desejo]
d) querer, desejar, pretender, exigir;	[+desejo]
e) fazer, conseguir, obter, alcançar, impetrar;	[+causação]
f) aconselhar, avisar, admoestar, persuadir, convencer, recomendar, exortar;	[+causação] com complemento [+humano]
g) obrigar, forçar, constranger;	[+causação] com complemento [+humano]
h) esperar, aguardar;	[+desejo]
i) temer, recear;	[+emoção]
j) admirar(-se); espantar(-se), maravilhar(-se), pasmar(-se), estranhar	[+emoção]
k) alegrar-se, gozar-se, folgar, deleitar-se, entristecer-se, afligir-se, sentir, magoar-se, doer-se, pesar de, arrepender-se;	[+emoção]



<b>Verbo da oração principal</b>	<b>Traço que carrega</b>
l) importar, convir, cumprir, revelar e expressões de cunho semelhante, tais como ser necessário, preciso, conveniente, importante, relevante, urgente, inevitável, ter a necessidade de que, etc. <sup>15</sup>	[+emoção]
m) orações subordinadas às expressões constituídas com um verbo de ligação (geralmente ser), tais como é lástima que, será bem que, não é justo que, bem foi que, é possível que (quando se tem a intenção de significar a probabilidade ou incerteza de um fato)	[+emoção] e [+dúvida]
n) merecer e adjetivos como digno, indigno e merecedor	Expressões de apreciação/reconhecimento/[+juízo]
o) faltar com uma determinação quantitativa: pouco falta, muito falta	[+quantificação]
p) duvidar, o adjetivo duvidoso e o substantivo dúvida	[+dúvida]

Fonte: Elaborado pelo autor.

À extensa lista de Brandão somam-se os outros usos do MS, como nas orações condicionais e no imperativo negativo. Como o objeto deste trabalho são as orações subordinadas substantivas, limito-me a listar os tipos de verbos que acionam o MS na oração subordinada substantiva, a fim de mapear os traços que estão envolvidos no uso desse modo verbal.

### **3.2.3 Bechara, 2004.**

Bechara (2004, p. 281) também lista os verbos e as expressões que acionam o MS nas orações subordinadas substantivas. De acordo com o autor, são elas:

<sup>15</sup> Como sinalizou o Prof. Dr. Janderson Lemos de Souza, Brandão (1963), ao mesclar esses verbos e expressões, ignora que “importante”, “relevante” etc. não são expressões, são adjetivos derivados dos verbos, e a relação semântica é discutível. O falante que tem “urgente” em seu léxico também tem “urgir”?

- Expressões que denotam ordem, vontade (como os verbos volitivos *querer, desejar*), consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento;
- Expressões que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade;
- Verbos como *duvidar, suspeitar, desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais.

Seguindo a classificação que Gudmestad (2006) propôs para o E, é possível reorganizar a proposição de Bechara (2004) classificando as expressões que são gatilho para o uso do MS nas orações subordinadas em três traços: [+desejo], [+emoção] e [+dúvida]. Proponho, portanto, o seguinte agrupamento:

- As expressões que denotam ordem, necessidade, vontade (como os verbos volitivos *querer, desejar*) e proibição carregam o traço [+ desejo];
- As expressões que denotam vulgaridade, justiça, utilidade, aprovação, receio, admiração, surpresa, contentamento carregam o traço [+ emoção];
- As expressões que denotam probabilidade e verbos como *duvidar, suspeitar, desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais carregam o traço [+dúvida].

### 3.2.4 Perini, 2005

De acordo com a perspectiva descritiva de Perini (2005), o subjuntivo expressa incerteza, dúvida ou desejo ante o conteúdo do enunciado, assim como é uma marca de subordinação. Nesse último caso, a marca se dá por meio de um morfema preso (marca morfológica), nas desinências do MS. A tabela 4 destaca em negrito esses morfemas em PB e em E nos verbos auxiliares *ter* (em PB) e *haber* (em E).

Tabela 4 - Tempos do MS com morfemas em destaque

Tempo do MS	Português Brasileiro (verbo <i>ter</i> )	Espanhol (verbo <i>haber</i> )
Presente	<b>Tenha</b>	<b>Haya</b>
Pretérito imperfeito	<b>Tivesse</b>	<b>Hubiese/Hubiera</b>

<b>Tempo do MS</b>	<b>Português Brasileiro (verbo ter)</b>	<b>Espanhol (verbo haber)</b>
Futuro	<b>Tiver</b>	-
Pretérito perfeito	<b>Tenha</b> + particípio	<b>Haya</b> + particípio
Pretérito mais-que-perfeito	<b>Tivesse</b> + particípio	<b>Hubiese/Hubiera</b> + particípio
Futuro composto	<b>Tiver</b> + particípio	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira coluna traz os tempos do MS, tanto os simples quanto os compostos. A segunda coluna apresenta o auxiliar *ter* em PB com o morfema preso dos tempos correspondentes destacado, assim como a terceira coluna, que apresenta o auxiliar *haber* nos tempos do MS em uso em E, e, portanto, não ilustra os tempos do futuro.

Perini também expõe que “[...] a função sintática dessas marcas pode ser interpretada como a de formar sintagmas a partir de orações. Assim, *que* mais uma oração formam um sintagma nominal [...]” (PERINI, *ibid.*, p. 138).

De acordo com o autor, isso se justifica “porque só em certas estruturas excepcionais, e pouco frequentes (o subjuntivo), pode ocorrer em uma oração não-subordinada.” (PERINI, *ibid.*, p. 142), tais como as expressas em (34). Essas orações são optativas, ou seja, expressam desejo ou um voto, e trazem o subjuntivo na oração principal.

(34) a. Queira Deus que isso tudo se resolva.

b. Deus lhe acompanhe.

No entanto, para Perini (2005), as noções semânticas não são tão estritas assim, sendo o indicativo também aceito para expressar falta de certeza, como visto em (35a), alternando com o subjuntivo (35b), devido à negação. Tal alternância não é permitida em E, como descrito.

(35) a. Eu não creio que Selma fuma cachimbo.

b. Eu não creio que Selma fume cachimbo.

A oposição indicativo e subjuntivo é vista também nas orações relativas, para o autor, sendo o MI usado com um referente existente e já procurado (36a) e o MS com um possível, mas não necessariamente existente, como mostrado em (36b).

(36) a. Procuro uma mulher que fuma cachimbo.

b. Procuro uma mulher que fume cachimbo.

Em (36a), a mulher existe e está sendo procurada, já em (36b), não é garantida a sua existência. No entanto, essa distinção em PB é cada vez menos percebida e usada intencionalmente pelos falantes e há, inclusive, **uma tendência da língua a eliminar o papel semântico do subjuntivo e até eliminar gradativamente o subjuntivo**<sup>16</sup> (PERINI, *ibid.*, p. 258-259). Entretanto, o autor faz essa afirmação aparentemente de forma intuitiva e sem referência a dados e estudos que a corroborem. Em contrapartida, os estudos de Castro (2005) e Santos (2014) nos fornecem mais dados que vão ao encontro do que afirma Perini (*ibid.*), mas não há a conclusão de que tão logo o MI substituirá o MS.

É possível que a distinção seja cada vez menos percebida por causa da distância entre a L1 adquirida e a gramática ensinada na escola, sinalizada por Kato (2005). Esse conhecimento seria, de acordo com a autora, adquirido como uma L2 e localizar-se-ia na periferia marcada, também parte da Língua-I, tendo o falante letrado, portanto, uma periferia marcada maior que o não-letrado. Relacionando a afirmação de Perini (*ibid.*) à hipótese proposta por Kato (*ibid.*), o indicativo pode estar sendo usado com valor de subjuntivo porque o MS tem seu uso cada vez mais restrito às práticas letradas e aos falantes letrados. Além disso, como pontua Castro (2005) em seu estudo, o subjuntivo no PB está atrelado à formalidade, enquanto o indicativo à informalidade. Isso não ocorre em E, língua na qual os contextos de uso do MI e do MS são menos variáveis.

A afirmação de que o subjuntivo tende a ser substituído pelo indicativo no PB baseia as hipóteses postuladas neste trabalho, já que, como anteriormente mencionado, a dificuldade do aprendiz brasileiro pode estar neste ponto, pois a estrutura está presente nas duas línguas, mas são utilizadas de formas distintas. De forma a relatar essa tendência na língua, estudos sociolinguísticos foram feitos, baseados em *corpora*, sobre o tema. Dois deles estão descritos a seguir, a fim de fundamentar a hipótese deste trabalho.

### 3.3 A morfologia do indicativo na expressão do subjuntivo

---

<sup>16</sup> Grifo meu.

A tendência apontada por Perini se fundamenta em dados trazidos por estudos sociolinguísticos feitos em regiões diversas do Brasil. Castro (2005) analisou redações de estudantes do Ensino Médio de um colégio localizado no Rio de Janeiro e encontrou evidências do uso do indicativo no lugar do subjuntivo, assim como Santos (2014), que comparou produções de cidadãos paulistanos e ludovicenses. Esses estudos trazem dados significativos para este trabalho.

### 3.3.1 Castro, 2005.

Utilizando o termo **oração completiva**<sup>17</sup> para a oração subordinada, Castro (2005), em seu estudo sobre o emprego do indicativo e do subjuntivo em redações de alunos do Ensino Médio, relata construções não aceitas pela norma, mas completamente aceitáveis para a língua, com o emprego do indicativo no lugar do subjuntivo, tais como as vistas nos exemplos (37) e (38), extraídos do corpus da autora.

(37) Não concordo com a opinião expressa de que não se deve corrigir a redação do aluno porque os ditames da gramática normativa são discutíveis ou porque o aluno pode ficar inibido ou desestimulado.

(38) Os erros podem ter consequências muito graves. Acredito que há uma maneira de descobrirmos sem afetar nada nem a ninguém.

Em (37), a autora afirma que de acordo com a norma o verbo deveria ser *deva*, posto que é uma sentença negativa, e em (38), *haja*. No entanto, acredito que as sentenças extraídas esbarrem na oposição factual/não-factual. Ainda assim, pontuando que essa distinção é cada vez mais opaca para os falantes de PB, como cita Perini (2005), vê-se uma tendência à escolha do indicativo.

Como a autora utilizou a metodologia da análise qualitativa, não há quantificação dos dados, mas Castro (ibid.) relacionou os tipos de verbo da oração principal, do ponto de vista semântico, com o modo que se esperaria, de acordo com a descrição da literatura, na oração subordinada.

---

<sup>17</sup> Grifo meu.

Desse modo, as dissonâncias entre os usos do MS e do MI que eram esperados de acordo com as características do PB e os que foram encontrados no corpus foram selecionadas e descritas no capítulo de análise.

De modo geral, além das orações subordinadas substantivas, a autora encontrou diversos usos do indicativo no lugar do subjuntivo, como seguidos do advérbio **talvez** e conclui que o MI é menos marcado em relação ao subjuntivo, além de pontuar o fato de “em variedades mais informais no plano oral, o Subjuntivo ser quase inexistente, o que leva a concluir que essa oposição dos modos própria das variedades com algum grau de formalidade, sobretudo na modalidade escrita.” (CASTRO, *ibid.* p. 114).

O estudo se relaciona com o encontrado por Santos (2014), baseado no *corpus* com falas do Nordeste e do Sudeste do Brasil.

### **3.3.2 Santos, 2014**

Santos (2014) realizou um estudo sociolinguístico comparando produções de informantes das cidades de São Paulo e São Luís do Maranhão, buscando desmistificar a informação de que os paulistanos utilizam mais o indicativo no lugar do subjuntivo que os outros brasileiros e que o português ludovicense é o que mais se aproxima da norma culta.

Separando os verbos da oração principal pelo tipo (volitivos, factivos e cognitivos), Santos (*ibid.*) encontrou que em São Paulo as ocorrências seguem, de certa forma, a prescrição gramatical. Entretanto, essa não é a regra. Foram encontrados empregos do indicativo nas orações subordinadas com verbos volitivos e factivos, assim como o emprego do subjuntivo nas subordinadas com verbos cognitivos. A lista de verbos encontrados nos *corpora* utilizados está na figura 3.

Figura 3 - Verbos utilizados na oração principal das orações subordinadas substantivas

Verbo	N Indicativo	%	N / % Subjuntivo	%	Total
Achar	55	69,6	24	30,4	79
Pensar	14	70	6	30	20
Imaginar	16	76,2	5	23,8	21
Supor	2	33,3	4	66,7	6
Crer	9	64,3	5	35,7	14
Acreditar	34	55,7	27	44,3	61
Duvidar	2	100	0	-	2
Perceber	3	100	0	-	3
Deduzir	0	-	1	100	1
Entender	1	100	0	-	1
Querer	3	6,7	42	93,3	45
Pedir					7
Exigir	0	-	3	100	3
Esperar	0	-	6	100	6
Cobrar	0	-	1	100	1
Proibir					1
Preferir	1	20	4	80	5
Gostar	4	25	12	75	16
Fingir	1	100	0	-	1
Precisar	1	25	3	75	4
Ir	0	-	2	100	2
Provocar	0	-	1	100	1
Permitir	0	-	3	100	3
Estabelecer	5	100	0	-	5
Falar	0	-	1	100	1
Concordar	1	33,3	2	66,7	3
Importar-se	0	-	1	100	1
Dizer	4	36,4	7	63,6	11
Comentar	1	100	0	-	1
Conseguir	1	20	4	80	5
Admitir	0	-	3	100	3
Incentivar	0	-	1	100	1
Prejudicar	0	-	2	100	2
Fazer	2	40	3	60	5
Evitar	0	-	1	100	1
Deixar	0	-	4	100	4
Suportar	0	-	1	100	1
Bastar	0	-	2	100	2
Facilitar	0	-	1	100	1
Detestar	0	-	1	100	1
Ser	0	-	15	100	15

Fonte: Santos (2014).

A figura ilustra que verbos cognitivos (achar, pensar, imaginar) favorecem o uso do MI, tal como prescreve a norma. No entanto, o verbo duvidar aparece duas vezes sendo usado com o MI, indo contra a descrição gramatical, que pontua que verbos e expressões que carregam o traço [+dúvida] na oração principal são gatilho para o uso do MS na oração subordinada.

Os dados encontrados por Santos (2014) são:

- 72% dos períodos com um verbo cognitivo na oração principal apresentam o uso do MI na oração subordinada;
- 12% dos períodos com um verbo volitivo/factivo na oração principal apresentam o uso do MI na oração subordinada.

A partir desses dados, o autor postula que, apesar de verbos cognitivos favorecerem o uso do MI na subordinada e verbos volitivos/factivos o uso do MS, há ocorrência de uso do MS em orações com verbos cognitivos e uso do MI em orações com verbos volitivos/factivos.

Um dado interessante presente no levantamento de Santos (ibid) é o de que os verbos admitem tanto o uso do MI quanto o do MS nas orações subordinadas a depender do grau de assertividade da proposição. Essa variação é bem mais restrita em E, língua na qual a depender do verbo na oração principal, somente se pode usar um dos modos e, por conseguinte, o uso do outro constitui uma oração agramatical. Por exemplo, com o verbo *creer* (crer ou achar), em sentenças afirmativas, se utiliza o MI e em sentenças negativas o MS. O mesmo ocorre com o verbo *querer*, que no estudo apresentou 3 ocorrências com o MI. Em E, esse verbo induz somente ao uso do MS na subordinada, sendo o uso do MI agramatical.

A ocorrência do indicativo no lugar do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas pode ser exemplificada pelas sentenças (39), (40), (41) (42) e (43) que se segue. Todos os exemplos foram retirados de Santos (2014) e contém os grifos do autor.

(39) [eu não **quero**] que ninguém fala do meu trabalho] e diz que eu não sei fazer.

(40) [...] [ela **queria**] [que eu vinha toda noite cuidar da velha] aí eu disse [...]

(41) [eu não **gosto**] [que eles falam mal de paulista] eu não gosto

(42) minha mãe não nunca deixou a gente com adjunto [ela não **gostava**] [que a gente ia pra rua]

(43) [eu **duvido**] [que algum deles faz melhor do que ela tem feito] mas a gente só quer reclamar.

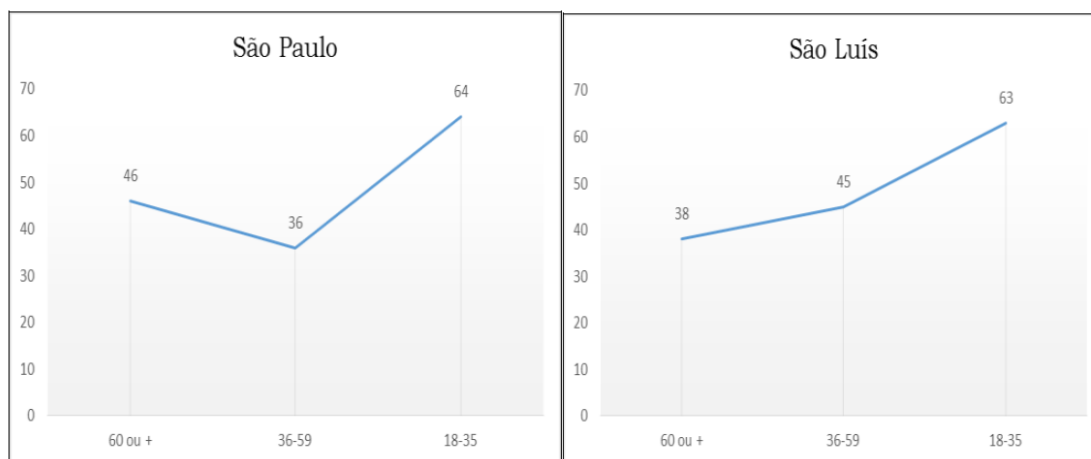


O estudo concluiu, ademais, que verbos cognitivos e verbos, no geral, no presente incitam o uso do indicativo, já verbos no passado, o uso do subjuntivo, mas esse resultado não é unânime, como é possível observar em (40) e (42).

Os usos do indicativo encontrados nos exemplos, de (39) a (43), não são permitidos em E, como descrito nas seções, sendo, nessa língua, requerido o uso do subjuntivo, posto que de (39) a (42) a oração principal traz um verbo que carrega o traço [+volição] e em (43) um verbo que carrega o traço [+dúvida].

Ainda, para Santos (ibid.) o fator faixa etária favorece o emprego do indicativo no lugar do subjuntivo, como mostrado na figura 4, tanto na fala de São Luís como na de São Paulo.

Figura 4 - Distribuição do uso do indicativo conforme a faixa etária em São Paulo e São Luís.



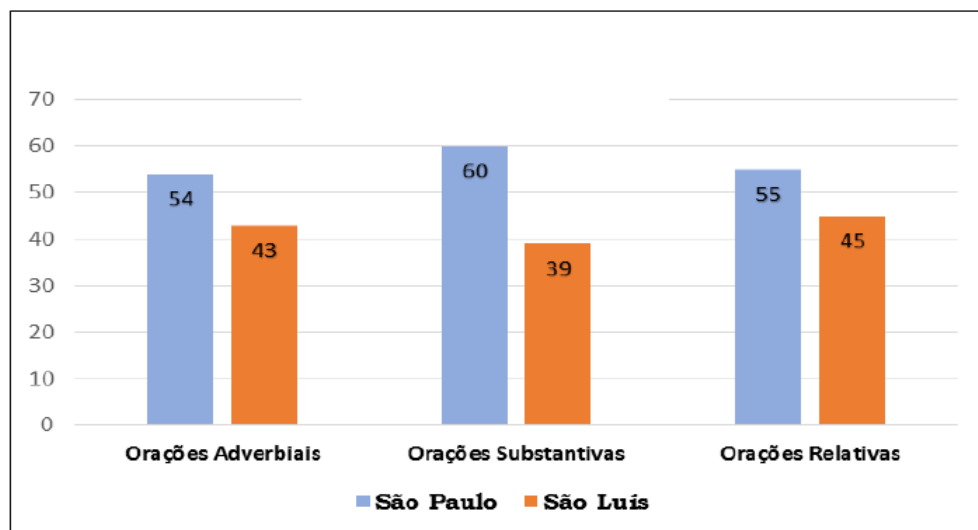
Fonte: Santos (2004).

Conforme exposto no gráfico representado na figura 4, os mais jovens tendem a usar mais o indicativo no lugar do subjuntivo, o que indica uma mudança em curso favorecendo o indicativo em orações subordinadas substantivas (SANTOS, ibid., p. 87).

Ainda, Santos (ibid.) encontrou que São Paulo possui uma variação em relação à predominância do indicativo em estágio mais avançado que São Luís. Porém, as orações substantivas foram uma dentre as que mais conservaram o uso do subjuntivo.

De forma geral, não apenas relatando as orações substantivas, o autor encontrou os resultados expressos no gráfico exposto na figura 5, em relação ao emprego do indicativo no lugar do subjuntivo, em contextos que permitem a alternância, chegando à conclusão de que em São Paulo utiliza-se de maneira significativa mais o indicativo nas orações subordinadas substantivas.

Figura 5 - Tendências de emprego do Indicativo em São Paulo e em São Luís.



Fonte: Santos (2014).

Ainda que o estudo dê indícios de que no passado o uso do subjuntivo seja favorecido, essa mudança no PB indica que o indicativo é menos marcado que o subjuntivo, ou seja, mais *default*, portanto pode ser usado com esse valor. Além disso, como observado nos exemplos pontuados, é possível, sim, encontrar amostras de uso do indicativo com valor de subjuntivo em sentenças com tempos verbais no passado.

As informações que trazem os dois estudos são bastante úteis a este trabalho. Mesmo que os trabalhos demonstrem que o MS em PB não está em desuso, eles dão indícios de usos do MI em contextos nos quais a descrição para as orações subordinadas substantivas prevê o uso do MS, como a presença do verbo duvidar, preferir e gostar na oração principal. Ainda, esses estudos acrescentam a informação de que essa variação ocorre sobretudo quando se fala dos mais jovens, de acordo com Santos (2014) e em contextos informais, de acordo com Castro (2005).

Como esta pesquisa tem como foco a descrição da parte gramatical da aquisição do E como L2 e as possíveis transferências do PB para a L2, disponho-me a utilizar os dados encontrados pelas pesquisas de base sociolinguística para descrição do processo de aquisição em referência à parte da reordenação dos traços manifestados pelos tempos do MS em E e que nem sempre são expressos com o mesmo modo em PB, como as pesquisas mencionadas apontam. Para tanto, é necessário dispor o que a teoria sobre a reordenação dos traços, ou em inglês *feature reassembly*, postula sobre a questão.

### 3.4 Reordenação dos traços (*feature reassembly*)

Há indícios de que no PB o indicativo também pode ser selecionado nas orações subordinadas substantivas introduzidas por orações principais com verbos que contêm os traços [+dúvida], como o verbo duvidar, [+volitivo], como os verbos querer e desejar, [-assertividade], como desconfiar, [-factual], como achar (no sentido de acreditar), [+negação], como o verbo negar, por exemplo, dentre outros, que selecionariam o subjuntivo. Em função disso, e da hipótese de que o MS está na periferia da L1, estabeleço a hipótese de que na reordenação dos traços está a dificuldade do aprendiz brasileiro.

De acordo com Stringer (2012), para a teoria minimalista, os traços sintáticos, fonológicos e semânticos constituem os elementos relevantes gramaticalmente dentro dos itens lexicais e é a presença ou ausência desses traços que conta para a variação da língua.

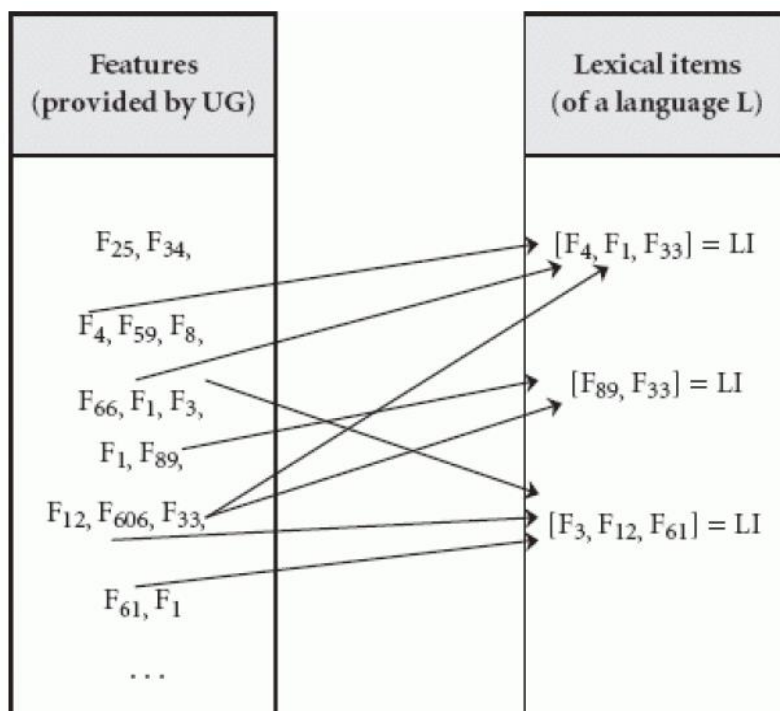
Essa afirmação está conectada à ideia expressa por Lardiere (2008) de que a remarcação de parâmetros sozinha não dá conta para tratar as dificuldades dos aprendizes de uma L2, já que os parâmetros possuem valores restritos, [+] ou [-], e “a persistência da variabilidade (na aquisição dos dados) não precisa necessariamente ser tomada como significado de que um parâmetro não foi marcado”<sup>18</sup> (LARDIERE, 2009, p. 2). Ou seja, se a variabilidade está nos traços, a dificuldade pode estar na organização destes no processo de AL2.

Gallego (2011) pontua que os traços são disponibilizados pela GU e cada item lexical de uma língua é organizado por meio de traços agrupados, processo representado na figura 6. É esse agrupamento de traços que produz unidades para a computação.

Figura 6 - Organização do Léxico

---

<sup>18</sup> Trecho traduzido por mim do original “the persistence of variability cannot necessarily be taken to mean that a parameter has not been set.”



Fonte: Gallego (2011, p. 17).

Chomsky (2001) explica o processo, sendo  $S_0$  a GU e  $L$  a língua, da seguinte maneira:

$S_0$  determina a configuração  $\{F\}$  de propriedades ('traços') disponíveis para as línguas. Cada  $L$  faz uma única seleção de uma subconfiguração  $[F]$  de  $\{F\}$  e uma única organização de elementos de  $[F]$  bem como seu léxico LEX, que nós podemos tomar como uma clássica 'lista de exceções', deixando de lado outras questões (CHOMSKY, 2001, p. 4)<sup>19</sup>.

Dado como acontece a organização dos traços nas línguas, passo às implicações para o processo de AL2. Não há nenhuma diferença paramétrica entre o PB e o E envolvendo os problemas desta pesquisa, portanto, a chave da questão "Por que os falantes de PB apresentam dificuldade com os tempos compostos do MS em E?" pode estar na reordenação dos traços requerida quando o falante necessita expressar os significados que em PB podem ser expressos pelos itens lexicais do MI ou MS e em E apenas pelo MS, ou seja, é requerida a competência morfológica do aprendiz..

<sup>19</sup> Tradução minha do trecho: " $S_0$  determines the set of  $\{F\}$  of properties ('features') available for languages. Each  $L$  makes a one-time selection of a subset  $[F]$  of  $\{F\}$  and a one-time assembly of elements of  $[F]$  as its lexicon LEX, which we can take to be a classical 'list of exception,' putting aside further issues."

Para Lardiere (2008), a competência morfológica está relacionada a saber precisamente quais formas ‘vão com’ determinados traços. A autora ainda corrobora a hipótese expressa de Chomsky (2001) ao afirmar:

Ainda, como esses traços estão idiossincraticamente ordenados e realizados em cada língua, seja na flexão ou lexicalmente, ou ainda abertamente ou não, obviamente tem um papel em determinar a variação translinguística e pode representar um problema de aprendizagem complexo e substancial para os aprendizes de segunda língua (LARDIERE, *ibid.*, p. 4).<sup>20</sup>

Ao assumir que o aprendiz tem uma entrada de vocabulário específica para um item lexical específico de sua L1, apresenta-se a seguinte questão: como ele constrói a entrada de vocabulário que na L2 tem um item lexical diferente, mas com uma configuração de traços parcialmente simultânea? (LARDIERE, *ibid.*, p. 26). Para a autora, é possível que a organização dos traços seja a parte difícil do processo de aquisição, principalmente por o aprendiz já ter aprendido como os traços estão organizados e montados nos itens lexicais particulares de sua língua precedente.

Para saber em quais itens lexicais estão organizados os traços nas línguas, Lardiere (*ibid.*) sugere que se utilize a Morfologia Distribuída como modelo de análise. De acordo com a autora, a teoria permite que se obtenha como os itens de vocabulário são construídos na AL2 (assim como na L1), o que se estende ao questionamento sobre se o aprendiz poderia transferir ou, ao contrário, de alguma maneira comparar tacitamente os itens de vocabulário particulares entre a L1 e a L2.

Tendo em vista o caminho sugerido, descrevo na seção 3.5. a teoria sobre a Morfologia Distribuída, para que seja tomada como base para a análise deste trabalho.

### 3.5 Morfologia Distribuída

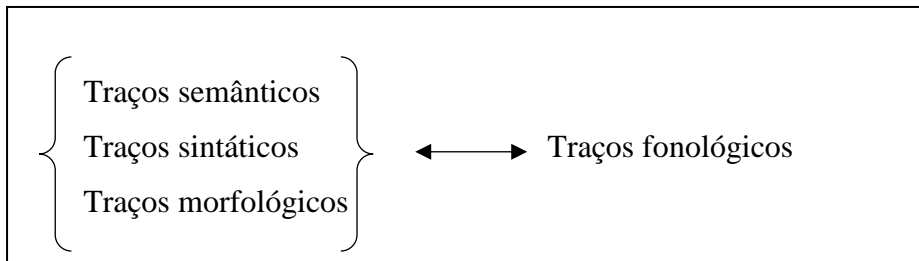
Para a teoria da Morfologia Distribuída (MD), o Item de Vocabulário (IV) é a sua estrutura básica. Um IV é, de acordo com Noyer [20--], a relação entre um fio ou um ‘pedaço’ fonológico e a informação sobre onde esse pedaço deve ser inserido. Os IV fornecem o conjunto de sinais fonológicos disponível em uma língua para a expressão

---

<sup>20</sup> Tradução minha do trecho: Yet how such features are idiosyncratically assembled and realized in each language, whether inflectionally or lexically, or even overtly realized or not, obviously plays a role in determining crosslinguistic variation and can pose a substantial and complex learning problem for second language learners.

dos morfemas abstratos. A lista com todos os IV é denominado Vocabulário. Segundo Halle e Marantz (1994), essa relação pode ser expressa como consta na figura 7:

Figura 7 - Representação da relação estabelecida pelo Item de Vocabulário



Fonte: Adaptado de Halle e Marantz (1994).

A MD tem, de acordo com os autores, três princípios: a inserção tardia do elemento fonológico, o princípio do subconjunto e a sintaxe *all way down* (informalmente conhecida como sintaxe “morro abaixo”), ou, por toda a derivação.

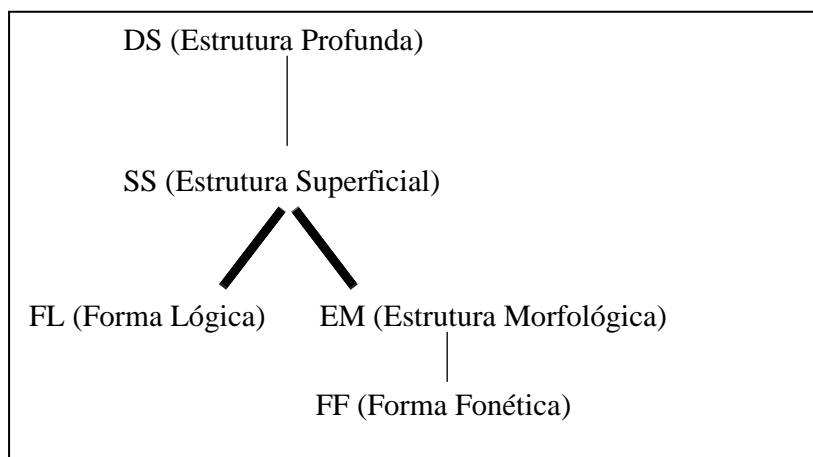
Sobre a inserção tardia, tem-se que os nós terminais que estão organizados dentro da estrutura hierárquica familiar pelos princípios e pelas operações da sintaxe são complexos de traços semânticos e sintáticos, porém não possuem sistematicamente todos os traços fonológicos, inseridos após a sintaxe no caminho para a forma fonológica (PF), e contidos em uma lista, tratada posteriormente.

Sobre o princípio do subconjunto, afirma-se que os Itens de Vocabulário não combinam com todos os traços especificados no nó terminal, em vez disso, subespecificam-nos caracteristicamente em relação aos traços dos nós nos quais estão inseridos. Ademais, não pode haver no IV nenhum traço que não esteja especificado no nó terminal.

O princípio da sintaxe “morro abaixo” postula que os nós terminais nos quais os IV serão inseridos são organizados hierarquicamente de acordo com as regras da estrutura sintática, ou seja, são organizados pelos princípios e pelas operações da sintaxe (HALLE e MARANTZ, *ibid.*, p. 275-277).

Ainda, a Arquitetura da Gramática para a teoria está baseada no modelo do Y invertido, representado na figura 8:

Fig. 8 - Arquitetura da gramática

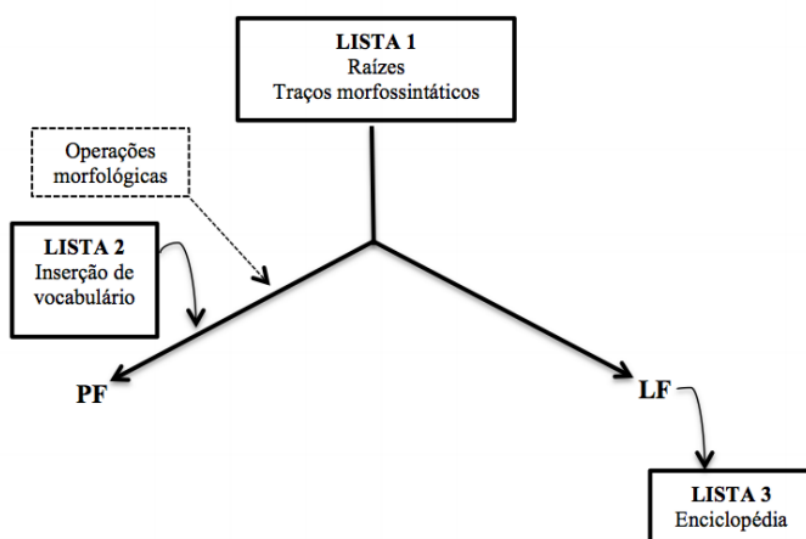


Fonte: Adaptado de Halle e Marantz (1993).

De acordo com a MD, a sintaxe opera todo o processo. Os nós terminais das árvores, representados no modelo da arquitetura da gramática, são constituídos de conjuntos de traços gramaticais, que recebem traços fonológicos apenas após a Inserção de Vocabulário, que ocorre na EM (HALLE e MARANTZ, 1993).

Para a MD, existem três listas, representadas na figura 9. Tanto os traços abstratos, que são comuns a todas as línguas, como já mencionado neste capítulo, como as raízes, estão armazenados na Lista 1. Na Lista 2 estão os Itens de Vocabulário, regras que fornecem conteúdo fonológico a morfemas abstratos. Já na Lista 3, a enciclopédia, estão os significados especiais para as raízes, como as expressões idiomáticas (EMBICK e NOYER, 2004). Estas listas aparecem na arquitetura da gramática no seguinte esquema:

Figura 9 - Arquitetura da Gramática proposta pela MD.

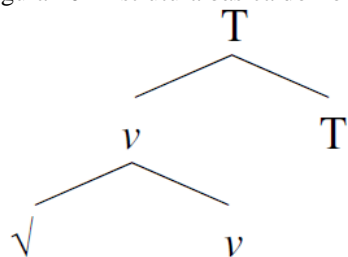


Fonte: Bassani e Minussi (2017).

A MD é uma teoria não-lexicalista. Nessa perspectiva, a Lista 1 contém os traços morfossintáticos, como [+subjuntivo] e [+perfectivo], e semânticos, tais como os [+emoção], [+dúvida], [+negação] e [+desejo], objetos deste estudo. Essa lista também contém as raízes que, após as operações da sintaxe (concatenar e mover, do inglês *merge* e *move*), são enviadas para as interfaces Forma Lógica/Forma Fonológica (LF/PF). Para as teorias lexicalistas, o Léxico gera as palavras, ou seja, há uma entrada lexical para cada palavra de cada língua. Ainda, segundo a MD, as listas não são gerativas, o único componente gerativo é a sintaxe, que opera nos estágios da derivação (EMBICK e NOYER, *ibid.*).

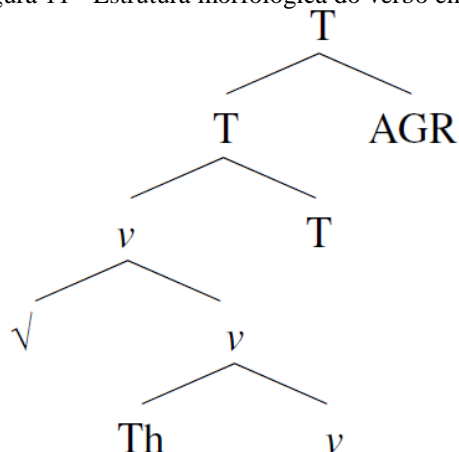
Em relação aos tempos verbais, Bassani e Lunguinho (2011) assumem que a flexão verbal também é resultado da derivação sintática descrita anteriormente. Para os autores, a estrutura do verbo antes e depois da inserção do núcleo de concordância (Agr) pela sintaxe pode ser observada nas figuras (10) e (11), sendo  $\checkmark$  a raiz do verbo e Th a vogal temática.

Figura 10 - Estrutura básica do Português



Fonte: Bassani e Lunguinho (2011).

Figura 11 - Estrutura morfológica do verbo em Português



Fonte: Bassani e Lunguinho (2011).

Para Bassani e Lunguinho (*ibid.*), os núcleos sintáticos representados na figura 11 abrigam os traços abstratos (gramaticais e semânticos) e recebem os Itens de Vocabulário.



O nó T abriga traços temporais [presente], [passado], [futuro] e AGR, os traços -  $\phi$  de número e pessoa. Os autores, no entanto, não têm como objetivo investigar o nó T, pois pode estar relacionado a traços de modo. Porém, o estabelecimento da estrutura dá pistas para o caminho da análise deste trabalho.

Assim como a MD trata os traços como universais e abstratos e a sintaxe como responsável pelas operações com os traços, Gallego (2011) também postula a universalidade dos traços, além de fornecer o dado de que eles são providos pela GU, como descrito anteriormente. Ainda, relacionando as teorias, Lardiere (2008) sugere que a teoria da MD pode dar indícios sobre a reordenação dos traços no processo de AL2.

Assim sendo, este trabalho apresenta que é possível que o aprendiz brasileiro já organize de determinada forma em PB os traços para formar os itens lexicais e, de repente, se depara com a necessidade de reorganizá-los no processo de aquisição do E como L2. Essa necessidade o faz criar hipóteses sobre como ordenar os traços e enviá-los para a interface FL/FF, produzindo, assim, sentenças que serão analisadas no Capítulo 5 desta dissertação, por meio do recorte teórico-metodológico descrito no Capítulo 4.

## 4 METODOLOGIA

Para que fosse possível fundamentar uma pergunta de pesquisa, segui como caminho metodológico primeiramente a aplicação de testes (apêndice 1), detalhados na seção 4.1 deste capítulo, aplicados a grupos distintos. A aplicação desses testes justifica-se pela necessidade de estabelecer um caminho para a caracterização e investigação das dificuldades dos aprendizes brasileiros em produzir sentenças com os tempos compostos do subjuntivo, ainda que sejam estruturas presentes tanto no PB como no E.

A partir dos dados obtidos por meio deles e por meio do corpus CoMAprend (Corpus de Aprendizes) do COMET (Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução) - USP, cujas características estão expressas na seção 3.2; bem como a metodologia utilizada em sua análise; segue-se o ponto 3.3 deste capítulo, composto pela metodologia aplicada na análise dos traços dos tempos verbais. Esta pesquisa tem como característica um levantamento qualitativo, ou seja, foi feita uma análise explanatória, justificada e descrita no ponto 4.4.

Os estudos de AL2 baseados na perspectiva gerativa têm como objeto de pesquisa a verificação e compreensão do processo de desenvolvimento da competência do aprendiz. A noção gerativa de competência não diz respeito ao grau de fluência do aprendiz na L2 e sim a seu conhecimento do que é gramatical ou agramatical na língua-alvo, a natureza de uma Língua-I. O desempenho pode assim ser entendido como uma janela através da qual tentamos acessar o conhecimento.

Os dados de competência, no entanto, não são diretamente acessíveis (MARCELINO, 2007). É requerido, portanto, que se opte por um instrumento metodológico para que se tenha acesso a ele, ainda que esse instrumento envolva dados do desempenho. A metodologia utilizada nos estudos sobre L2 se pode valer de produções espontâneas, produções induzidas, testes de juízo de gramaticalidade, entre outros. Este estudo se vale de dois destes instrumentos: os dados de produção espontânea, obtidos por meio do corpus CoMAprend, e os dados de produção induzida, obtidos por meio dos testes.

O que diferencia, então, a perspectiva gerativa é a escolha por investigar os processos mentais envolvidos no decorrer da AL2, tais como os já detalhados no Capítulo 2 desta pesquisa, em relação a como os traços estão agrupados e providos pela GU, e os detalhados em seguida, no Capítulo 5, que descreverá como esses traços estão

organizados na L1 (PB) e na L2 (E), como possivelmente o aprendiz organiza e reorganiza esses traços no processo de aquisição e como a sua competência morfológica se manifesta na interlíngua, no que concerne a essa reorganização dos traços.

A interlíngua é um sistema natural, assim como todas as línguas naturais e suas características se apresentam, segundo Selinker (1972), quando um aprendiz adulto<sup>21</sup> tenta expressar significados que ele possivelmente já tenha, numa língua que ele está no processo de aprender.

Os informantes dos testes e do CoMAprend estão em diferentes estágios da interlíngua, em níveis intermediário e avançado, tendo sido justificada essa escolha nas seções a seguir.

#### 4.1 Testes e a identificação do problema

Testes (apêndice A) foram aplicados a fim de delimitar o fenômeno a ser estudado. Formam-nos um compilado de exercícios de gramáticas de ensino de ELE retirados de unidades nas quais estavam a instrução e os exercícios sobre o *pretérito perfecto de subjuntivo* e *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*. Suas modalidades são diferentes, sendo elas completar lacunas com verbos conjugados, formular hipóteses baseando-se em imagens, completar frases e responder questões.

Os enunciados dos testes foram modificados, para que o aprendiz não fosse induzido ao uso automático do tempo verbal requerido, assim como foram inseridas sentenças distratoras, que requeriam usos de outros tempos verbais, para tornar o objetivo do teste o menos explícito possível. Ambas as decisões foram tomadas com a função de não influenciar, ou influenciar minimamente, a decisão do informante sobre qual tempo verbal utilizar. O mesmo teste foi aplicado a todos os grupos. É importante ressaltar, contudo, que esses testes não têm como objetivo fazer generalizações sobre o processo de aquisição de E como L2, mas sim identificar possíveis dificuldades que há durante esse processo e traçar um caminho para investigá-las.

A escolha dos grupos para aplicação está detalhada na próxima seção.

---

<sup>21</sup> O autor observa que aprendizes adultos são os que já ultrapassaram os 12 anos de idade e se baseia na hipótese do Período Crítico (Lenneberg, 1967) para afirmar que após essa idade, aparecem dificuldades na aquisição de uma L2. No entanto, como este trabalho tem como informantes apenas aprendizes adultos, maiores de 18 anos, não entrarei nesta discussão.

### 4.1.1 Características dos informantes e divisão dos grupos

Os testes foram aplicados com aprendizes brasileiros de E como L2 - alunos das disciplinas Língua Espanhola IV e Língua Espanhola VI, do curso de Letras/Espanhol de uma universidade pública de São Paulo, professores brasileiros de E e falantes nativos do idioma. Foram estes divididos em:

- Grupo 01: aprendizes de E que não foram ensinados, por meio de instrução formal na Universidade o tempo estudado.
- Grupo 02: aprendizes de E que já tiveram instrução formal sobre o tempo verbal na Universidade.
- Grupo 03: professores de E;
- Grupo 04: grupo controle - falantes de E como língua nativa

Aos informantes de todos os grupos foram atribuídos códigos, sendo G1 o identificador do Grupo 01, G2 do Grupo 02, G3 do Grupo 03, GC do Grupo 4, o grupo controle. Seguido ao código do grupo há o código I + dois dígitos que ordenam numericamente os informantes, sendo o informante G1I01 o primeiro informante do Grupo 01 e assim sucessivamente. Os grupos, seus códigos e o número de testes aplicados a cada grupo está descrito na tabela 5.

Tabela 5 - Número de testes por grupo

<b>Grupo</b>	<b>Identificador de grupo</b>	<b>Número de testes</b>
Grupo 01	G1	09 testes
Grupo 02	G2	11 testes
Grupo 03	G3	08 testes
Grupo 04	GC	06 testes
Total	4 grupos	34 testes

Fonte: Elaborado pelo autor.

A divisão dos grupos justifica-se por nível de conhecimento da língua espanhola. Os informantes do G1 não foram instruídos formalmente na universidade sobre o funcionamento dos tempos compostos do subjuntivo. A escolha por esses falantes de nível intermediário (B1) tem seu fundamento na metodologia de coleta em estudos aquisicionistas de orientação gerativa no que concerne ao argumento da Pobreza de Estímulo, ou seja, o aprendiz tem um conhecimento além do que lhe foi dado como *input*, o que se relaciona com a hipótese sobre o acesso à Gramática Universal (GU) (WHITE, 2003a), que defende, em uma de suas visões, que o acesso se dá de forma parcial no

decorrer do processo de AL2. Tendo esses aprendizes apresentado em suas produções as estruturas que ainda não aprenderam formalmente e as quais possuem pouca incidência no *input*, por se tratarem de usos muito específicos da língua, é possível depreender que a GU segue operante, mesmo na idade adulta, e responsável pela reorganização dos traços no processo de AL2.

Os informantes do G2, instruídos até o nível B2 na universidade, já foram apresentados aos usos e ao funcionamento dos tempos compostos do MS. Como propõe White (1997), a instrução formal e o *feedback* do professor têm sim sua importância na AL2. Para a teoria, eles não são os únicos responsáveis pelo processo, mas são seus facilitadores.

O G3, composto por professores brasileiros de E, selecionados por terem nível avançado (C1) de conhecimento da língua, apresenta como característica informantes que estão no estágio estável da interlíngua, considerando que, de acordo com White (2003a), na AL2 o fim não é o alcance pleno da competência do nativo na língua-alvo, mas sim o estágio estável da interlíngua.

Já o GC, formado apenas por nativos, sendo quatro deles professor de E, fornece dados sobre o que é gramatical em E. Não é o objetivo desta pesquisa, contudo, comparar os dados do nativo aos dados dos aprendizes para apontar neles “erros” ou “imperfeições”, caindo na falácia comparativa, nos termos de Bley-Vroman (1983).

#### 4.1.2 Tipo de teste realizado

Os testes estão compostos por sete exercícios retirados de gramáticas de E como língua estrangeira. Suas modalidades são diferentes, sendo elas completar lacunas com verbos preenchidos, formular hipóteses baseado em imagens, completar frases e responder questões (vide apêndice A).

O exercício 1 consiste em completar a lacuna utilizando o verbo em parênteses flexionado. Deste, as questões (c) e (e) são distratoras. As demais deveriam ser completadas com o *pretérito perfecto de subjuntivo*.

O exercício 2 tem como tarefa relacionar as colunas. A primeira coluna contém a oração principal, a segunda o sujeito da oração subordinada substantiva e a terceira uma lacuna para completar com o verbo conjugado também em *pretérito perfecto de subjuntivo*, sendo as questões (b), (e) e (f) distratoras.

O terceiro exercício é composto por orações condicionais irreais, nas quais o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* pode ser usado. Como ainda não se havia optado pelas orações subordinadas substantivas como recorte de estudo, esse tipo de oração foi inicialmente testada. Deste, (a), (c), (d), (h) e (i) eram distratoras. No entanto, o exercício 3 foi descartado para análise.

O quarto exercício tem como finalidade que seja construída uma sentença no passado que negue a afirmação, utilizando estruturas como *No me parece que* e *No creo que*, que, segundo a descrição gramatical, induzem ao uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*, exceto nas questões (a), (c) e (e), que formam o grupo dos distratores.

O exercício 5 pede para que sejam formuladas hipóteses sobre o que talvez tenha acontecido, a fim de se induzir ao uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*.

Já o exercício 6 pede para transformar o *status* do fato de ocorrido para não ocorrido no passado. À exceção dos itens (a), (d) e (e), o verbo utilizado poderia estar em *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*.

Para finalizar o pré-teste, o exercício 7, aparte os itens (a), (c), (e) e (h), consiste em completar a frase com um dos verbos do quadro conjugado em *pretérito pluscuamperfecto*.

Ainda que parte das alternativas utilizadas para o pré-teste aceitasse outras opções que não os tempos compostos do subjuntivo, em contexto de alternância, como descrito segundo a RAE (2009), a própria escolha e principalmente a não escolha pelo subjuntivo é fornecedora de dados para esta pesquisa.

#### **4.1.3 Procedimento de aplicação do teste**

Os testes foram impressos e aplicados durante as aulas de língua espanhola da referida universidade aos grupos 01 e 02. Os participantes tiveram disponíveis 40 minutos para completá-los. Os grupos 03 e 04 receberam, responderam e retornaram o mesmo questionário via e-mail.

#### **4.1.4 Procedimento de análise qualitativa dos dados obtidos**

A análise dos testes foi separada pelos quatro grupos citados. Essa divisão não tem, entretanto, objetivo de comparar qual grupo se aproxima mais ao grupo controle. Essa comparação vem sendo discutida na teoria desde a década de 80 e é caracterizada

como uma falácia desastrosa, já que “o sistema do aprendiz é digno de estudo por mérito próprio, não como uma forma degenerada do sistema da língua-alvo” (BLEY-VROMAN, 1983, p. 4)<sup>22</sup>.

Ainda, de acordo com Bley-Vroman (idem), a falácia comparativa deve ser objeto de atenção para que as produções dos aprendizes na interlíngua possam ser descritas nas suas propriedades específicas e lógica própria. Sendo assim, como o objetivo do estudo é investigar justamente as dificuldades que se manifestam na interlíngua, que também é um sistema natural, não serão pontuadas aqui comparações entre os grupos, mas sim, deles extrair-se-ão dados, tais como quais sentenças são possíveis em E e se os nativos selecionam os tempos compostos do MS, objeto deste estudo.

As observações que se permitiram ser feitas a partir da aplicação e análise dos testes levou à necessidade de se descrever os tempos verbais envolvidos nesta pesquisa em PB e E sob a ótica da Morfologia Distribuída.

#### **4.2 Análise do corpus COMET – Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução do Corpus de Aprendizes (CoMAprend)**

O COMET – Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução foi desenvolvido junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É um corpus eletrônico que tem por objetivo servir de suporte a pesquisas linguísticas, principalmente nas áreas de Tradução, Terminologia e Ensino e Aprendizagem de Línguas. O CoMET é composto por três subcorpora: Corpus Técnico-Científico (CorTec); Corpus de Tradução (CorTrad); Corpus Multilíngue de Aprendizes (CoMAprend).

O CorTec - Corpus Técnico-Científico - é um corpus comparável de textos técnicos e/ou científicos, originalmente escritos em português brasileiro e em inglês. Esse corpus é constituído por corpora compilados por alunos do extinto Curso de Especialização em Tradução e por pós-graduandos do programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, que os construíram para suas pesquisas. O CorTec conta atualmente com mais de 20 corpora, dos mais variados domínios, tais como Magnética

---

<sup>22</sup> Trecho traduzido do original “the learner’s system is worthy of study in its own right, not just as a degenerate form of the target system.”

de Vazão e Culinária. O tamanho de cada corpus varia segundo sua especificidade. O CoMAprend - Corpus de Aprendizizes - é constituído de redações dos alunos da graduação e dos cursos de extensão das áreas do Departamento de Letras Modernas: alemão, espanhol, francês, inglês e italiano. Conta também com material proveniente de outras universidades, pois é aberto a todos os pesquisadores que queiram contribuir com redações de seus alunos.

O corpus utilizado neste trabalho pertence ao subcorpora CoMAprend. Apenas foram utilizadas as produções dos aprendizes de espanhol. Esta parte é formada por dados de 186 informantes. Suas produções estão divididas por nível de conhecimento em E (de básico a intermediário), tendo sido observadas apenas as de nível Intermediário 1 e Intermediário 2 neste trabalho.

Sobre os informantes, há dados de faixa etária, sexo, nível de instrução, profissão e atividades que realizam profissionalmente, tempo de experiência com a língua espanhola, instituição onde obtiveram instrução formal, desempenho que acredita haver obtido no curso feito anteriormente, imagem que possuem sobre a língua e por qual meio têm contato com o E, se já estudaram uma ou mais línguas estrangeiras anteriormente, qual(is) e por quanto tempo. Eles são identificados pelo código E0 + o número correspondente a seu cadastro.

O corpus é composto por produções escritas. São quatro temas para as produções do nível Intermediário 1 e cinco para as produções do nível Intermediário 2, entretanto, nem todos os informantes escreveram todos os textos propostos. A tabela 6 compila os temas propostos e a qual nível pertencem os participantes:

Tabela 6 - Produções do corpus COMET

<b>Nível</b>	<b>Tema</b>
Intermediário 1	Previsão para o futuro
Intermediário 1	Anúncio Publicitário
Intermediário 1	Descrição de uma foto
Intermediário 1	Descrição de duas fotos e comparações entre elas
Intermediário 2	Diálogo sobre uma oportunidade de emprego
Intermediário 2	Carta a um intercambista que se hospedará em sua casa
Intermediário 2	Sinopse de um filme
Intermediário 2	Conselhos para atender um turista brasileiro
Intermediário 2	Explicação ao chefe do porquê de ter saído correndo do escritório do zoológico

Fonte: Elaborado pelo autor.



Dessas produções, foram extraídos dados para a análise qualitativa, somados e confrontados aos dados do pré-teste.

### 4.3 Análise dos traços segundo a MD

Como descrito na seção 2.9, a Morfologia Distribuída fundamenta que cada Item de Vocabulário é formado por traços que são providos pela GU e organizam-se na Lista 1 antes de ir para o *spell-out*. Sendo assim, esta parte da análise consiste em descrever quais traços compõem os itens lexicais dos tempos compostos do MS em E e quais traços estão envolvidos nas representações dos mesmos significados em PB e como se ordenam em ambas as línguas, se são coincidentes ou não, a fim de que se confirme ou descarte a hipótese de que a dificuldade dos aprendizes brasileiros no processo de aquisição de E como L2 esteja na (re)ordenação desses traços.

Consonante com a teoria da MD, considero que cada IV é a realização dos traços que o compõem. Portanto, na análise foram mapeados os traços que formavam as escolhas dos aprendizes para representar os significados que, de acordo com as características do E, deveriam ser expressos por meio dos traços que carregam o *pretérito perfecto de subjuntivo* e o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*.

### 4.4 Apresentação qualitativa dos dados

Considero a apresentação qualitativa mais plausível para a finalidade deste trabalho, pois não se tem como objetivo fazer generalizações sobre o processo de AL2, conforme já afirmado anteriormente.

A apresentação qualitativa, segundo Laville e Dionne (1999), é preferível quando:

O pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e nas relações entre eles, especificidade que escapa amiúde ao domínio do mensurável (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 227).

Como os dados obtidos possuem suas particularidades essenciais aos objetivos desta pesquisa, opto por seguir o caminho predominantemente qualitativo no tratamento dos dados.

Sendo assim, relaciono a teoria gerativa sobre AL2, a hipótese sobre a (re)ordenação dos traços associada à MD, aos dados sobre PB, o E e os que foram

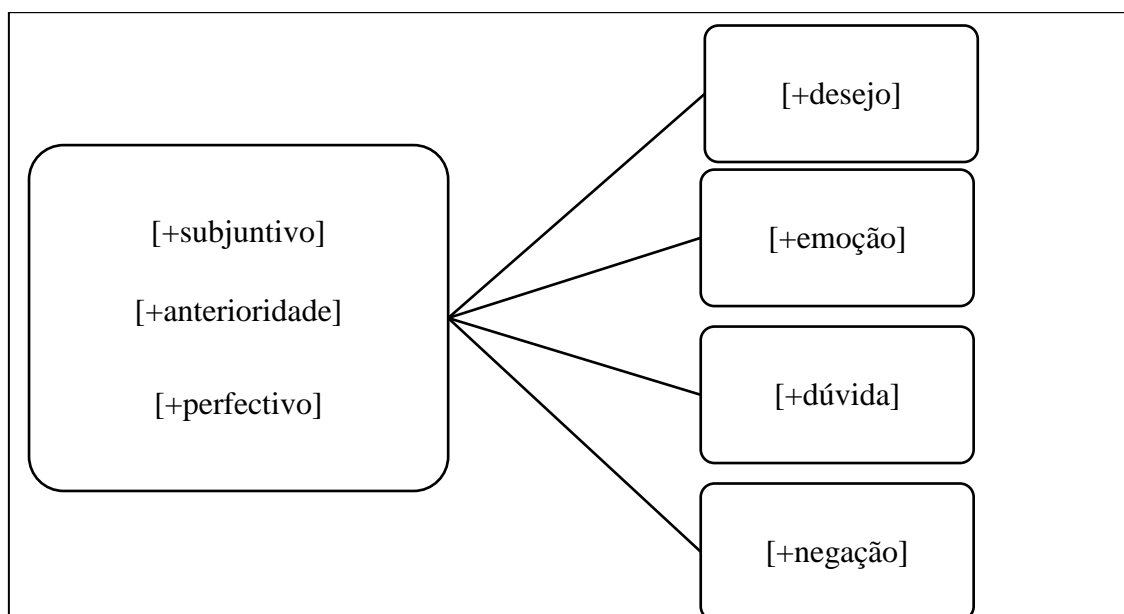
encontrados nos testes e no corpus COMET para que seja possível realizar a análise desses dados, descrita no Capítulo 5.

## 5 ANÁLISE

Este capítulo de análise inicia-se pela descrição dos dados encontrados nos testes, no ponto 5.1, a análise parcial desses dados, na seção 5.2, seguindo-se a ela os dados do corpus COMET, na seção 5.3 e a seção 5.4 trará a análise seguindo a teoria da MD.

Inicialmente, disponho na figura 12 um esquema, baseado em Gudmestad (2006) e acrescido de informações encontradas na revisão bibliográfica, que combina os principais traços semânticos e morfossintáticos envolvidos no uso do *pretérito perfecto de subjuntivo* e do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*.

Figura 12 - Combinação de traços linguísticos nos contextos de uso dos tempos compostos do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os tempos compostos do MS carregam os traços [+subjuntivo], [+anterioridade] e [+perfectivo], colocados à esquerda do esquema. Relacionados a eles, e à direita do esquema, são apresentados os traços semânticos indutores do MS e que são carregados por verbos e expressões da oração principal.

Portanto, havendo a relação entre o aparecimento de expressões que carregam os traços semânticos à direita na oração principal e dos traços morfossintáticos mencionados no esquema à esquerda na oração subordinada, há o uso do *pretérito perfecto de subjuntivo* ou do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*. O *pretérito perfecto de subjuntivo* deve ser utilizado se o verbo da oração principal estiver no *presente de*

*indicativo* ou no *pretérito perfecto compuesto de indicativo* e o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* deve ser utilizado se o verbo da oração principal estiver no *pretérito indefinido de indicativo* (também chamado de *pretérito perfecto simple*) ou no *pretérito imperfecto de indicativo*.

## 5.1 Os testes

Início esta análise trazendo os dados obtidos por meio dos testes aplicados. Separando-os pelos grupos descritos no Capítulo 4, passo aos tempos verbais utilizados nos exercícios, já excepcionando os distratores.

As tabelas organizam-se da seguinte forma: código do informante à esquerda, uso do MI no lugar do MS de forma agramatical, uso de tempo simples do MS de forma gramatical, uso de tempo simples do MS de forma agramatical, uso dos tempos compostos do MS (objeto do estudo), uso do MI de forma gramatical. Há algumas ocorrências de uso do *tener* como auxiliar ao invés do *haber* – único auxiliar possível em E, também sinalizadas na tabela como **uso do tener**. Nos números abaixo os modos verbais utilizados indicam o número de sentenças subordinadas substantivas nas quais houve aquele uso. Temos como exemplo a tabela 7:

Tabela 7 - Exemplo de interpretação da tabela contendo os dados.

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES
G1I01	2	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

A tabela 7 indica que o informante G1I01 utilizou um tempo do MI de forma agramatical em **duas** sentenças do exercício e utilizou um tempo simples do MS, construindo uma sentença gramatical, em **uma**.

As escolhas verbais dos aprendizes e dos falantes nativos está sinalizada **em negrito**.

Os informantes tiveram que responder um formulário sobre sua nacionalidade, se eram graduandos ou graduados e se eram professores de ELE. O Número 1 indica que a resposta foi **sim** e o número 0 indica que a resposta foi **não**. As respostas obtidas estão na tabela 8:

Tabela 8 - Dados sobre os informantes do teste

<b>SUJEITO</b>	<b>NACIONALIDADE</b>	<b>GRADUANDO</b>	<b>GRADUADO/PROFESSOR</b>
G1I01	Brasileiro	1	0
G1I02	Brasileiro	1	0
G1I03	Brasileiro	1	0
G1I04	Brasileiro	1	0
G1I05	Brasileiro	1	0
G1I06	Brasileiro	1	0
G1I07	Brasileiro	1	0
G1I08	Brasileiro	1	0
G2I01	Brasileiro	1	0
G2I02	Brasileiro	1	0
G2I03	Brasileiro	1	0
G2I04	Brasileiro	1	0
G2I05	Brasileiro	1	0
G2I06	Brasileiro	1	0
G2I07	Brasileiro	1	0
G2I08	Brasileiro	1	0
G2I09	Brasileiro	1	0
G2I10	Brasileiro	1	0
G2I11	Brasileiro	1	0
G3I01	Brasileiro	0	1
G3I02	Brasileiro	0	1
G3I03	Brasileiro	0	1
G3I04	Brasileiro	0	1
G3I05	Brasileiro	0	1
G3I06	Brasileiro	0	1
G3I07	Brasileiro	0	1
G3I08	Brasileiro	0	1
GCI01	Argentino	0	0
GCI02	Peruano	0	1
GCI03	Argentino	0	1
GCI04	Mexicano	0	0
GC05	Argentino	0	1
GC06	Peruano	0	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por não conterem orações subordinadas substantivas, o exercício 3 foi descartado para análise. Descartaram-se também, nos exercícios 4, 5 e 6, as respostas que não estavam de acordo com o que foi solicitado no enunciado.

Há sentenças aceitáveis (gramaticais) e não aceitáveis (agramaticais) dentro do conjunto analisado. As que estão marcadas com um \* antes do verbo utilizado são agramaticais e as sentenças marcadas com ? ou ?? não são agramaticais, mas são usos que possuem algum problema na interpretação semântica.

As subseções deste capítulo estão separadas pelos quatro grupos distintos, separados para fins metodológicos.

### 5.1.1 Grupo 01

Este grupo é formado por 8 aprendizes de E que ainda não foram instruídos na universidade sobre os tempos compostos do MS. Todos os informantes são graduandos do 4º semestre de Língua Espanhola. Os aprendizes apresentaram os seguintes dados de produção, separados por exercício.

Tabela 9 - Exercício 1 do G1

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO AGRAMATICAL DO MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO
G1I01		2	1	
G1I02		2		
G1I03				4
G1I04	1			3
G1I05	3			
G1I06	1			2
G1I07	1			3
G1I08	1		1	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Deste exercício, foram extraídas as sentenças que se apresentam a seguir:

(42) - Hoy, hasta ahora, no han recogido la basura.

Hoje, até agora, não AUX-3PL-PRET.PERF.COMP-IND recolher-PTCP a lixo

‘Hoje, até agora, não recolheram o lixo.’

- Creo                      que mañana, a esta hora, ya la **\*recogiera**<sup>23</sup>. (G1I07)  
 Crer-1SG-PRES-IND que amanhã, a esta hora, já a **\*recolher**-3SG-PRET.IMPERF-SBJV  
 ‘Acho que amanhã, a esta hora, já **\*recolhesse**.’

Em (42), o aprendiz fez uma opção pelo *pretérito imperfecto de subjuntivo*. Apesar de o contexto ser [+subjuntivo], o pretérito imperfeito do subjuntivo é um tempo [-anterior] e [-perfectivo] e não pode ser utilizado devido ao advérbio de tempo *ya* (já), que requer o uso de um tempo [+anterior] e [+perfectivo], como o *pretérito perfecto de subjuntivo* ou o *futuro perfecto de indicativo*.

(43) – No sé si cuando lo encontremos en casa ya habrá preparado sus maletas para viajar.

No sé                      si cuando lo encontremos                      en casa já  
 Não saber-1SG-PRES-IND se quando o encontrar-1PL-PRES-SBJV em casa já  
 habrá                      preparado                      sus maletas para viajar.  
 AUX-3SG-FUT.PERF-IND preparar-PTCP suas malas para viajar.  
 ‘Não sei se quando o encontrarmos em casa já terá preparado suas malas para viajar.’  
 - Ojalá                      ya las **\*preparé**.                      Así salimos                      enseguida. (G1I01)  
 Tomara que já as **\*preparar**-1SG-PRET.PERF-IND. Assim sair-1PL-PRES-IND em seguida.  
 ‘Tomara que já **\*preparei**. Assim saímos em seguida.’

Em (43), há a escolha pelo *pretérito perfecto simple de indicativo*. O contexto é [+subjuntivo] e o pretérito perfeito do indicativo é [-subjuntivo] e não pode ser utilizado devido ao indutor do MS *ojalá* (tomara que) e ao advérbio de tempo *ya* (já), que requer o uso de um tempo [+anterior] e [+perfectivo], como o *pretérito perfecto de subjuntivo*. Como indica a gramática da RAE (2009), em contextos nos quais há um indutor do MS não é possível utilizar o MI. Essa sentença é um exemplo de contexto de substituição, pois, devido ao indutor do MS, não se pode usar um tempo do MI.

(44) Mis cosas nunca están                      en su lugar. No sé                      más qué hacer.  
 Minhas coisas nunca estar-3PL-PRES-IND no seu lugar. Não saber-1SG-PRES-IND mais que fazer.  
 ‘Minhas coisas nunca estão no lugar. Não sei mais o que fazer.’

<sup>23</sup> Na análise, será utilizado o **negrito** como forma de destacar a opção feita pelo aprendiz para preencher a lacuna disponível no teste.

Puede que alguien ?**escondiera**. (G1I03)

Poder-3SG-PRES-IND que alguém esconder-3SG-PRET.IMPERF-SBJV.

‘Pode ser que alguém ?**escondesse**.’

Em (44), o informante utilizou o *pretérito imperfecto de subjuntivo*. Apesar de haver uma expressão que induz ao uso do MS (*puede que*), causa estranheza o uso de um tempo [+imperfectivo], já que, devido à introdução, o *presente de subjuntivo*, relatando um ato rotineiro (sempre escondem as coisas) ou o *pretérito perfecto de subjuntivo*, relatando uma ação concluída [+perfectiva] responderiam mais adequadamente a questão proposta pelo enunciado.

(45) Mis cosas nunca están en su lugar. No sé más qué hacer.

Minhas coisas nunca estar-3PL-PRES-IND no seu lugar. Não saber-1SG-PRES-IND mais que fazer.

‘Minhas coisas nunca estão no lugar. Não sei mais o que fazer.’

- Puede que alguien \***escondió**. (G1I05)

Poder-3SG-PRES-IND que alguém esconder-3SG-PRET.PERF-IND.

‘Pode ser que alguém escondeu.’

Em (45), há a escolha pelo *pretérito perfecto simple de indicativo*. O contexto é [+subjuntivo] devido ao traço [+dúvida] que a expressão *puede que* carrega, e o pretérito perfeito do indicativo é [-subjuntivo] e não pode ser utilizado. Como em PB é aceitável esse tipo de construção, possivelmente a frase agramatical foi construída por transferência da L1.

(46) – No sé si cuando lo encontremos en casa ya habrá preparado sus maletas para viajar.

No sé si cuando lo encontremos en casa já

Não saber-1SG-PRES-IND se quando o encontrar-1PL-PRES-SBJV em casa já

habrá preparado sus maletas para viajar.

AUX-3SG-FUT.PERF-IND preparar-PTCP suas malas para viajar.

‘Não sei se quando o encontrarmos em casa já terá preparado suas malas para viajar.’

- Ojalá ya las **haya** **preparado**. Así salimos enseguida.

(G1I06)

Tomara que já as AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV preparar-PTCP. Assim sair-1PL-PRES-IND em seguida.



‘Tomara que já tenha preparado. Assim saímos em seguida.’

Em (46) temos um dos dois únicos exemplos do grupo de uso adequado ao contexto estipulado pelo enunciado. O *pretérito perfecto de subjuntivo* representa uma escolha que carrega os traços [+subjuntivo] [+anterior] e [+perfectivo], necessitado devido ao advérbio de tempo *ya* e ao indutor do MS *ojalá*.

Esse uso, sem que haja ocorrido a instrução formal sobre o tempo verbal em questão, pode indicar que o aprendiz parece ter reordenado os traços a partir do *input* ao qual foi exposto, tendo acesso parcial às propriedades da GU.

(47) - Hoy, hasta ahora, no han recogido la basura.

Hoje, até agora, não AUX-3PL-PRET.PERF.COMP-IND recolher-PTCP a lixo

‘Hoje, até agora, não recolheram o lixo.’

- Creo que mañana, a esta hora, ya la **\*recogerán**. (G1I06)

Crer-1SG-PRES-IND que amanhã, a esta hora, já a **\*recolher** -3PL-FUT-IND.

‘Acho que amanhã, a esta hora, já **\*recolherão**.’

O exemplo (47), tal como o (42) faz parte de um contexto de alternância. Como tem interpretação prospectiva, os tempos utilizados poderiam ser o *pretérito perfecto de subjuntivo* ou o *futuro perfecto de indicativo*. Há a necessidade, portanto, do uso de um tempo [+perfectivo], já que a ação deverá estar concluída no futuro, e, em (47), há o uso do *futuro simple de indicativo*, que não atende ao proposto pelo contexto da oração.

Tabela 10 - Exercício 2 do G1

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO AGRAMATICAL DO MS – SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO
G1I01		1		2
G1I02			2	1
G1I03			2	1
G1I04			2	1
G1I05			2	1
G1I06		1		
G1I07		2		1
G1I08		2		1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Do exercício 2, no qual as respostas majoritariamente apresentaram o *presente de subjuntivo*, tem-se as seguintes sentenças:

(48) Quiero que mañana a esa hora los resultados del examen que hice para aprobar la escuela salgan.

Quiero                      que mañana a esa hora los resultados del examen que  
Querer-1SG-PRES-IND que amanhã a essa hora os resultados do exame que  
hice                              para aprobar la escuela **salgan**. (G1I06)

fazer-1SG-PRET.PERF-IND para aprovar a escola sair-3PL-PRES-SBJV.

‘Quero que amanhã nesse horário os resultados da prova que fiz para passar na escola **saíam**.’

A opção que consta em (48) é gramatical. O aprendiz escolheu o uso de um tempo [+subjuntivo] [-perfectivo] e [-anterior], que cabe no contexto estabelecido. Se houvesse a intenção de relatar um evento concluído, então haveria a obrigatoriedade do uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*, como ilustrado no exemplo (50).

(49) Espero que hasta el fin de este año todos ustedes **terminen** sus cursos de idiomas.  
(G1I04)

Espero                      que hasta el fin de este año todos ustedes **terminen**

Esperar-1SG-PRES-IND que até o fim de este ano todos vocês terminar-3PL-PRES-SBJV  
sus cursos de idiomas.

seus cursos de idiomas.

‘Espero que até o fim deste ano todos vocês **terminem** seus cursos de idiomas.’

Da mesma forma que ocorreu em (48), em (49) o aprendiz escolheu o uso de um tempo [+subjuntivo] [-perfectivo] e [-anterior], que cabe no contexto estabelecido e indica que, na concepção do informante, o evento não tem um ponto de conclusão.

(50) Espero que hasta el fin de este año todos ustedes **hayan terminado** sus cursos de idiomas. (G1I01)

Espero que hasta el fin de este año todos ustedes **hayan**

Esperar-1SG-PRES-IND que até o fim de este ano todos vocês AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV

**terminado** sus cursos de idiomas.

terminar-PTCP seus cursos de idiomas.

‘Espero que até o fim deste ano todos vocês tenham terminado seus cursos de idiomas.’

Em (50), o informante optou pelo uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*, tempo [+subjuntivo] [+perfectivo] e [+anterior], por entender que o evento possui um ponto de conclusão antes de que o ano tenha acabado.

(51) Quiero que mañana a esa hora los mensajeros ya **\*han hecho** las entregas programadas para hoy. (G1I01)

Quiero que mañana a esa hora los mensajeros ya **han**

Querer-1SG-PRES-IND que amanhã a essa hora os mensageiros já AUX-3PL-PRET.PERF.COMP-IND

**hecho** las entregas programadas para hoy.

hacer-PTCP as entregas programadas para hoje.

‘Quero que amanhã nesse horário os mensageiros já **\*fizeram** as entregas programadas para hoje.

Em (51) é apresentado um exemplo de uso agramatical do MI. O *pretérito perfecto compuesto de indicativo*, que carrega o traço [-subjuntivo], não pode ser utilizado devido à presença de uma expressão [+desejo] (*quiero*) na oração principal, que induz ao MS.

Tabela 11 - Exercício 4 do G1

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	SENTENÇAS DESCARTADAS
G1I01	1	1	1
G1I02		1	3
G1I03	1		2
G1I04			3
G1I05	2		1
G1I06			3
G1I07	3		0
G1I08			3

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste exercício, três testes (G1I04, G1I06 e G1I08) foram descartados porque os informantes não entenderam seu objetivo, pois não expuseram uma opinião contrária. Dos cinco testes utilizados, tem-se os seguintes dados:

(52) La policía no cree que \***ha** **sido** un accidente.  
(G1I01)

A polícia não crer-3SG-PRES-IND que AUX-3G-PRET.PERF.COMP-IND ser-PTCP um acidente.  
'A polícia não acha que **foi** um acidente.'

Em (52) encontramos um exemplo de diferença entre o PB e o E. Em PB, o uso do pretérito perfeito de indicativo ou do pretérito perfeito de subjuntivo depende da oposição assertiva/não-assertiva. Se a proposição é assertiva, utiliza-se o MI, se é não-assertiva, o MS. Já em E, a presença de uma expressão [+negação] induz ao uso do MS, portanto, o uso do MI na oração subordinada é agramatical.

(53) No me parece que el empleado **haya actuado** con malas intenciones. (G1I02)

No me parece que el empleado **haya** **actuado** con  
 Não me parecer-3SG-PRES-IND que o empregado AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV atuar-PTCP com  
 malas intenciones.  
 más intenções.  
 ‘Não acho que o empregado **tenha agido** com más intenções.’

Em (53), há o uso correto, de acordo com as características do E, descritas pela RAE (2009), do *pretérito perfecto de subjuntivo*. Esse é o único tempo verbal que pode ser utilizado, por ser [+anterior], [+perfectivo] e [+subjuntivo], já que há uma expressão [+negação] e uma ação concluída.

(54) La policía no creyó que **\*fue** un accidente. (G1I05)

A polícia não crer-3SG-PRET.PERF-IND que ser-3SG-PRET.PERF-IND um acidente.  
'A polícia não acreditou que **foi** um acidente.'

Pelos mesmos motivos expressos em (52) e (53), o uso do pretérito perfeito do indicativo torna o exemplo (54) agramatical. Em seu lugar, deveria ter sido usado o verbo conjugado no pretérito perfeito do subjuntivo, *haya sido*.

(55) A mí no me pareció que el empleado **\*ha actuado** con malas intenciones (G1I05) e (G1I07)

A mí no me pareció que el empleado **ha**

A mim não me parecer-3G-PRET.PERF-IND que o empregado AUX-3G-PRET.PERF.COMP-IND

**actuado** con malas intenciones.

atuar- PTCP com más intenções.

‘Não acho que o empregado **agiu** com más intenções.’

Tal como em (54), o uso de um tempo do MI, desta vez o *pretérito perfecto compuesto* torna o exemplo (55) agramatical. Em seu lugar, deveria ter sido usado o verbo conjugado no pretérito perfeito do subjuntivo, *haya actuado* (tenha agido).

Tabela 12 - Exercício 5 do G1

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DO MS - SIMPLES	USO DO TENER
G1I01		
G1I02		
G1I03		1
G1I04		
G1I05		
G1I06		1
G1I07		
G1I08		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste exercício, apenas 2 testes foram utilizados, pois, apesar de o enunciado requerer que se elaborassem questões sobre o que talvez tenha acontecido no passado, a maior parte dos testes traziam afirmações factuais ao invés de não-factuais. Os dados extraídos deste exercício estão em (56) e (57).

(56) Es posible que **\*tenga visto** una *novidad* en la computadora.  
(G1I03)

Ser-3SG-PRES-IND possível que ter-3G-PRES-SBJV ver-PTCP uma novidade em a computador.  
 ‘É possível que tenha visto uma novidade no computador.’

Em (56), temos um caso de transferência da L1 para a L2. Como em E somente o verbo *haber* é auxiliar, o verbo *tener* não tem essa propriedade, portanto, não pode marcar tempo, aspecto e pessoa e número. Nesse sentido, o E diferencia-se PB, que aceita tanto o verbo *haber* como o *ter* como auxiliares.

(57) Puede ser que ??**consiguiera** un empleo. (G1I03)

Poder-3SG-PRES-IND ser-INF que conseguir-3G-PRET.IMPERF-SBJV um emprego.

‘Pode ser que ??**conseguisse** um emprego.’

Tal como no exemplo (44), o informante utilizou o *pretérito imperfecto de subjuntivo*. Ainda que haja uma expressão que induz ao uso do MS (*puede ser que*), causa estranheza o uso de um tempo [+imperfectivo], já que, devido ao contexto do exercício, o *presente de subjuntivo*, relatando um ato rotineiro (sempre escondem as coisas) ou o *pretérito perfecto de subjuntivo*, relatando uma ação concluída (conseguir o emprego) e, portanto, [+perfectiva], responderia mais adequadamente a questão proposta pelo enunciado.

No entanto, oração em (57) não foi considerada completamente agramatical, pois a estrutura *puede (ser) que* é utilizada com o MS. Devido ao contexto do exercício, que se referia a uma hipótese sobre o que poderia ter passado com a mulher da foto, não se encaixa um verbo com os traços [-perfectivo] e [-anterior] como o *consiguiera*, que está conjugado no *pretérito imperfecto de subjuntivo*.

Há duas hipóteses para essa ocorrência. A primeira é a de que o aprendiz, no processo de reordenação dos traços, tenha reordenado os traços [+subjuntivo] e [+passado]. Entretanto, o traço [+anterior] aparenta ser o último a ser reordenado, posto que, como ver-se-á na análise dos testes dos grupos G2 e G3, é proporcional a aparição do traço de [+anterioridade] conforme a proficiência do aprendiz.

A outra hipótese é a de que em PB o verbo *conseguir* no pretérito-mais-perfeito do indicativo, que é um tempo [+anterior] e [+perfectivo], tem como forma sintética **conseguira**. Nessa hipótese, o traço a ser reordenado mais tardiamente seria o [+subjuntivo]. Esse seria novamente um caso de transferência, pois em PB a estrutura **pode ser que** aceita tanto o indicativo, como em **Pode ser que ela conseguira o**

**emprego**, como o subjuntivo, como em **Pode ser que ela tenha conseguido o emprego**. Castro (2005) pontua que o uso do MI no lugar do MS pode estar ligado à oposição formal/informal, sendo o uso do MI mais informal.

Tabela 13 - Exercício 6 do G1

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO
G1I01		1	1
G1I02			
G1I03			1
G1I04			2
G1I05			
G1I06	1		
G1I07			1
G1I08			

Fonte: Elaborado pelo autor.

Deste, três testes foram descartados e cinco utilizados, pois não houve a compreensão do enunciado. Os exemplos (58), (59) e (60) ilustram os usos demonstrados na tabela 9.

(58) Nos gustaría mucho que **hicieran** el homenaje a Leopoldo. (G1I03)

Nos gustaría mucho que **hicieran** el homenaje a

Nos gostar-3SG- FUT.PRET.-IND muito que fazer-3PL-PRET.IMPERF-SBJV o homenagem a Leopoldo.

Leopoldo.

‘Nós gostaríamos muito que **fizessem** a homenagem a Leopoldo.’

O exemplo em (58) constitui uma oração gramatical. Segundo Cartagena (1999), a diferença entre o *pretérito imperfecto de subjuntivo* e o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* é o traço de [ $\pm$ anterioridade]. Na interpretação do informante, a ação fazer a homenagem é [-anterior], portanto, ele optou pelo tempo verbal que carrega esse traço. A interpretação [+anterior] pode ser observada em (59).

(59) Nos gustaría a todos que **hubieran hecho** el homenaje a Leopoldo el mes pasado. (G1I01)

Nos gustaría a todos que **hubieran** **hecho**  
 Nos gostar-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND a todos que AUX-3PL-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV fazer-PTCP  
 el homenaje a Leopoldo el mes pasado.  
 o homenagem a Leopoldo o mês passado.  
 ‘Todos nós gostaríamos que **tivessem feito** a homenagem para o Leopoldo no mês passado.’

Em (59), o informante interpretou a ação fazer a homenagem como [+anterior], portanto, utilizou de forma gramatical o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*. De acordo com as descrições de Palmer (2001), Gudmestad (2006) e RAE (2009), o verbo *gustar*, que carrega o traço [+desejo], é um gatilho lexical para o uso do MS. Como ele está, em (59), conjugado em um tempo pertencente à esfera do passado, o uso do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* é o adequado.

(60) Me dio mucha pena que Martín y Francisca **\*se separaron**. (G1I02)  
 Me dar-3SG-PRET.PERF-IND muita pena que Martín e Francisca se separar-3PL-PRET.PERF-IND.  
 ‘Me deu muita pena que Martín e Francisca **se separaram**.’

Em (60) temos mais um uso que em PB ocorre a alternância indicativo/subjuntivo e em E não. Em PB com a estrutura **dar pena que** é aceitável com o pretérito perfeito do indicativo, como no exemplo, e com o pretérito perfeito do subjuntivo, na forma **tenham se separado**. Com essa estrutura, em E temos o contexto de substituição, no qual apenas o tempo [+anterior] e [+subjuntivo] pode ser utilizado, segundo a descrição da RAE (2009). Como o verbo da oração principal está no passado, o verbo *se hubieran separado*, conjugado no *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* é o tempo que deveria ser utilizado para que a frase fosse gramatical em E.

Tabela 14 - Exercício 7 do G1

SUJEITO	USO AGRAMATI CAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO AGRAMATI CAL DO MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	USO DO MI GRAMATI CAL
G1I01	2			1	
G1I02	3	1			
G1I03	1	1			3
G1I04	2	2			1



SUJEITO	USO		USO		USO	
	AGRAMATI	USO	GRAMATICAL	AGRAMATI	USO DO MS -	USO DO MI
	CAL DE MI	MS -	DE	CAL DO MS	TEMPO	GRAMATI
		SIMPLES		- SIMPLES	COMPOSTO	CAL
G1I05	3			1		1
G1I06	2				2	1
G1I07	2			1		1
G1I08	2		1			1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar de este exercício requerer o uso do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, nenhum teste apresentou o tempo verbal, tendo sido utilizado predominantemente o *pretérito indefinido de indicativo* também chamado de *pretérito perfecto simple*, o *pretérito imperfecto de indicativo*, o *presente de subjuntivo* e o *pretérito imperfecto de subjuntivo*, como observado nos exemplos (61) a (63).

(61) Es una pena que no nos **\*informaron** que presentarían la obra de teatro en nuestra ciudad. (G1I03) (G1I02) (G1I07)

Es                      una pena que no nos **informaron**                      que  
 Ser-3SG-PRES-IND uma pena que não nos informar-3PL-PRET.PERF-IND que  
 presentarían                      la obra de teatro en nuestra ciudad.  
 apresentar-3PL-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND a obra de teatro em nossa cidade.  
 ‘É uma pena que eles não nos **informaram** que apresentariam a peça de teatro na nossa cidade.’

Em (61), ocorre o mesmo caso do exemplo (60). Em E, *ser una pena que* somente pode ser utilizado com MS, pois carrega o traço [+emoção]. Assim sendo, o uso do pretérito perfeito do indicativo é agramatical em E. Já em PB, o uso é gramatical, como sinalizado na tradução, ainda que também se aceite o MS na forma **tenham informado**. Essa alternância está em consonância com a hipótese de Castro (2005) de que o MI seria mais informal e o MS mais formal.

(62) No creo                      que me **reciban**                      sin una cita. (G1I07)

Não achar-1SG-PRES-IND que me receber-3PL-PRES-SBJV sem uma reunião.  
 ‘Não acho que eles me **?recebam** sem uma reunião.’  
 ‘Não acho que eles me receberão sem uma reunião.’



### 5.1.2 Grupo 02

Da mesma forma que se compôs a análise do G1, está composta a do G2. Os mesmos exercícios foram utilizados, como já explicitado na metodologia, diferenciando-se que agora quem os respondeu foram alunos já instruídos formalmente na universidade sobre os tempos verbais. As tabelas que se seguem também informam sobre o tempo verbal utilizado, a quantidade de informantes que fez o uso e a quantidade de sentenças nas quais o uso foi encontrado.

Tabela 15 - Exercício 1 do G2

SUJEITO	USO AGRAMA TICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO AGRAMA TICAL DO MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOST O	USO DO MI GRAMATI CAL	USO DO TENER
G2I01	2		2			
G2I02	2	1				
G2I03	1	2				
G2I04		1		1	1	
G2I05	3					
G2I06	2					
G2I07				3		
G2I08	2					1
G2I09		1	1			
G2I10	1	1				
G2I11				2	1	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se notar que também no G2 há a predominância do uso do MI agramatical, principalmente do *pretérito indefinido de indicativo*. As sentenças extraídas deste exercício vão de (64) a (66). A predominância de sentenças agramaticais utilizando conjugações dos tempos do MI, que nessa amostra estão conjugados no *pretérito perfecto simple* e no *pretérito perfecto compuesto*, sugere que os traços [+subjuntivo] e [+anterior] são reordenados mais tardiamente que os traços [+perfectivo] e [+passado].

(64) – No sé si cuando lo encontremos en casa ya habrá preparado sus maletas para viajar.

No sé si cuando lo encontremos en casa já  
 Não saber-1SG-PRES-IND se quando o encontrar-1PL-PRES-SBJV em casa já  
 habrá preparado sus maletas para viajar.  
 AUX-3SG-FUT.PERF-IND preparar-PTCP suas malas para viajar.  
 ‘Não sei se quando o encontrarmos em casa já terá preparado suas malas para viajar.’  
 - Ojalá ya las **haya** **preparado**. Así salimos enseguida.  
 Tomara que já as AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV preparar-PTCP. Assim sair-1PL-PRES-IND em seguida.  
 (G2I04) (G2I07)  
 ‘Tomara que já **tenha preparado**. Assim saímos em seguida.’

Do mesmo modo que no exemplo (46), em (64) temos o uso adequado do *pretérito perfecto de subjuntivo*. Nesse caso, porém, o aprendiz já recebeu instrução formal sobre o tempo em questão, o que não é garantia de aquisição instantânea, como se observa em (65).

(65)– No sé si cuando lo encontremos en casa ya habrá preparado sus maletas para viajar.  
 No sé si cuando lo encontremos en casa já  
 Não saber-1SG-PRES-IND se quando o encontrar-1PL-PRES-SBJV em casa já  
 habrá preparado sus maletas para viajar.  
 AUX-3SG-FUT.PERF-IND preparar-PTCP suas malas para viajar.  
 ‘Não sei se quando o encontrarmos em casa já terá preparado suas malas para viajar.’  
 - Ojalá ya las **\*preparé**. Así salimos enseguida. (G2I06)  
 Tomara que já as **\*preparar**-1SG-PRET.PERF-IND. Assim sair-1PL-PRES-IND em seguida.  
 ‘Tomara que já **\*preparei**. Assim saímos em seguida.’

Em (65), ocorre o mesmo que no exemplo (45), do G1. O uso do pretérito perfeito é agramatical tanto em PB quanto em E, devido à expressão *ojalá* (tomara que), gatilho lexical para o uso do MS. O aprendiz parece ter selecionado um verbo que carrega os traços [+perfectivo] e [+passado], na tentativa de expressar uma ação concluída no passado. No entanto, o traço [+subjuntivo], imprescindível dado o gatilho lexical, não foi selecionado. Esse dado sugere que o traço [+subjuntivo] é reordenado depois do traço [+perfectivo].

(66) – Hoy, hasta ahora, no han recogido la basura.

Hoje, até agora, não AUX-3PL-PRET.PERF.COMP-IND recolher-PTCP a lixo

‘Hoje, até agora, não recolheram o lixo.’

- Creo que mañana, a esta hora, ya la **\*recogí**. (G2I02) (G2I03) (G2I05)

Crer-1SG-PRES-IND que amanhã, a esta hora, já a recolher-1SG-PRET.PERF-IND

‘Acho que amanhã, nesse horário, eu já **recolhi**.’

No exemplo (66), é apresentado mais um exemplo de uso aceitável do pretérito perfeito em PB que não coincide com as propriedades do E. Em E, o contexto dado pela oração é de alternância, sendo aceitável somente o *pretérito perfecto de subjuntivo* ou o *futuro perfecto de indicativo*.

Tabela 16 - Exercício 2 do G2

SUJEITO	USO AGRAMA TICAL DE MI	USO GRAMATI CAL DE MS - SIMPLES	USO AGRAMATICAL DO MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	USO DO MI GRAMA TICAL	USO DO TENER
G2I01		2		1		
G2I02	1	2				
G2I03	1					2
G2I04		2		1		
G2I05	1*hicieran	2	1* hicieran			
G2I06						
G2I07		2		1		
G2I08					3	
G2I09		2		1		
G2I10		2		1		
G2I11					1	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Do exercício, no qual era esperado que se utilizasse o *pretérito perfecto de subjuntivo*, foram retiradas as sentenças de (67) a (71). A maioria das sentenças foram construídas com tempos simples do MS. Algumas dessas construções são agramaticais, devido à obrigatoriedade da seleção do traço [+anterior] com os usos indicados na tabela 16:

(67) Quiero que mañana a esa hora los mensajeros ya **\*hicieran** las entregas programadas para hoy. (G2I05)

Quiero                      que mañana a esa hora los mensajeros ya  
 Querer-1SG-PRES-IND que amanhã a essa hora os mensageiros já  
 \***hicieran**                      las entregas programadas para hoy.  
 fazer-PRET.IMPERF-SBJV as entregas programadas para hoje.  
 ‘Quero que amanhã nesse horário os mensageiros já \***fizessem** as entregas programadas para hoje.

A oração do exemplo (67) é agramatical, pois há a necessidade do uso de um tempo verbal que carregue os traços [+subjuntivo], [+perfectivo] e [+anterior] e foi selecionado o *pretérito imperfecto de subjuntivo*, que é [-anterior] e [-perfectivo]. Essa necessidade é devida à presença do verbo querer na oração principal, que carrega o traço [+desejo], gatilho para o uso do MS e do advérbio de tempo *ya* (já) na oração subordinada, que dá o contexto [+anterior].

(68) Espero que hasta el fin de este año las secretarias VIP **terminen** sus cursos de idiomas. (G2I01)

Espero                      que hasta el fin de este año las secretarias VIP **terminen**  
 Esperar-1SG-PRES-IND que até o fim de este ano as secretárias VIP terminar-3PL-PRES-SBJV  
 sus cursos de idiomas  
 seus cursos de idiomas.  
 ‘Espero que até o fim deste ano as secretárias VIP **terminem** seus cursos de idiomas.’

A oração subordinada substantiva em (68) constitui um exemplo do uso escolhido na maior parte das sentenças deste exercício. A escolha *presente de subjuntivo*, um tempo que carrega os traços [+subjuntivo] e [-anterior] não é agramatical, pois não há um gatilho lexical no período composto que exija o traço [+anterior], ficando essa interpretação a cargo do falante, que pode interpretar como uma ação [-anterior], como no exemplo (68), ou [+anterior], como em (69)

(69) Espero que hasta el fin de este año las secretarias VIP **hayan** me **dicho** la verdad. (G2I07)

Espero                      que hasta el fin de este año las secretarias VIP **hayan**  
 Esperar-1SG-PRES-IND que até      o fim de este ano as secretárias VIP AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV  
 me **dicho**      la verdad.  
 me decir-PTCP a verdade.  
 ‘Espero que até o fim deste ano as secretárias VIP **tenham** me **dito** a verdade.’

Em (69), a escolha pelo *pretérito perfecto de subjuntivo* representa a interpretação [+anterior] que o informante teve sobre a ação **dizer a verdade**.

(70) Quiero                      que mañana a esa hora los mensajeros **\*tengan**      **entregado**.  
 (G2I03)

Querer-1SG-PRES-IND que amanhã a essa hora os mensageiros ter-3PL-PRES-SBJV entregar-  
 PTCP  
 ‘Quero que amanhã nesse horário os mensageiros tenham entregado.’

Em (70) houve a intenção do informante de escolher um tempo [+anterior], [+subjuntivo] e [+perfectivo]. No entanto, o aprendiz utilizou o verbo *tener* como auxiliar, o que é agramatical em E. Tal como pontuado no exemplo (56), esse uso aparenta ser um indício de transferência do PB para o E.

(71) No espero que hasta septiembre los mensajeros ya **\*habrán hecho** las entregas programadas para hoy. (G2I11)

No espero                      que hasta septiembre los mensajeros ya **\*habrán**  
 Não esperar-1SG-PRES-IND que até      setembro os      mensageiros já AUX-3PL-FUT.PERF-IND  
**hecho**      las entregas programadas para hoy.  
 fazer-PTCP as entregar programadas para hoje.  
 ‘Não espero que até setembro os mensageiros já **\*terão feito** as entregas programadas para hoje.’

O exemplo (71) constitui um caso de sentença agramatical em E. Em E, devido à expressão *no espero* (não espero), o MS é obrigatório na oração subordinada em língua espanhola. Em PB, o futuro composto do indicativo soa agramatical também.

Tabela 17 - Exercício 4 do G2

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	SENTENÇAS DESCARTADAS
G2I01			3
G2I02		1	2
G2I03			3
G2I04			3
G2I05		1	2
G2I06		1	2
G2I07			3
G2I08			3
G2I09			3
G2I10			3
G2I11		2	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Deste exercício, quatro dos onze testes apresentaram respostas de acordo com o enunciado e, ainda, nenhum deles utilizando o *pretérito perfecto de subjuntivo*, como está expresso nos exemplos (72) a (74).

(72) No creo que este escritor **\*había plagiado** a García Márquez. (G2I06)

No   creo                                   que este escritor **\*había**                                   **plagiado**  
 Não achar-1SG-PRES-IND que este escritor AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND plagiar-PTCP  
 a García Márquez  
 a García Márquez.  
 ‘Não acho que este escritor tinha plagiado o García Márquez.’

(73) No creo                                   que **\*fue**                                   malas intenciones, *pero* un error. (G2I02)  
 Não achar-1SG-PRES-IND que ser-3SG-PRET.PERF-IND más intenções,   mas   um erro.  
 ‘Não acho que **foi** com más intenções, mas um erro.’

(74) No me parece que Daniel **\*ha puesto** informaciones confidenciales en su blog. (G2I05)

No me parece                                   que Daniel **\*ha**                                   **puesto**



Não me parecer-3SG-PRES-IND que Daniel AUX-3SG-PRET.PERF.COMP-IND por-PTCP

informaciones confidenciales en su blog.

informações confidenciais em seu blog.

‘Não acho que o Daniel **pôs** informações confidenciais no seu blog.’

Em (72), assim como em (73) e em (74), as expressões *no creo que* e *no me parece que* (ambas traduzidas como não acho que) não admite o uso do MI. Todas as sentenças não descartadas possuem essa configuração: na oração subordinada há um tempo do MI.

Como este grupo já foi apresentado aos tempos verbais estudados, sugiro que *input* ao qual os aprendizes são expostos traz poucos exemplos do uso do MS em contextos [+negação]. Ainda, como o traço [+negação] é um gatilho lexical para o uso do MS, e isso constitui uma diferença entre o PB e o E, parece estar menos claro para os aprendizes que esse traço especificamente exige o uso do MS.

## Exercício 5

Somente um dos onze testes apresentou o estabelecimento de uma hipótese. Todos os demais trazem afirmações factuais, apesar da instrução contida no enunciado. Neste único teste, as sentenças produzidas são:

(75) Puede ser que ??**ganara** en la lotería. (G2I11)

Poder-3SG-PRES-IND ser-INF que ganhar-PRET.IMPERF-SBJV em a loteria.

‘Pode ser que ??**ganhasse** na loteria.’

Tal como nos exemplos do G1 (44) e (57), o informante utilizou o *pretérito imperfecto de subjuntivo*. Apesar de haver uma expressão que induz ao uso do MS (*puede ser que*), causa estranheza o uso de um tempo [+imperfectivo], já que, devido ao contexto do enunciado, o *pretérito perfecto de subjuntivo*, relatando uma ação concluída, (ganhar na loteria, que é [+perfectiva] no contexto da frase) responderia de maneira mais adequada a questão proposta pelo enunciado.

Novamente, há o estabelecimento da hipótese de que o aprendiz, no processo de reordenação dos traços, tenha reordenado os traços [+subjuntivo] e [+passado], que o verbo *ganara* (ganhasse) também carrega.

A outra hipótese é a de que em PB o verbo ganhar no pretérito-mais-que-perfeito do indicativo, que é um tempo [+anterior] e [+perfectivo], tem como forma sintética

**ganhara**. Nessa hipótese, o traço a ser reordenado mais tardiamente seria o [+subjuntivo]. Esse seria novamente um caso de transferência, pois em PB a estrutura **pode ser que** aceita tanto o indicativo, como em **Pode ser que ela ganhara na loteria**, como o subjuntivo, como em **Pode ser que ela tenha ganhado na loteria**. Retomando Castro (2005), o uso do MI no lugar do MS pode estar ligado à oposição formal/informal, sendo o uso do MI mais informal.

(76) Me parece                      que **está**                      felicíssima. (G2I11)

Me parecer-3SG-PRES-IND que estar-3SG-PRES-IND felicíssima.

‘Acho que ela está felicíssima.’

Neste caso, como não há na oração principal um gatilho lexical para o uso do MS, o uso do MI é gramatical.

Tabela 18 - Exercício 6 do G2

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO AGRAMATICAL DO MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	USO DO TENER
G2I01			1		2
G2I02					
G2I03		1			1
G2I04		1			
G2I05			1		
G2I06					
G2I07		1		1	1
G2I08					
G2I09			1		
G2I10					
G2I11					2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seis dos onze testes foram utilizados para análise, pois os outros cinco não contêm as respostas de acordo com o enunciado. Destes, os usos que se repetiram em mais de um teste ou mais de uma sentença no mesmo teste estão nos exemplos de (77) a (81).

(77) A mis hermanos les fastidiaría la idea de que mi abuelo me **regalaría** un coche.  
(G2I09)

A mis hermanos les fastidiaría la idea de que mi abuelo me  
A meus irmãos lhes incomodar-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND a ideia de que meu avô me  
**regalaría** un coche.

presentear-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND um carro.

‘Meus irmãos ficariam bravos com a ideia de que meu avô me **presentearia** com um carro.’

Em (77), há uma construção gramatical tanto em PB quanto em E, dado o contexto da frase, que admite que o falante tenha uma interpretação [+anterior] ou [-anterior].

(78) Me fastidia que no **\*hicieron** el homenaje a Leopoldo.

Me incomodar-3SG-PRES-IND que não fazer-3SG-PRET.PERF-IND o homenagem a Leopoldo.

(G2I07)

‘Fico brava que não **fizeram** a homenagem para Leopoldo.’

(79) ¿No te preocupa que tu hija **\*vuelve** tan tarde? (G2I05)

Não te preocupar-3SG-PRES-IND que tua filha voltar-3SG-PRES-IND tão tarde?

‘Não te preocupa que sua filha **volta** tão tarde?’

Em contrapartida, em (78) e (79) as construções elaboradas pelos informantes G2I07 e G2I05 são agramaticais. Há nas duas orações principais expressões que são gatilho para o uso do MS e não aceitam o MI, utilizado nas duas orações subordinadas. Nas duas orações, o uso do *pretérito perfecto de subjuntivo* em suas formas *hayan hecho* (tenham feito) e *haya vuelto* (tenha voltado) são gramaticais, sendo ainda o *presente de subjuntivo* nas formas *hagan* (façam) e *vuelva* (volte) também aceitáveis.

Em PB, novamente tanto o MI quanto o MS são gramaticais. Como Santos (2014), em concordância com Perini (2005), aponta uma sutil mudança no PB a favor do uso do MI em contextos nos quais o MS era esperado, parece que o aprendiz de E como L2 também prefere utilizar o MI.

(80) No nos ha gustado que no **hayan hecho** un homenaje a Leopoldo el mes pasado.  
(G2I11)

No nos ha gustado que no **hayan** **hecho**  
 Não nos AUX-3SG-PRET.PERF.COMP-IND gostar-PTCP que não AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV fazer-PTCP  
 un homenaje a Leopoldo el mes pasado.  
 um homenagem a Leopoldo o mês passado.  
 ‘Não gostamos que não tenham feito uma homenagem para o Leopoldo no mês passado.’

(81) Nos gustó mucho a todos que le **hubieran hecho** el homenaje a Leopoldo. (G2I01)

Nos gustó mucho a todos que le **hubieran** **hecho**  
 Nos gostar-3SG-PRET.PERF-IND muito a todos que lhe AUX-3PL-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV fazer-PTCP  
 el homenaje a Leopoldo.  
 o homenagem a Leopoldo.  
 ‘Todos nós gostamos muito que **\*tivessem feito** a homenagem para o Leopoldo.’  
 ‘Todos nós gostamos muito que fizeram a homenagem para o Leopoldo.’

Em (80) e em (81) temos dois exemplos de uso adequado dos tempos compostos do MS. Como em (80) há na oração principal um verbo em *pretérito perfecto compuesto de indicativo*, o uso adequado é o do *pretérito perfecto de subjuntivo*, bem colocado na oração. Em (81), como o verbo está no *pretérito perfecto simple de indicativo*, o uso do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* também está adequado. Em PB, a oração (81) seria agramatical, sendo utilizado o MI. Essa também é uma diferença entre os dois idiomas, o que corrobora a hipótese de que adquirir uma L2 não é transportar a estrutura da L1 para a L2, posto que as línguas possuem configurações diferentes, ainda que tenham em comum os dois tempos verbais compostos do MS.

Tabela 19 - Exercício 7 do G2

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO AGRAMATICAL DO MS - SIMPLES
G2I01	2		1
G2I02			
G2I03		3	
G2I04		2	2

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO AGRAMATICAL DO MS - SIMPLES
G2I05	1	2	1
G2I06	1		
G2I07			3
G2I08	2	1	
G2I09	não respondeu		
G2I10	2		2
G2I11		1	2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim como no G1, no G2 nenhum teste apresentou o uso do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*. Em seu lugar, tem-se expressivamente os usos do *pretérito indefinido de indicativo*, *pretérito imperfecto de indicativo*, *pretérito imperfecto de subjuntivo* e *presente de subjuntivo*, vide exemplos (82) a (85).

(82) No sabía que Jorge se **\*casó** con Angelica.

Não saber-PRET.IMPERF-IND que Jorge se casar-3SG-PRET.PERF-IND com Angelica. (G2I05)

(G2I07) (G2I10)

‘Não sabia que o Jorge **se casou** com a Angelica.’

Em (82) há uma sentença agramatical devido à característica do E. Esse contexto, denominado contexto de alternância, admite o uso de dois tempos verbais apenas: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*había casado*) ou o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (*hubiera casado*). Nesse caso, o pretérito perfeito do indicativo, gramatical em PB, constitui uma sentença agramatical em E.

(83) Es una pena que no nos **?informaran** que presentarían la obra de teatro en nuestra ciudad (G2I05) (G2I07) (G2I11)

Es una pena que no nos **informaran** que

Ser-3SG-PRES-IND uma pena que não nos informar-3PL-PRET.IMPERF-SBJV que

presentarían la obra de teatro en nuestra ciudad.

apresentar-3PL-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND a obra de teatro em nossa cidade.

‘É uma pena que não nos **?informassem** que apresentariam a peça de teatro na nossa cidade.’

‘É uma pena que não nos informaram/tenham informado que apresentariam a peça de teatro na nossa cidade.’

O exemplo (83) é idêntico ao exemplo (63) do G1. Há uma sentença pouco aceitável, tanto em PB quanto em E. Apesar de que a estrutura *es una pena que* seja um gatilho lexical para o uso do MS, a obra de teatro já foi apresentada, havendo a necessidade do uso de um verbo que, além de carregar o traço [+subjuntivo], carrega o traço [+anterior].

Seria possível pontuar que o informante utilizou a forma *informaran* por se tratar de um erro de ortografia causado pela confusão com a forma da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo *informaron*, muito comum entre os aprendizes brasileiros de E como L2, como aparenta ser o caso do informante G2I05<sup>25</sup>, devido a suas outras produções no teste. Entretanto, os testes dos informantes G2I07 e G2I11 trazem exemplos<sup>26</sup> de outros usos bem empregados tanto do *pretérito perfecto simple de indicativo* quanto do *pretérito imperfecto de subjuntivo*.

(84) No creo                                      que me **reciban**                                      sin una cita. (G2I08)

Não achar-1SG-PRES-IND que me receber-3PL-PRES-SBJV sem uma reunião.

‘Não acho que eles me **?recebam** sem uma reunião.’

‘Não acho que eles me receberão sem uma reunião.’

Em (83), a construção feita pelo informante é gramatical, posto que, como já dito neste trabalho, a estrutura *no creo que* (não acho que) é gatilho para o uso do MS. A interpretação do falante, nesse caso, está direcionada ao futuro, ou seja, ele acredita que não o vão receber futuramente sem uma reunião marcada, portanto, há o uso do *presente de subjuntivo*.

Tanto em (83) quanto em (84) temos o uso de verbos que carregam o traço [+subjuntivo]. Contudo, esses verbos também carregam o traço [-anterior].

<sup>25</sup> O teste do informante G2I05 traz uma outra sentença com a mesma interpretação de terminação **an** em lugar de **on**, como, por exemplo, *Las secretarias VIP ya hicieran las entregas programadas para hoy* (As secretárias VIP já fizeram as entregas programadas para hoje).

<sup>26</sup> O informante G2I07 apresenta em seu teste o uso adequado da terminação **on**, como na sentença *Me fastidia que no hicieron el homenaje a Leopoldo* (Fico brava que não fizeram a homenagem para o Leopoldo), que consta no exemplo (78). O informante G2I11 produziu em seu teste sentenças nas quais o *pretérito imperfecto de subjuntivo* é utilizado adequadamente, como em *Si me describiera la casa antes...* (Se me descrevesse a casa antes...).

### 5.1.3 Grupo 03

O G3, formado por informantes professores de E, também tem seus dados apresentados separadamente pelos exercícios propostos nos testes.

Tabela 20 - Exercício 1 do G3

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	USO DO MI GRAMATICAL	USO DO TENER
G3I01			2	1	
G3I02			2	1	
G3I03			3		
G3I04			3		
G3I05	2			1	
G3I06				1	2
G3I07			2	1	
G3I08	1	1			1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os exemplos (85), (86) e (87) ilustram os usos encontrados nos testes dos professores.

(85) - Hoy, hasta ahora, no han recogido la basura.

Hoje, até agora, não AUX-3PL-PRET.PERF.COMP-IND recolher-PTCP a lixo

‘Hoje, até agora, não recolheram o lixo.

- Creo que mañana, a esta hora, ya la **habrán** **recogido**.

Crer-1SG-PRES-IND que amanhã, a esta hora, já a AUX-3PL-FUT.PERF-IND recolher-PTCP. (G3I02)

(G3I03) (G3I07)

‘Acho que amanhã, nesse horário, já terão recolhido.’

O contexto do exemplo (85) é de alternância, portanto, o uso do *futuro perfecto de indicativo* é aceitável, assim como o uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*. Os aprendizes optaram pelo indicativo.

(86) – No sé si cuando lo encontremos en casa ya habrá preparado sus maletas para viajar.

No sé si cuando lo encontremos en casa já

Não saber-1SG-PRES-IND se quando o encontrar-1PL-PRES-SBJV em casa já

habrá preparado sus maletas para viajar.

AUX-3SG-FUT.PERF-IND preparar-PTCP suas malas para viajar.

‘Não sei se quando o encontrarmos em casa já terá preparado suas malas para viajar.’

- Ojalá ya las **haya** **preparado**. Así salimos enseguida.

Tomara que já as AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV preparar-PTCP. Assim sair-1PL-PRES-IND em seguida.

(G3I01) (G3I02) (G3I03) (G3I04)

‘Tomara que já tenha preparado. Assim saímos em seguida.’

No exemplo (86), há a escolha pelo *pretérito perfecto de subjuntivo*. Como há o gatilho lexical para o uso do MS, *ojalá* (tomara que) e o advérbio de tempo *ya* (já), a interpretação [+anterior] constitui um uso adequado do tempo verbal em questão.

(87) - Preferí no responder a sus ofensas, porque no me habría controlado fácilmente.

Preferí no responder a sus ofensas porque no me

Preferir-1SG-PRET.PERF-IND não responder-INF a suas ofensas porque não me

habría controlado fácilmente.

AUX-1SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND controlar-PTCP facilmente.

‘Preferi não responder suas ofensas porque não teria me controlado facilmente.’

- Qué bien que no **le respondiste**. (G3I02)

Que bem que não lhe responder-2SG-PRET.PERF-IND

‘Que bom que você não respondeu.’

Em (87), há um exemplo de uso adequado do MI, ainda que o contexto também aceite o MS. Essa alternância se dá devido à oposição assertiva/não-assertiva. Se o falante pontua que a proposição é assertiva, é utilizado o MI, já se o falante estabelece que a proposição é não-assertiva, tem-se o uso do MS.



Tabela 21 - Exercício 2 do G3.

	USO	USO	USO	USO
	AGRAMATICAL	GRAMATICAL	AGRAMATICAL	DO MS -
SUJEITO	DE MI	DE MS	DO MS - SIMPLES	TEMPO COMPOSTO
G3I01			2	1
G3I02			1	
G3I03			1	1
G3I04			1	
G3I05	2			
G3I06	2		1	
G3I07			1	2
G3I08	2		1	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Do exercício 2, as sentenças extraídas são as seguintes:

(88) Quiero que mañana a esa hora los resultados del examen que hice para aprobar la escuela **salgan**. (G3I02) (G3I04)

Quiero que mañana a esa hora los resultados del examen que  
 Querer-1SG-PRES-IND que amanhã a essa hora os resultados do exame que  
 hice para aprobar la escuela **salgan**.

fazer-1SG-PRET.PERF-IND para aprovar a escola sair-3PL-PRES-SBJV.

‘Quero que amanhã nesse horário os resultados da prova que fiz para passar na escola **saíam**.’

Tal como em (48), o exemplo (88) é gramatical. O aprendiz escolheu o uso de um tempo [+subjuntivo] [-perfectivo] e [-anterior], que cabe no contexto estabelecido. Se houvesse a intenção de relatar um evento concluído, então haveria a obrigatoriedade do uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*.

(89) Quiero que mañana a esa hora los resultados del examen que hice para aprobar la escuela **hayan salido**. (G3I01) (G3I03)

Quiero que mañana a esa hora los resultados del examen que

Querer-1SG-PRES-IND que amanhã a essa hora os resultados do exame que  
hice para aprovar la escuela **hayan** **salido**

fazer-1SG-PRET.PERF-IND para aprovar a escola AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV sair-PTCP.

‘Quero que amanhã nesse horário os resultados do exame que fiz para passar na escola  
**tenham saído**.

(90) No espero que hasta septiembre todos ustedes **hayan terminado** sus cursos de  
idiomas. (G3I04)

No espero que hasta septiembre todos ustedes **hayan**

Não esperar-1SG-PRES-IND que até setembro todos vocês AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV

**terminado** sus cursos de idiomas.

terminar-PTCP seus cursos de idiomas.

‘Não espero que até setembro todos vocês **tenham terminado** seus cursos de idiomas.

Os exemplos (89) e (90), em contraposição ao exemplo (88), trazem uma escolha pelo tempo [+anterior], [+perfectivo] e [+subjuntivo], que também cabe no contexto estabelecido pela oração principal. Atento para a informação de que apenas o MS poderia ser utilizado nessas sentenças, devido às expressões [+desejo] que são gatilho lexical para seu uso. Devido a isso, a sentença (91) é agramatical.

(91) No espero que hasta septiembre los mensajeros ya **\*hagan** las entregas programadas para hoy. (G3I02)

No espero que hasta septiembre los mensajeros ya **\*hagan**

Não esperar-1SG-PRES-IND que até setembro os mensageiros já fazer-3PL-PRES-SBJV

las entregas programadas para hoy.

as entregas programadas para hoje.

‘Não espero que até setembro os mensageiros já **\*façam** as entregas programadas para hoje.

Como sinalizado, o exemplo (91) é agramatical, pois, devido ao advérbio de tempo *ya* (já) e a expressão *hasta septiembre* (até setembro), é necessário o uso de um

tempo [+anterior] e [+perfectivo] e o *presente de subjuntivo*, utilizado na oração subordinada, é [-perfectivo] e [-anterior].

Tabela 22 - Exercício 4 do G3

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	SENTENÇAS DESCARTADAS
G3I01			2
G3I02	1		1
G3I03	1		2
G3I04			3
G3I05			3
G3I06		1	2
G3I07			3
G3I08			3

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para o exercício 4, quatro testes foram descartados e quatro utilizados. Os descartados continham apenas respostas assertivas, não sendo possível, analisar os usos do *pretérito perfecto de subjuntivo*. Ainda, descartaram-se as sentenças assertivas dos testes utilizados, resultando seis sentenças analisáveis. Dos testes utilizados, extraíram-se os seguintes exemplos:

(92) No creo que Daniel **\*puso** informaciones confidenciales en su blog. (G3I03)

No creo                      que Daniel **puso**                      informaciones confidenciales en  
 Não crer-1SG-PRES-IND que Daniel poner-3SG-PRET.PERF-IND informações    confidenciais em  
 su blog.  
 seu blog.

‘Não acho que o Daniel **pôs** informações confidenciais no blog dele.’

(93) No creo                      que **haya**                      **sido**                      un accidente. (G3I06)

Não crer-1SG-PRES-IND que AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV ser-PTCP um acidente.

‘Não acho que **tenha sido** um acidente.’

Os exemplos (92) e (93) trazem uma comparação interessante entre o PB e o E. Enquanto em PB tanto o MI quanto o MS são aceitáveis com a expressão **não acho que**, diferenciando-se em relação ao grau de assertividade que o falante estabeleceu para o evento reportado na oração subordinada, o E admite apenas o MS com a mesma expressão. Portanto, (92) é agramatical em E e (93) é agramatical. Essa diferença entre as duas línguas, que não está explícita no material que é dado como *input*, no qual somente se pontua que com *no creo que* se utiliza o MS, pode ser a explicação sobre a recorrência do uso de MI com a expressão destacada.

Tabela 23 - Exercício 5 do G3

SUJEITO	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO
G3I01		
G3I02	1	
G3I03		3
G3I04		2
G3I05	1	
G3I06		
G3I07		
G3I08		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Descartadas as sentenças assertivas, tem-se as seguintes construções:

(94) Puede **que haya** **descubierto** algo sorprendente. (G3I01)

Poder-3SG-PRES-IND **que** AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV descubrir-PTCP algo surpreendente.

Pode ser que ela **tenha descoberto** algo surpreendente.

(95) Tal vez **haya** **descubierto** algo. (G3I04)

Talvez AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV descubrir-PTCP algo.

‘Talvez ela **tenha descoberto** algo.’

Os exemplos (94) e (95), ainda que (95) não constitua um período composto, trazem o uso adequado do *pretérito perfecto de subjuntivo*. Como há o traço [+dúvida] introduzindo o período e, dado o contexto do enunciado, já ocorreu algo, o uso do tempo [+perfectivo], [+anterior] e [+subjuntivo] é adequado.

(96) Creo que **han** **dicho** mentiras sobre ella. (G3I05)

Crer-1SG-PRES-IND que AUX-3PL-PRET.PERF.COMP-IND dizer-PTCP mentiras sobre ela.

‘Acho que **disseram** mentiras sobre ela.’

(97) Creo que **ha** **sacado** el premio gordo de la lotería.

Crer-1SG-PRES-IND que AUX-3SG-PRET.PERF.COMP-IND tirar-PTCP o prêmio gordo da loteria.

(G3I03)

‘Acho que **acertou** o prêmio acumulado da loteria.’

Já nos exemplos (96) e (97) não há o uso do MS, posto que não há um contexto de [+dúvida]. Assim sendo, o uso MI é gramatical.

Tabela 24 - Exercício 6 do G3

SUJEITO	USO AGRAMATICAL DE MI	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO
G3I01			2
G3I02		1	1
G3I03			
G3I04			2
G3I05	1		2
G3I06			1
G3I07		1	1
G3I08			

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste exercício, todas as orações com o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* são condicionais, o que foge do escopo deste trabalho, no entanto foram incluídas na tabela, pois se aproximam ao comportamento do GC, o que sugere que pode haver a tendência à transformação de informações não-assertivas em orações condicionais. Essa informação é importante pois sinaliza que o uso do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, tal como apontado pela RAE (2009), está atrelado aos contextos irrealis, expressos pelas orações condicionais.

(98) Me pone triste que Martín y Francisca se **hayan separado** definitivamente. (G3I02)

Me pone triste que Martín y Francisca se **hayan**  
 Me por-3SG-PRES-IND triste que Martín e Francisca se AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV  
**separado** definitivamente.  
 separar-PTCP definitivamente.  
 ‘Fico triste que o Martin e a Francisca **tenham se separado** definitivamente.’

(99) Nos gustaría a todos que **hubiesen hecho** el homenaje a Leopoldo el mes pasado.  
 (G3I04)

Nos gustaría a todos que **hubiesen** **hecho**  
 Nos gostar-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND a todos que AUX-3PL-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV fazer-PTCP  
 el homenaje a Leopoldo el mes pasado.  
 o homenagem a Leopoldo o mês passado.  
 ‘Todos nós gostaríamos que **tivessem feito** a homenagem para o Leopoldo no mês  
 passado.’

Em (98) e em (99), temos o exemplo de dois usos gramaticais e coincidentes com a descrição de Cartagena (1999) dos tempos compostos do MS. Em (98), o *pretérito perfecto de subjuntivo* foi utilizado devido à presença de um verbo no presente na oração principal e, em (99), há o uso do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, devido à presença de um tempo pertencente à esfera do passado na oração principal.

(100) Nos gustaría a todos que **hicieran** el homenaje a Leopoldo. (G3I03)

Nos gustaría a todos que **hicieran** el homenaje a  
 Nos gostar-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND a todos que fazer-PRET.IMPERF-SBJV o homenagem a  
 Leopoldo  
 Leopoldo.  
 ‘Todos nós gostaríamos que **fizessem** a homenagem a Leopoldo.’

O uso do pretérito imperfeito do subjuntivo em (100) também é gramatical. A diferença entre esse exemplo e os exemplos (98) e (99) é a interpretação [-perfectiva] dada pelo falante ao evento **fazer a homenagem**.

Tabela 25 - Exercício 7 do G3

SUJEITO	USO		USO		USO		USO	
	USO	GRAMATIC	AGRAMATIC	DO	MS	- DO	MI	
	AGRAMATIC	AL DE MS	- AL DO MS	- TEMPO			GRAMATI	
	AL DE MI	SIMPLES	SIMPLES	COMPOSTO		CAL		
G3I01						1		3
G3I02		2	1					1
G3I03		1	1			2		
G3I04		1	2			1		
G3I05		3						1
G3I06		1	1	1				1
G3I07			1	1				2
G3I08		2				1		1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Do último exercício do G3, tem-se os exemplos:

(101) Es una pena que no nos **haya informado** que presentarían la obra de teatro en nuestra ciudad. (G3I04) (G3I08)

Es                      una pena que no    nos **haya**                      **informado**  
 Ser-3SG-PRES-IND uma pena que não NOS AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV informar-PTCP  
 que presentarían                      a obra de teatro em nossa cidade.  
 que apresentar-3PL-FUT.PRET.-IND a obra de teatro em nossa cidade.

‘É uma pena que não **tenha** nos **informado** que apresentaria a peça de teatro na nossa cidade.’

Em (101), a expressão *es una pena que* (é uma pena que) é gatilho para o uso do MS na oração subordinada, posto que carrega o traço [+emoção]. Ao fazer a interpretação de que a ação **informar** é [+anterior] e [+perfectiva], o aprendiz optou por escolher o *pretérito perfecto de subjuntivo* para completar a oração subordinada.

(102) No sabía que Jorge **se había casado** con Angélica. (G3I02) (G3I07)

No sabía                      que Jorge se **había**

Não saber-1SG-PRET.IMPERF-IND que Jorge se AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND

**casado** com Angelica.

casar-PTCP com Angélica.

‘Não sabia que o Jorge **tinha se casado** com a Angélica.’

O exemplo (102) apresenta um contexto de alternância. Tanto o pretérito mais-que-perfeito do indicativo quanto do subjuntivo são aceitáveis nesse contexto. Portanto, o uso do MI nessa oração é gramatical.

(103) No sabía que Jorge \*se ha **casado** con Angelica.

Não saber-PRET.IMPERF-IND que Jorge se AUX-3SG-PRET.PERF.COMP-IND casar-PTCP com Angelica.

(G3I01) (G3I08)

‘Não sabia que o Jorge **se casou** com a Angélica.

(104) No sabía que Jorge se \*casó con Angelica.

Não saber-PRET.IMPERF-IND que Jorge se casar-3SG-PRET.PERF-IND com Angelica. (G3I04)

(G3I05) (G3I06)

‘Não sabia que o Jorge **se casou** com a Angelica.

Tanto em (103) quanto em (104), há o uso agramatical de tempos do MI. Esse contexto, que é de alternância, admite somente o uso do *pretérito pluscuamperfecto*, tanto do MI quanto do MS. Portanto, a escolha que foi feita dos tempos do MI resultou em orações agramaticais em E, mas que são completamente aceitáveis em PB. Essa escolha ocorreu em todos os grupos de aprendizes, o que pode indicar que há transferência da L1 para a L2 na produção de sentenças como estas.

#### 5.1.4 Grupo Controle

O GC, formado por seis nativos (três argentinos, dois peruanos e um mexicano), traz os seguintes dados para esta pesquisa, também separados por exercícios respondidos.



Tabela 26 - Exercício 1 do GC

SUJEITO	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	USO DO MI GRAMATICAL
GCI01	2	1
GCI02	2	1
GCI03	3	
GCI04	1	2
GC05	1	2
GC06	1	2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para ilustrar os dados tabelados, é possível observar os exemplos de (105) a (107)

(105) - Hoy, hasta ahora, no han recogido la basura.

Hoje, até agora, não AUX-3PL-PRET.PERF.COMP-IND recolher-PTCP a lixo

‘Hoje, até agora, não recolheram o lixo.’

- Creo que mañana, a esta hora, ya la **habrán** **recogido**.

Crer-1SG-PRES-IND que amanhã, a esta hora, já a AUX-3PL-FUT.PERF-IND recolher-PTCP. (GCI01)

(GCI02) (GCI04) (GCI05) (GCI06)

‘Acho que amanhã, nesse horário, já terão recolhido.’

O contexto do exemplo (105), idêntico à produção (85) do G3, é de alternância, portanto, o uso do *futuro perfecto de indicativo* é aceitável, assim como o uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*. A maioria dos informantes do grupo controle optou pelo indicativo.

(106) – No sé si cuando lo encontremos en casa ya habrá preparado sus maletas para viajar.

No sé si cuando lo encontremos en casa já

Não saber-1SG-PRES-IND se quando o encontrar-1PL-PRES-SBJV em casa já

habrá preparado sus maletas para viajar.

AUX-3SG-FUT.PERF-IND preparar-PTCP suas malas para viajar.

‘Não sei se quando o encontrarmos em casa já terá preparado suas malas para viajar.’

- Ojalá ya las **haya** **preparado**. Así salimos enseguida.

Tomara que já as AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV preparar-PTCP. Assim sair-1PL-PRES-IND em seguida.

(todos os informantes do GC)



(108) Quiero que mañana a esa hora los resultados del examen que hice para aprobar la escuela **salgan**.

Quiero                      que mañana a esa hora los resultados del examen que  
 Querer-1SG-PRES-IND que amanhã a essa hora os resultados do exame que  
 hice                      para aprobar la escuela **salgan**. (GCI02) (GCI06)

fazer-1SG-PRET.PERF-IND para aprovar a escola sair-3PL-PRES-SBJV.

‘Quero que amanhã nesse horário os resultados da prova que fiz para passar na escola **saíam**.’

Em (108), podemos observar que a interpretação dada pelos aprendizes ao evento **sair o resultado dos exames** mencionados é [-anterior]. A interpretação [+anterior] seria dada pelo *pretérito perfecto de subjuntivo*, como nos exemplos (109) e (110).

(109) No espero que hasta septiembre las secretarias VIP **hayan terminado** sus cursos de idiomas. (GCI01) (GCI02)

No espero                      que hasta septiembre las secretarias VIP **hayan**

Não esperar-1SG-PRES-IND que até setembro as secretarias VIP AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV  
**terminado** sus cursos de idiomas.

terminar-PTCP seus cursos de idiomas.

‘Não espero que até setembro as secretárias VIP **tenham terminado** seus cursos de idiomas.’

(110) Quiero que mañana a esa hora los mensajeros ya **hayan hecho** las entregas programadas para hoy. (GCI01) (GCI03) (GCI06)

Quiero                      que mañana a esa hora los mensajeros ya **hayan**

Querer-1SG-PRES-IND que amanhã a essa hora os mensageiros já AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV  
**hecho** las entregas programadas para hoy.

fazer-PTCP as entregas programadas para hoje.

Tanto em (109) quanto em (110) há o uso do *pretérito perfecto de subjuntivo*, devido à interpretação [+anterior].

Tabela 28 - Exercício 4 do GC

SUJEITO	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO
GCI01	0
GCI02	0
GCI03	3
GCI04	2
GCI05	2
GCI06	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

As orações (111) e (112) ilustram as opções realizadas pelos falantes nativos de E.

(111) La policía no cree que **haya** **sido** un accidente.

A polícia não crer-3SG-PRES-IND que AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV ser-PTCP um acidente.  
(GCI03) (GCI04) (GCI05) e (GCI06)

‘A polícia não acha que **tenha sido** um acidente.’

(112) No creo que **haya** **pasado** algo entre Sofía y Daniel.

Não achar-PRES-IND que AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV passar-PTCP algo entre Sofía e Daniel.

‘Não acho que **tenha acontecido** algo entre a Sofía e o Daniel.’

Os exemplos (111) e (112) são consonantes com a descrição gramatical, que pontua que a expressão *no creo que* (não acho que) é gatilho lexical para o uso do MS.

Tabela 29 - Exercício 5 do GC

SUJEITO	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO
GCI01	0
GCI02	2
GCI03	0
GCI04	0
GCI05	0
GCI06	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste exercício, apenas um teste foi utilizado, pois nos demais há apenas afirmações assertivas. Há, ainda, no teste do informante GCI02 apenas uma oração subordinada substantiva, sendo a outra um período simples, introduzido por *tal vez*.

(113) Puede ser que se **haya acordado** de un buen chiste.

Poder-3SG-PRES-IND ser-INF que se AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV lembrar-PTCP de um bom piada.

(GCI02)

‘Pode ser que tenha se lembrado de uma boa piada.’

Como consta na descrição, a expressão *puede ser que* (pode ser que) é gatilho lexical para o uso do MS. Ademais, a hipótese foi estabelecida para uma ação já terminada, portanto, [+perfectiva], devendo ser utilizado o *pretérito perfecto de subjuntivo*. Esse dado corrobora a análise feita sobre as produções dos grupos de aprendizes brasileiros, nos exemplos (44), (45), (57) e (75), nos quais essa expressão não está acompanhada do tempo [+subjuntivo], [+perfectivo] e [+anterior].

Tabela 30 - Exercício 6 do GC

SUJEITO	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO
GCI01	
GCI02	3
GCI03	3
GCI04	3
GCI05	
GCI06	3

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste exercício, como é possível observar na tabela 30, apenas os tempos compostos do MS foram utilizados nas orações, como visto nos exemplos (114) e (115).

(114) Nos gustaría a todos que **hubiesen hecho** el homenaje a Leopoldo el mes pasado.

(GCI01) (GC04)

Nos gustaría a todos que **hubiesen hecho**

Nos gostar-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND a todos que AUX-3PL-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV fazer-PTCP

el homenaje a Leopoldo el mes pasado.

o homenagem a Leopoldo o mês passado.

‘Todos nós gostaríamos que **tivessem feito** a homenagem para o Leopoldo no mês passado.’

O verbo gostar, que carrega o traço [+desejo] em PB e em E, é gatilho para o uso do MS em ambas as línguas. O verbo está conjugado no exemplo (114) no pretérito mais-que-perfeito, tempo pertencente à esfera do passado. Portanto, os falantes nativos de E utilizaram o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*.

(115) Nos sorprende a todos que no le **hayan hecho** el homenaje a Leopoldo el mes pasado. (GCI02)

Nos sorprende a todos que no le **hayan** **hecho**

Nos surpreender-3SG-PRES-IND a todos que não lhe AUX-3PL-PRET.PERF-SBJV fazer-PTCP

el homenaje a Leopoldo el mes pasado.

o homenagem a Leopoldo o mês passado.

‘Ficamos todos surpresos que não **tenham feito** a homenagem para o Leopoldo no mês passado.’

O verbo surpreender, que carrega o traço [+emoção], também é gatilho devido ao traço que carrega, para o uso do MS. Devido a isso, a escolha pelo MS é feita.

Tabela 31 - Exercício 7 do GC

SUJEITO	USO GRAMATICAL DE MS - SIMPLES	USO DO MS - TEMPO COMPOSTO	USO DO MI GRAMATICAL
GCI01	1	3	1
GCI02		4	1
GCI03		3	1
GCI04	2	1	1
GCI05	1	3	1
GCI06	2		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados mostram uma predominância da escolha pelo uso do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*. Somando-se a esse, outros tempos foram utilizados, tais como se pode observar de (116) a (119).

(116) Es una pena que no nos **haya informado** que presentarían la obra de teatro en nuestra ciudad. (GCI01) (GCI02) (GCI03) (GCI05)

Es                      una pena que no    nos **haya**                      **informado**  
 Ser-3SG-PRES-IND uma pena que não NOS AUX-3SG-PRET.PERF-SBJV informar-PTCP

que presentarían                      a obra de teatro em nossa cidade.

que apresentar-3PL-FUT.PRET.-IND a obra de teatro em nossa cidade.

‘É uma pena que não **tenha** nos **informado** que apresentaria a peça de teatro na nossa cidade.’

Em (116), a expressão *es una pena que* (é uma pena que) é gatilho para o uso do MS na oração subordinada e contém o traço [+emoção]. Na maior parte dos testes, os falantes nativos optaram por esse uso para expressar que a ação **informar** é [+anterior] e [+perfectiva].

(117) No creo                      que me **hubiera**                      **recibido**    sin una    cita.

Não achar-1SG-PRES-IND que me AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV receber-PTCP sem uma reunião.

(GCI02) (GCI03)

‘Não acho que ele **tivesse** me **recebido** sem uma reunião.’

Em (117), os informantes interpretaram que a ação **receber** é [+anterior] e [+perfectiva]. Portanto, o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* foi o tempo utilizado na oração subordinada substantiva.

(118) No creo                      que me **reciban**                      sin una cita.

Não achar-1SG-PRES-IND que me receber-3PL-PRES-SBJV sem uma reunião. (GCI01)

(GCI04) (GCI05) (GCI06)

‘Não acho que eles me **?recibam** sem uma reunião.’

‘Não acho que eles me receberão sem uma reunião.’

Tal como em (62) e (84), em (118) o informante interpretou que a ação **receber** é [-anterior], o que é uma interpretação possível, em contraposição à interpretação [+anterior] do exemplo (117). Como há a expressão *no creo que*, deve ser utilizado o MS.

(119) No sabía                      que Jorge se **había**                      **casado** con  
 Angélica. (todos os informantes)

Não saber-1SG-PRET.IMPERF-IND que Jorge se AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-IND casar-PTCP com Angélica.

‘Não sabia que o Jorge tinha se casado com a Angélica.’

O exemplo (119) apresenta um contexto de alternância. Tanto o pretérito mais-que-perfeito do indicativo quanto do subjuntivo são aceitáveis nesse contexto. Todos os informantes nativos optaram pelo MI.

Como é possível observar, o GC não apresenta nenhuma sentença na qual há a variação MI no lugar de MS em contextos nos quais apenas o MS é permitido. Esses testes corroboram a afirmação de Moreno (2000) citada na introdução de que o E funciona como uma coíné e no ponto estudado neste trabalho, não apresenta esse tipo de variação, diferentemente do PB.

## 5.2 Síntese da análise dos dados dos testes

Os dados obtidos por meio dos testes de produção dialogam com questões que vão além do uso dos tempos compostos do MS.

O G1 e o G2 apresentam, de maneira geral, o uso de diversos tempos verbais em todos os exercícios. Os pontos que se destacam são: predomínio do uso do *pretérito indefinido de indicativo*, no lugar do *pretérito perfecto de subjuntivo*, no exercício 1. Predomínio do uso do *presente de subjuntivo* em orações com o advérbio de tempo *ya* (já), que relaciona a ação à anterioridade, o uso do *pretérito imperfecto de subjuntivo* para denotar ações de aspecto perfectivo e o uso do indicativo para expressar ações em orações subordinadas substantivas introduzidas por uma oração principal que contém uma expressão que carrega um traço [+dúvida], [+desejo], [+emoção] ou [+negação] que induz ao uso do MS na subordinada.

O G1 e o G2 convergem em diversos pontos, ainda que os informantes do G2 já tenham sido expostos a um *input* mais amplo (dada a diferença de um ano a mais de estudo do E) e à instrução formal sobre os tempos.

Não se considera, contudo, que os resultados dos dois grupos tenham sido iguais. A análise exploratória parece sugerir ser expressiva a maior aparição do subjuntivo, ainda que não dos tempos compostos, no G2, o que converge com os estudos de E como L1, os quais indicam que o subjuntivo tende a aparecer mais tardiamente (BLAKE, 1983).



Dentre os não-nativos, o grupo no qual há uma maior opção pelo uso dos tempos compostos do MS é o G3, composto por professores. No entanto, ainda aparecem o uso do *presente de subjuntivo* para ações restringidas à anterioridade delimitada pelo advérbio *ya* e o uso do indicativo para emitir opiniões no passado em orações negativas, tais como as introduzidas por *no creo que* (não acho que).

É perceptível que a variação do uso dos tempos verbais entre as respostas do GC é bem menor que as existentes nos demais grupos, o que se torna um parâmetro para nortear quais construções dos outros grupos são aceitáveis e quais não, posto que a competência do nativo sobre sua própria língua é um parâmetro mais confiável que os ditames das gramáticas. Além disso, todos os dois informantes convergiram em suas respostas e utilizaram os tempos compostos do MS na maior parte delas, ainda que tenham optado, em algumas sentenças de contexto de alternância ou nos quais não era possível determinar seguramente que havia uma relação de anterioridade, pelo uso de outro tempo verbal.

### 5.3 Os dados do CoMAprend

Nesta seção apresentados os dados obtidos por meio da observação das produções do nível Intermediário 2 do CoMAprend.

Devido à temática dos textos do corpus, as orações subordinadas substantivas envolvendo os tempos compostos do MS são escassas nas produções dos aprendizes. Ainda assim, alguns exemplos puderam ser obtidos para fins de análise e para corroborar os dados encontrados nas produções induzidas. Textos contendo ordens, desejos, expressões de opinião e contextos de negação seriam mais ricos para análises sobre o MS. Como se trata de um corpus e, portanto, os textos já estão disponíveis, essa é uma variável não-controlável deste trabalho.

Os exemplos (120) a (123) trazem as seguintes colaborações:

Em (120) é possível perceber a troca entre as terminações **-an** e **-on**, hipotetizadas na análise do teste do informante G2I05. En lugar de *ya fueron hechos* (já foram feitos), tem-se *ya fueran hechos* (já fossem feitos).

(120) En la ‘ecena’ 1 creo que los dulces **\*ya fueran hechos** por otra persona. (E0067)

En la ‘ecena’ 1 creo                      que los dulces **\*ya fueran**                      **hechos**                      por  
 Na    cena    1 crer-1SG-PRES-IND que os    doces    já ser-3PL-PRET.IMPERF-SBJV fazer-PTCP                      por  
 otra    persona.

outra pessoa.

‘Na cena 1 eu acho que os doces já **\*fossem feitos** por outra pessoa.

Em (121), apesar de se tratar de uma oração concessiva (entende-se que o informante tenha trocado a conjunção **aunque** por **mientras**), é possível observar o uso do verbo *tener* como auxiliar, assim como encontrado nos testes.

(121) Mientras yo **\*tenga**                      **llegado**                      después de usted (...) (E0027)

Enquanto eu    tener-1SG-PRES-SBJV chegar-PTCP depois do senhor.

‘Enquanto eu **\*tenha chegado** depois do senhor (...)’

‘Enquanto eu    **tiver chegado** depois do senhor (...)’

Em (122) tem-se uma construção totalmente gramatical em E, utilizando o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*.

(122) Pensé                      que alguno animal **hubiera**                      **huído** de la jaula (...) (E0021)

Pensar-1SG-PRET.PERF-IND que algum animal AUX-3SG-PRET.MAIS.QUE.PERF-SBJV fugir-PTCP de a jaula.

(E0021)

Já no exemplo (123) não é possível afirmar se o informante realmente quis usar o *pretérito anterior* e sua forma *hubieron entrado* ou se houve uma troca entre as terminações **-on** e **-an**, a primeira do pretérito anterior e a segunda do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*. Como a afirmação é não-assertiva, característica dada pelo verbo *imaginar* na oração principal, e o *pretérito anterior* não é nem enfatizado no ensino nem muito frequente no *input*, é possível que o aprendiz tenha feito essa troca.

(123) (...) imagino                      que **hubieron**                      **entrado**                      en la jaula de los felinos.

imaginar-1SG-PRES-IND que AUX-3PL-PRET.ANT-IND entrar-PTCP em a jaula de os felinos.

(E0020)

## 5.4 Considerações finais

A partir da análise realizada no Capítulo 5, retomo e proponho respostas para as perguntas de pesquisa feitas no início deste trabalho:

- (a) As incompatibilidades entre o português brasileiro (PB) e o E encontram-se nos traços morfossintáticos e semânticos de tempo, aspecto e modo das orações subordinadas substantivas que se manifestam distintamente nas duas línguas?
- (b) As sentenças agramaticais produzidas devem-se à reordenação dos traços no processo de aquisição de segunda língua (AL2)?

Para a questão (a), conforme relatado nos Capítulos 2 e 3, descritiva e normativamente, retomo que o E e o PB possuem muitos usos do MS em comum. Ambas as línguas, tanto descritiva quanto normativamente, estabelecem que em proposições [-factuais] e/ou [-assertivas] é utilizado o MS. Já em orações [+factuais] e/ou [+assertivas], utiliza-se o MI. Além disso, há uma extensa lista de verbos e expressões de ambas as línguas que induzem ao uso do MS, tais como os verbos *querer*, *duvidar* e *exigir*.

Entretanto, essas classificações não abarcam todos os usos do MS. Em E, em contextos [+negação], como o verbo *negar* e a expressão *no creo que*, há a obrigatoriedade do uso do MS. Já em PB, com **não acho que**, pode-se usar tanto o MI quanto o MS, a depender de outros fatores: o grau de assertividade da proposição e se o contexto é formal ou informal. Esse dado indica que há também uma diferença semântica entre as duas línguas, já que alguns traços semânticos levam ao uso do MS em E, enquanto o mesmo não ocorre em PB.

A seleção do MS é mais variável em PB que em E nas orações subordinadas substantivas, tal como pontuei na seção 3.3.2 ao comentar os resultados de Santos (2014). Fatores sociolinguísticos, tais como idade e (in)formalidade da situação também influenciam a seleção do modo. Em PB, de acordo com o estudo de Castro (2005), nos contextos mais informais pode haver o uso MI onde se era esperado o MS. Ainda, segundo Santos (2014), os mais jovens tendem a utilizar mais o MI em contextos de MS que os mais velhos.

Ainda que a afirmação de Perini (2005) sobre o MS estar desaparecendo no PB não possa ser tomada como um veredito, Santos (ibid) apresenta que está ocorrendo uma

mudança favorável ao uso do MI no lugar do MS no PB. Em diversos contextos, como demonstrado na análise no Capítulo 5, o PB admite tanto o MS quanto o MI para expressão de alguns significados, diferenciando-se nos fatores formalidade e assertividade, aqui mencionados.

Essa afirmação vai ao encontro do proposto por Kato (2005). Para a autora, as regras gramaticais aprendidas na escola estão na periferia marcada, como se constituíssem uma L2. Nesse caso, é possível que o uso do MI em contextos nos quais pela descrição se usaria o MS esteja no núcleo e as regras sobre o uso do MS estejam na periferia marcada. Desse modo, o falante nativo de PB possui duas opções, com MI ou com MS, para expressar os significados que em E se expressam somente com o MS. Essa é uma diferença morfossintática entre as duas línguas nos traços de tempo, modo e aspecto.

Ou seja, respondendo à questão (a), as duas línguas não se distinguem completamente na representação dos traços semânticos e morfossintáticos de tempo, aspecto e modo, mas o falante de PB como L1 possui em sua gramática duas opções de seleção do modo, a depender do seu grau de escolarização, característica ausente no E.

Essa gama de opções parece ser, dado ao volume de produção de sentenças com MI agramatical nos testes, uma das questões que influencia o processo de AL2. Nos níveis iniciais, analisados no G1, há a maior ausência do MS em detrimento do frequente uso do MI, principalmente na expressão de significados que se dão somente pelo *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo* (*hubiera*+particípio). Nos grupos G2 e G3 também há esse tipo de ocorrência, que vai diminuindo gradativamente conforme o nível de proficiência. Blake (1983), cujo estudo foi mencionado no Capítulo 2 deste trabalho, pontua que o subjuntivo também aparece mais tardiamente na produção dos falantes nativos de E, assim como Gudmestad (2006) encontrou para a L2: quanto maior o nível de proficiência, maiores são as ocorrências corretas de seleção do MS nas orações subordinadas substantivas.

Entretanto, considero que para que se faça uma afirmação consistente sobre a correlação entre o nível de proficiência e o uso dos tempos compostos do MS e, portanto, sobre a seleção do MS na AL2, é necessária a aplicação de novos testes que sejam analisados estatisticamente, bem como a utilização de outros métodos de coleta de dados, como o *eye-tracking*. Este estudo, que tem como objetivo mapear as dificuldades do aprendiz brasileiro de espanhol como L2, restringiu-se a apresentar nas produções dos aprendizes as possíveis causas da ausência dos tempos compostos do MS nas orações subordinadas substantivas. Também foram descritos e analisados os traços selecionados,

e suas representações sintáticas, que foram escolhidos para serem colocados nos contextos nos quais caberia o uso do *pretérito perfecto de subjuntivo* ou do *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*, para que se delineasse o caminho feito pelo aprendiz para expressar os significados que se dão com os tempos compostos do MS.

Após traçar esse caminho, é possível sugerir que, devido à existência de sentenças que são gramaticais tanto com MI quanto com MS em PB, o aprendiz brasileiro de E dispõe de duas opções em sua L1 e precisa selecionar uma delas para expressar-se em L2, favorecendo o indicativo em contextos [+negação] com *no creo que* e em orações subordinadas substantivas introduzidas por um verbo no passado, que possua um traço semântico que induza ao MS, contexto no qual se deveria utilizar o *pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo*.

Essa escolha está relacionada com a questão (b). Tal como pontuado na introdução desta dissertação, adquirir uma língua não é simplesmente transportar a estrutura da L1 para a L2, ainda que se tratem de línguas tão próximas, como o PB e o E, posto que, além de as línguas serem diferentes e nem todos os usos coincidirem, o aprendiz aparenta passar por um processo de reordenação de traços, operado pela GU e, portanto, indício de que essa propriedade inata à espécie humana está operante na AL2, ainda que de forma diferente da L1.

Dados contidos nos testes de produção indicam que nesse processo os traços [+subjuntivo] e [+anterior] tendem a ser reordenados conforme o nível de proficiência do aprendiz. O traço [+perfectivo] aparece primeiro na produção dos aprendizes, uma vez que nos grupos G1 e G2 os dados indicam o uso recorrente de tempos do MI que carregam o traço [+perfectivo], tais como o *pretérito perfecto simple*.

Logo, o traço [+subjuntivo] aparece com maior frequência, acompanhado do traço [-anterior], carregado pelos tempos simples do MS, inclusive em contextos [+anterior], dados por uma expressão de tempo que remete ao passado.

O G3 é o grupo no qual aparece o maior número de produções gramaticais com os tempos compostos do MS, que carregam os traços [+perfectivo], [+subjuntivo] e [+anterior] e esse dado sugere que conforme o nível de proficiência, maior a competência morfológica do aprendiz. Como pontua Lardiere (2008), essa competência está relacionada a saber quais formas da L2 ‘vão com’ determinados traços.

De certa maneira, os resultados da análise qualitativa deste trabalho parecem indicar que nos contextos nos quais a oração principal é introduzida por *no creo que* ou um verbo no passado, o aprendiz transfere as características da sua L1, o PB, para a

produção na L2, priorizando o uso do MI com resultado agramatical em E. Os dados também sugerem que o aprendiz de L2 passa por um processo de reordenação de traços na AL2 que teria a seguinte hierarquia: [+perfectivo], [+subjuntivo] e [+anterior].

Concluo essa pesquisa atentando à afirmação de que, ainda que o PB e o E sejam línguas tão próximas, a AL2 não ocorre simplesmente transportando as características da L1 para a L2. Sugiro, ainda que os resultados seguramente seriam mais conclusivos se a metodologia de análise adotada fosse quantitativa, com formas variadas de coleta de dados e com testes de percepção também, o que indica que há a necessidade de estudos estatísticos futuros que tenham como objeto a seleção do MS por aprendizes brasileiros de E como L2.

Espero haver contribuído, com essa pesquisa, para os estudos gerativos de aquisição de espanhol como L2, que, lamentavelmente, são escassos no Brasil, já que possuímos um vasto campo a ser estudado nessa área e findo este trabalho com a certeza de que as perguntas suscitadas nesta pesquisa possuem outras respostas a serem investigadas futuramente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1994.

BASSANI, Indaiá de Santana; LUNGUINHO, Marcus Vinicius. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *ReVel*, edição especial n. 5, 2011.

BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Em favor do conteúdo semântico das raízes. *Revista Letras*, [S.l.], n. 96, p. 152-173, 2017.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 34 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BLAKE, Robert. Mood Selection Among Spanish-Speaking Children, Ages 4 to 12. In.: *Bilingual Review / La Revista Bilingüe*, [S.l.] v. 10, n. 1, Janeiro-Abril 1983, p. 21-32.

BLEY-VROMAN, Robert. The comparative fallacy in interlanguage studies: the case of systematicity. *Language Learning*, [S.l.] v. 33, 1983, p. 1 – 17.

CAMPILLO, Ruiz; PLÁCIDO, José. El subjuntivo es lógico: una actividad de concienciación. In.: *RedELE*, [S.l.] v. 1, n. 1. Disponível em: <https://www.mecd.gob.es/educacion/mc/redele/revistaredele/numerosanteriores/2004/segun.html>. Acesso em 18 abr. 2018.

CARRASCO GUTIÉRREZ, Ángela. *La concordancia de tiempos*. Madri: Arco Libros, 2000.

CARTAGENA, Nelson. Los tiempos compuestos. In: Ignacio Bosque y Violeta Demonte (org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 2. ed. Madri: Espasa-Calpe, 1999, p. 2935-2976.

CASTRO, Rosangela Abrahão de. *Emprego Do Indicativo E Do Subjuntivo Em Redações Do Ensino Médio*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

CHOMSKY, Noam. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. *Language*, [S.l.], v. 35, n. 1, 1958, p.26-58

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. Beyond explanatory adequacy. MIT *Occasional Papers in Linguistics*, 20, 2001.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Geni Vanderléia Moura da. *O uso do presente do MS em língua Espanhola: contribuição para aprendizes brasileiros*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2004. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/tede/handle/tede/4>. Acesso em 26 de ago. de 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles. In: *Oxford Handbook of Linguistics Interfaces*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 298-324.

FANJUL, Adrián. *Gramática y práctica de español para brasileños*. 2ª ed. São Paulo: Santillana, 2011.

GALLEGO, Ángel J. Parameters. In: BOECKX, Cedric (org.). *The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 421-441.

GILI GAYA, Samuel. *Curso Superior de Sintaxis Española*. 13 ed. Barcelona: Bibliograf, 1980.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. *Gramática didáctica del español*. Madrid: SM, 2002.

GRAÑA-FERNÁNDEZ, Carlos Emilio. *O subjuntivo em E/LE: contribuição ao seu ensino a alunos de cursos livres em nível avançado*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15032010-155410/>. Acesso em: 23 de ago. de 2016.

HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to government and binding theory*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1994.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (org.). *The view from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger*. Cambridge (MA): MITPress, 1993, p. 111-176.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key-features of Distributed Morphology. In: CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi. *MIT Working Papers in Linguistics 21: Papers on Phonology and Morphology*. Cambridge (MA): MITWPL, 1994, p. 275-288.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some thoughts on the contrastive analysis of features in second language acquisition. In.: *Second Language Research*, [S.l.], n. 25, v.2, 2009, p. 173–227.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Linguistic approaches to second language morphosyntax. In.: GASS, Susan M.; MACKEY, Alison. *Routledge Handbook of Second language Acquisition*. Nova York: Routledge, 2012, p. 106-126.



- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KATO, Mary A. A Gramática do Letrado: Questões para a teoria gramatical. In: M. A. Marques; E. Koller; J. Teixeira; A. S. Lemos (org.). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2005, p. 131-145.
- KRASHEN, S. D.; TERREL, T. *The Natural Approach: Language Acquisition in the Classroom*. Oxford: Pergamon, 1983, p. 57-62.
- LARDIERE, Donna. Feature-Assembly in Second Language Acquisition. In: LICERAS, Juana; ZOBL, Helmut; GOODLUCK, Helen. *The role of formal features in second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008, p. 106-140.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999.
- LIGHTBOWN, Patsy. & SPADA, Nina. *How languages are learned*. 2nd. ed. rev. Nova York: Oxford University Press, 1999.
- KULIKOWSKI, Maria Zulma Moriondo; GONZÁLEZ, Neide Maia. Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. In.: *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*. Brasília: Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil, n. 9, 1999, p. 11-19.
- MARCELINO, Marcello. *O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2*. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, SP, 2007.
- MARTIN, Ivan Rodrigues. *Síntesis: Curso de Lengua Española*: Ensino Médio, vol. 3; São Paulo: Ática, 2010.
- MARTÍNEZ VÁZQUEZ, Julián. La Explicación del Modo Subjuntivo en la Enseñanza de Español como Lengua Extranjera (ELE). In.: *Gamma*, [S.l.], ano XXIV, n. 51, 2013, p. 95-101. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcy71j7>. Acesso em 18 abr. 2018.
- MOREIRA, Júlio César Lima. *Alternância subjuntivo/indicativo em orações declarativas independentes sob escopo de modalizadores epistêmicos de dúvida no espanhol na Cidade do México*. 2014. 194f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco Libros, S. L., 2000.
- MORENO, Concha; FERNÁNDEZ, Gretel Eres. *Gramática contrastiva del español para brasileños*. 2. ed. Madrid: SGEL, 2011.

MONTRUL, Silvina. *The acquisition of Spanish: Morphosyntactic development in monolingual and bilingual L1 acquisition and adult L2 acquisition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004.

MORAES, Gisele Benck de. *A aprendizagem do presente do subjuntivo do Espanhol por alunos brasileiros: um estudo com foco na forma*. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3412>. Acesso em: 23 de ago. de 2016.

NOYER, Rolf. *Distributed Morphology: Frequently Asked Questions List*. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/#vocabulary%20item>. [20--]. [S.l.]. Acesso em: 13 dez. 2018.

OSMAN, Soraia et alii. *Enlaces: Español para jóvenes brasileños*, vol. 3. 3. ed. São Paulo: Macmillan, 2013.

PALMER, Frank R. *Mood and Modality*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2005.

PERIS, Martin Ernesto; BAULENAS, Neus Sans. *Gente Hoy*. São Paulo: Macmillian Elt, 2015.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE LAS ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Diccionario Panhispánico de Dudas*. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2005.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE LAS ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Libros, S. L., 2010.

SÁNCHEZ RONDÓN, Estíbaliz. La enseñanza del modo subjuntivo en la clase de ELE en el nivel avanzado de aprendizaje: lo que enseñe hoy y lo que pudiera enseñar mañana. In.: *Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*, Sevilla, 2004, p. 812-819. Disponível em: [https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/asele/pdf/15/15\\_0810.pdf](https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0810.pdf). Acesso em: 18 abr. 2018.

SANTOS, Wendel. *A morfologia do indicativo na expressão do MS em São Paulo e em São Luís*. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SELINKER, Larry. *Interlanguage*. IRAL: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, Vol. X/3, p. 209-231, 1972.

SLABAKOVA, Roumyana. *Second Language Acquisition*. New York: Oxford University Press, 2016.

STRINGER, David. Spatial feature assembly in first and second language acquisition. In: *Spatial Cognition and Computation*, [S.l. : s. n.], n. 12 v. 4, 2012, p. 252-274

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: [s.n.], v. 48, n. 2, p. 211-232, ago. 2011. ISSN 2447-0686. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637179/4901>. Acesso em: 25 jan. 2019.

WHITE, Lydia. Against Comprehensible Input: The Input Hypothesis and the Development of Second-language Competence. *Applied Linguistics* [S.l. : s.n.], n. 8, 1997, p. 95-110.

WHITE, Lydia. On the Nature of Interlanguage Representation: Universal Grammar in the Second Language. In: DOUGHTY, C. J.; LONG, M. H. *The Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 2003a. p. 19-42.

WHITE, Lydia. Second Language Acquisition: from Initial to Final state. In: ARCHBALD, John. *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. Oxford: Blackwell, 2003b, p. 130-155.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Projeto: Aquisição da interface sintático-semântica nos estudos de aquisição de E como segunda língua

Pesquisadora: Lisandra Lopes Silva dos Santos (Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo)

E-mail: Lisandra.lss@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marcello Marcelino

### Pré-teste nº 01

#### 1) (Adaptado de Fanjul, p. 145) Completa las series.

(a) Hoy, hasta ahora, no han recogido la basura.

Creo que mañana, a esta hora, ya la \_\_\_\_\_.

(b) No sé si cuando lo encontremos en casa ya habrá preparado sus maletas para viajar.

Ojalá ya las \_\_\_\_\_. Así salimos enseguida.

(c) Quiero terminar mi carrera antes de casarme.

Es bueno que siempre \_\_\_\_\_ de esta manera.

(d) Preferí no responder a sus ofensas, porque no me habría controlado fácilmente.

Qué bien que no \_\_\_\_\_. Sólo te habrías conseguido un nuevo disgusto.

(e) Mis cosas nunca están en su lugar. No sé más qué hacer.

Puede que alguien \_\_\_\_\_.

#### 2) (Inspirado em Fanjul, 2014, p. 187) Relaciona los elementos de las tres columnas. En la tercera, pon el verbo en la forma correspondiente. Observa el ejemplo en negrita.

- |  |                               |
|--|-------------------------------|
| a) Quiero que mañana a esa hora        | ( ) los resultados del examen |
| b) No quiero que                       | ( ) la recepcionista          |
| c) Espero que hasta el fin de este año | ( F ) <b>todos</b>            |
| d) No espero que hasta septiembre      | ( ) los mensajeros            |
| e) Prefiero que                        | ( ) las secretarias VIP       |
| f) <b>Quiero que</b>                   | ( ) todos ustedes             |

( ) que hice para aprobar la escuela \_\_\_\_\_. (salir)

( F ) **estén listos para responder en las finales.**

( ) \_\_\_\_\_ la verdad. (decirme)

( ) \_\_\_\_\_ a atender los llamados diciendo “Hola”. ¡Tiene que decir el nombre de la empresa! (volver)

( ) \_\_\_\_\_ sus cursos de idiomas. (terminar)

( ) ya \_\_\_\_\_ las entregas programas para hoy. (hacer)

**3) (Extraído de Encinas, 2001, p. 37) Completa las frases escribiendo el verbo conjugado.**

**Observa los ejemplos:**

- a) Si (aceptar) **aceptara** ese trabajo, viajaría más.
- b) El helicóptero (rescatar) \_\_\_\_\_ a los excursionistas, si le hubieran dado las coordenadas correctas.
- c) Si no lees ese artículo, no \_\_\_\_\_ (poder) contestar a esa pregunta.
- d) Te (invitar) \_\_\_\_\_, si supiera que estabas tan interesado.
- e) (Conseguir) \_\_\_\_\_ sus objetivos si hubieran tenido más ánimo, pero, como siempre, se rindieron demasiado pronto.
- f) El equipo de balonmano (ganar) \_\_\_\_\_ las semifinales, si el arbitraje hubiera sido justo.
- g) Si no (distrarse) \_\_\_\_\_, la tarta no hubiera quemado.
- h) Si declara la verdad ante el juez, le (caer) \_\_\_\_\_ diez años como mínimo.
- i) Pospondría la reunión, si (avisar) \_\_\_\_\_ de que llegabas tarde.
- j) Si me (describir) \_\_\_\_\_ la casa antes, te hubiera dicho que era la misma casa en la que estuve el año pasado.

**4) (Extraído de Jacobi et. alli, 2011, p. 363) Rechaza las siguientes opiniones como en el ejemplo.**

- a) A mí no me pareció que Pedro haya estado enfermo la semana pasada. > *Seguramente Pedro estuvo enfermo la semana pasada.*
- b) La policía cree que ha sido un accidente. > \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- c) No me parece que el empleado haya actuado con malas intenciones. > \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- d) Daniel ha puesto informaciones confidenciales en su *blog*. > \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- e) No creo que este escritor haya plagiado a García Márquez. > \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- f) Entre Sofía y Daniel ha pasado algo porque no se hablan hace un mes. > \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 5) (Adaptado de Jacobi et. alli, 2011, p. 363) Observa las expresiones de estas personas.  
¿Qué puede haberles ocurrido? Formula por lo menos dos conjeturas para cada imagen.



Fonte: <http://www.sobreavida.com.br/wp-content/uploads/2012/10/ex.jpeg>

---



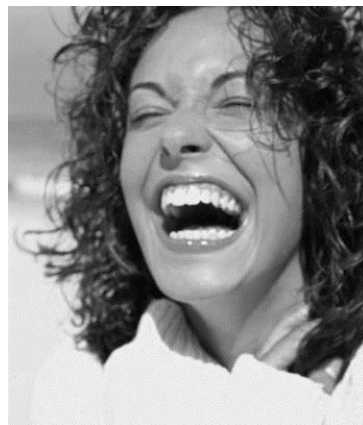
---



---



---



Fonte: <https://donaelegancia.files.wordpress.com/2015/09/sorir.jpg>

---



---



---



---

- 6) (Adaptado de Jacobi et. alli, 2011, p. 377) Transforma las frases y haz las alteraciones necesarias, cambiando el estado de las acciones de *ocurrido* para *no ocurrido*.

El hecho ocurrió	El hecho no ocurrió
a) Me alegro mucho cuando José viene a visitarnos. (José vino a visitarnos)	(José no vino a visitarnos) <b>Me alegraría mucho si José viniera a visitarnos.</b>
b) ¿No te preocupa que tu hija haya vuelto tan tarde? (Tu hija volvió tarde)	(Tu hija no volvió tarde)
c) A mis padres les molestó que no los hayamos telefoneado durante el viaje. (No los telefoneamos)	(Los telefoneamos)
d) (Se han separado definitivamente)	Si Martín y Francisca se separan definitivamente, me dará mucha pena.
e) A mis hermanos les fastidia la idea de que mi abuelo me regale un coche para mi cumpleaños.	(Mi abuelo no me regalará un coche)
f) Nos gustó mucho a todos que le hayan hecho el homenaje a Leopoldo el mes pasado.	(No hicieron el homenaje a Leopoldo)

**7) (Extraído de Jacobi et. alli, 2011, p. 376-377) Completa las frases con los verbos del recuadro conjugados.**

Casarse – conocer – ir – recibir – ver – informar – querer – preparar - invitar

- a) Ojalá nunca lo \_\_\_\_\_. Siempre que me hablas de Fernando, me pongo nerviosa.
- b) Es una pena que no nos \_\_\_\_\_ que presentarían la obra de teatro en nuestra ciudad. ¡\_\_\_\_\_ a verlos!
- c) Si Juana \_\_\_\_\_ a Pedro, yo no voy a su fiesta de cumpleaños.
- d) No creo que me \_\_\_\_\_ sin una cita. En esa secretaría son muy burocráticos, por eso no fui.
- e) ¡ \_\_\_\_\_ ustedes lo lindo que está el parque en la primavera!
- f) \_\_\_\_\_ visitar todos los museos de Madrid, pero sólo tenía un día. Así que elegí el Reina Sofía.
- g) No sabía que Jorge \_\_\_\_\_ con Angélica. La última vez que supe de ellos se habían separado.
- h) En el caso de que \_\_\_\_\_ la fiesta, te avisaré, no te preocupes.

**Referencias bibliográficas:**

- ENCINAS, Azucena. *Prisma B2 de ejercicios*. Madrid: Edinumen, 2001.
- FANJUL, Adrián. *Gramática y práctica de español para brasileños*. 2ª ed. São Paulo: Santillana, 2011.
- JACOBI, Claudia (et alli), *Gramática en contexto*. Madrid: Edelsa, 2011.